





O Descobrimento da India

por

D. Vasco da Gama

em 1497.

Certo grave e piedosa cousa d'ouvír! Ver huma Nação a que Deos deu tanto animo que se tivera creado outros mundos já la tivera mettido outros padrões de victorias, assím he descuidada na posteridade de seu nome; como se não fosse tão grande louvor dilatalo per pena como ganhalo pela lança!

[*Barros*, Dec. 1. Liv. 5. Cap. 11.]



Dom Vasco da Gama

ROTEIRO

DA VIAGEM QUE
EM
DESCOBRIMENTO DA INDIA
PELO CABO DA BOA ESPERANÇA
FEZ
DOM VASCO DA GAMA
EM 1497.

Segundo um Manuscripto coetaneo existente na Bibliotheca Publica Portuense.

PUBLICADO

Por DIOGO KOPKE Lente de Mathematica na Academia Polytechnica do Porto, e o DR. ANTONIO DA COSTA PAIVA Lente de Botanica e Agricultura na mesma Academia.

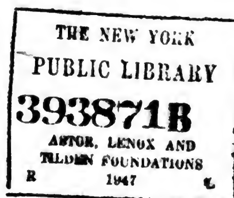
PORTO.

NA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE
Largo de S. João Novo N.º 12.

1838.

Agora vedes bem, que comettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se attreve;
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinão seu proposito, e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

(*Os Lusiadas*, Canto 1.º Estancia 27.)



PROLOGO.

O Descobrimento da India deu á Historia Portugueza a sua mais bella pagina. A audacia dos que o tentárão e conseguirão atravez de innumeraveis riscos e padecimentos, se a compararmos com os meios que então offerecia a arte de navegar, e com os terrores que defendião esses mares ignotos, é a mais illustre prova da robustez dos antigos corações Portuguezes. As revoluções de tres seculos, no augmento e decadencia dos povos da Europa; o sceptro dos mares passando rapidamente de Veneza e Genoa para Portugal, de Portugal para Hespanha, d'Hespanha para a Hollanda, da Hollanda para a Inglaterra; e todos estes successos ligados com a conquista da India, tornão o seu descobrimento um facto Europeu, um facto a que se vae prender a moderna historia de todos estes povos, que lhe devêrão seu engrandecimento e seus males. Desde o Adriatico ao mar das Hebridas a palavra *India* soa como um grito de recordações dolorosas, de gloria, e de remorsos. Com effeito quantos crimes gerou esse Oriente tão cubiçado, e por quantas lagrimas se tem comprado os seus arômas, as suas especiarias, e o seu ouro! Que nação se pode gabar de haver senhoreado o Indostão sem o seu titulo de posse apparecer manchado de traições, de perjurios, e de barbari-

dades! Portugal pagou com mais de dous seculos de opprobrio e de amargura oitenta annos de crimes, e a sua conta saldou-se perante Deus e os homens. As conquistas da Asia passárão a mãos estranhas, e a gloria desassombrada e pura é o que nos cumpre receber da herança de nossos maiores. Assim tudo o que servir para recordar as façanhas delles no Oriente será bom serviço da Patria trazê-lo a lume: nós cremos, portanto, ser uteis publicando o presente Roteiro.



O Manuscripto que damos ao publico pertencia á Collecção do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e hoje existe na Bibliotheca da Cidade do Porto, para onde nos consta fôra trazido com os demais manuscriptos daquella antiga e preciosa collecção.

Vê-se não ser autographo do que se lê a pagina 64 do M. S. e pagina 87 do nosso impresso, onde diz: *ficou na ponta da pena ao auctor deste livro como estas armas são fectas;* falta esta que foi notada pelo copista que trasladou o original. Apesar de copia o Manuscripto, comtudo, mostra pelo talho e caracter da letra não ser posterior aos começos do seculo 16.°; do que o Leitor perito se pode certificar pela inspecção do *fac-simile* das primeiras linhas, que apresentamos em estampa no fim deste Prologo.

Acha-se o codice marcado actualmente, segundo a numeração provisoria da Bib. Port., com o = N.° 804 = O formato é de *folio*; o papel de consistencia ordinaria e assaz escuro de côr; nelle se distingue alem das usuaes mar-

cas d'agoa em seu sentido longitudinal, a devisa propria do fabricante, da forma que se vê na estampa a que acabamos de referir; a côr da tinta ainda que um pouco desmaiada está bem conservada. Está o codice, pelo uso que delle se tem feito, separado da folha de pergaminho (d'algum livro de officios ecclesiasticos) em que fôra mal encapado; sendo precedido e seguido d'um folha de papel em branco de contexto e marca de mais moderno fabrico do que aquelle em que se acha escripto; distinguindo-se naquella que precede o M. S. tres linhas de letra de talho mais recente, e que, a pesar da diligencia com que se procurou riscar e apagalas, ainda é possivel lêr; dizem estas:

Pertinet ad usum fratris Theotonij de Sancto G ..... Canonici Regularis in Cenobio Scte Crucis.

Logo abaixo se vê

Dõ Theotonio;

e quasi no fim da pagina, em letra dos nossos dias, que nos parece da mão d'um dos Bibliothecarios do referido Mosteiro, o titulo

Descobrimento da India por D. Vasco da Gamma;

que se acha repetido na mesma letra na face da capa de pergaminho, e no alto da pag. em que começa o M. S.

Nenhum Livro se imprimiu até hoje ácerca da Viagem feita no descobrimento da India, escripto por testemunha ocular daquelle successo, havendo sómente de contemporaneo, em quanto á data que não em quanto á publicação, a relação, que Ramusio appresentou pela 1.ª vêz em 1554, como escripta por um gentilhomem Florentino que se achava em Lisboa ao tempo em que D. Vasco da Gama voltou, e que traçada com bastante confusão, como quem conta o que promisicuamente ouviu dizer a uns e a outros, está mui longe de se poder considerar como uma Relação Historica do Descobrimento da India. [Nota A.]

O nosso bibliographo Barboza Machado attribue uma relação desta viagem ao mesmo D. Vasco da Gama; mas sem nos dizer onde existia, e indicando que nunca fôra estampada. A pg. 775 do 3º tomo da Bibliotheca Lusitana (1752) achamos, depois do panegyrico de D. Vasco da Gama, as palavras seguintes:

" Compôz = *Relação da Viagem que* " *féz á India em o anno de* 1497 = M. S. " Desta obra e seu auctor fazem menção Nicoláo " Antonio Bib. Hisp. Vet. lib. 10. cap. 15. §. " 843, e Antonio de Leão, Bib. Ind. Tit. 2.º, " e o seu addicionador Tomo 1.º tit. 2. col. 25."

Não podémos cotejar a citação que faz Borboza de Antonio de Leão, por não termos encontrado sua obra; mas em quanto áquella que faz de Nicoláo Antonio achamos, tanto na Edição de 1672 como na de 1788 — (posterior a Barboza Machado) no lugar apontado as palavras seguintes: —

" Vascus da Gama.... dedit reversus Em-
" manueli suo Regi populari Portugaliæ idio-
" mate navegationis suæ ad Indiam anno
" MCDXCVII relationem, *quæ lucem* vidit:"–
donde poderiamos colligir ter sido tal obra impressa. *

E' infelicidade que nenhum dos Bibliographos citados indicasse a fonte donde derivou sua informação; deixando-nos particularmente Barboza na duvida se a sua foi resultado de indagações proprias e locaes, ou se elle foi um mero copiador do que a este respeito appresentão as duas auctoridades por elle citadas; não sendo esta nossa duvida destruida pela circunstancia de elle não se adiantar tanto como Nicoláo Antonio em asseverar que a relação de Gama fôra impressa, porque pode mui bem acontecer que nunca tendo encontrado tal obra elle duvidasse de sua publicação.

---

* Poderamos comtudo mui consistentemente hesitar em dar ás palavras *quæ lucem vidit* de Nicoláo Antonio a accepção usual de *foi impresso*, pois temos reparado que n'este auctor nem sempre se fèz escrupuloso uso de tal expressão, applicando-a alguma vèz a obras que não passárão de manuscriptas. Sirva de exemplo a noticia seguinte extrahida de sua Bibliotheca Hespana Nova. [Ed. de 1788] tomo 2° pg. 399 "— Anonymus Lusitanus, in eadem bibliotheca servatus, *dedit in lucem*, Lusitané; "*Derrotero* " *desde Lisboa al Cabo de Buena Esperanza, y India* " *Oriental*, cum figuris versicoloribus. ☞ M. S. in 4.° "

Mas mal podemos deduzir argumento algum de passagem de tão desleixada construcção, que se reduz á noticia de que *um Livro publicou um Livro*!

Temos, comtudo, motivos para crer que esta *tradicção* (como lhe chama José Carlos Pinto de Souza em sua Bibliotheca Historica) de ter D. Vasco da Gama escripto uma relação de sua 1.ª viagem, tem sido mais geralmente divulgada. Em toda a fieira dos Diccionarios Historicos Francezes, propagadas de edição em edição, achamos as palavras seguintes:

" Diz-se que publicou a Relação de sua primeira viagem á India; mas esta não se acha: "

e se retrocedermos de edição em edição havemos de achar as identicas palavras citadas apparecendo pela 1.ª vêz na edição que em 1732 se fêz do de Moreri, accrescentada a ellas a nota = ***Bibliotheca Portugueza Manuscripta.***

Quem fosse o Autor desta Bibliotheca Portugueza fica-nos em conjectura, que os editores do Diccionario não o declarão por nome; mas no prefacio, quando tratão dos melhoramentos daquella sua edição lemos o seguinte:

" Tendo esquecido nas edições antecedentes " tudo o que diz respeito á Historia Litteraria de " Portugal, e tendo a Academia que o rei aca- " ba de estabelecer com tanta gloria em sua ca- " pital, chamado a attenção dos revisores da obra " sobre os sabios daquelle paiz, que bem que em " grande numero são quasi desconhecidos em " França, — um Escriptor Portuguez, homem " judicioso e de mui vasta erudição, forneceu-lhes " memorias extrahidas d'uma Bibliotheca Portu- " gueza, que elle tenciona em breve publi- " car em sua lingua patria." No decurso do

Diccionario não achámos com que romper o anonymo do escriptor Portuguêz. Que não fosse Barboza Machado (que já em 1724 tinha começada e já adiantada sua "Bibliotheca", como se conclue de pg. 23 do seu prefacio) é mais que provavel, porque fazendo este menção de todos os elogios, mesmo indifferentes, que tivera sua obra antes de impressa, não omittira este tributo dos Editores de Moreri se a elle fora dirigido. Pode ser que fosse o anonymo, D. Luiz Carlos de Menezes, Conde de Ericeira, que forneceu um tomo de correcções e addições a Dom Joseph de Mariavel, que em 1753 deu á luz uma augmentada traducção em Hespanhol do Diccionario de Moreri; mas duvidamos que o fosse, tanto porque não esqueceria aos editores Francezes dizer alguma cousa da elevada posição social do Conde, como porque se fôra elle que em primeira instancia lhes forneceu memorias relativas a escriptores Portuguezes, mal se pode suppôr que elle tivesse motivo para *um tomo de addições* e correcções que remettesse ao Traductor Hespanhol [V. Mariavel em seu prefacio; — Bib. Lusitana em "D. Luiz Carlos de Menezes."] E', comtudo, de notar que na referida edição em Hespanhol a phrase dos editores Francezes se acha conservada, havendo sómente mais alguma força na negativa de não achar-se a allegada relação de D. Vasco da Gama; pois diz Mariavel que ella = *no se halla ni se encuentra.* =

Seja, porem, quem fôr este Bibliographo,

em quanto a nós tanto elle como os mais escriptores que temos citado, se enganárão.

Quando Ramusio fêz a sua collecção de Viagens não poupou diligencias para alcançar os impressos e manuscriptos de mais nomeada e veracidade, que fizessem a seu intento de dar reunidas n'um corpo todas as noticias tocantes ás descobertas e navegações dos modernos. Não só quem ler os prologos dos *Giuntas*, editores da collecção, ficará convencido disso; mas tambem quem se lembrar de que alli apparecem algumas relações, escriptas por Portuguezes, e cuja existencia ignoraramos se lá não se encontrassem. Sendo isto certo, não nos parece de crer que a narração da viagem de D. Vasco da Gama, por elle proprio escripta, fosse tão desconhecida, que escapasse ás indagações de Ramusio; e tanto mais que não foi por abundancia de outras relações que elle a ommittiu, visto que para inserir na sua collecção alguma cousa tocante ao descobrimento da India, aproveitou o 3.º Livro da 1.ª Decada de João de Barros, que havia pouco tinha publicado as duas primeiras Decadas de sua Asia.

Accresce que citando-se nos nossos escriptores das cousas do Oriente tantas obras, hoje inteiramente perdidas, em nenhuma, que nós saibamos, se encontrão rastos da Relação de D. Vasco da Gama, a qual se existisse, fôra com razão mui nomeada por ser composição do homem que mais estava no caso de escrever a historia daquella arriscada e gloriosa empresa.

Estas razões negativas são reforçadas por outra, que vem a ser o não declarar nem Barboza, nem nenhum dos Bibliographos que apontámos, porque modo alcançaram noticia da Obra de D. Vasco da Gama, e tudo nos induz a crer que a "Relação" do Almirante é um sonho bibliographico, que talvez tivesse origem tão simples como a que vamos aventurar.

E' provavel que este nosso M. S. fosse noticiado aos indagadores de nossa historia litteraria da forma que o titulo por nós mencionado o indica; isto é como = *Relação do Descobrimento da India por D. Vasco da Gama* = Pode muito bem ter acontecido que sendo a preposição *por* referida pelo noticiador ao substantivo *descobrimento*, fosse pelo Bibliographo, a quem foi dirigido este titulo, referida a *Dom Vasco da Gama*; e daqui, pelo equivoco da construcção grammatical, fosse este considerado auctor da referida relação. Esta opinião nos parece provavel, e podemos sem temeridade suspeitar que foi o Manuscripto que ora offerecemos ao publico que deu motivo a crer-se que o Descobridor da India tinha escripto a relação de sua viagem. Ao menos em quanto esta não apparecer é licito duvidar de sua existencia e conjecturarmos do modo mais plausivel sobre a origem de tal *tradicção* litteraria.

Quem porem é o auctor do nosso Manuscripto é que não podemos alcançar. Do contexto da obra se colhe que não era nenhum dos capitães, ou pilotos dos navios, mas sim um simples

soldado ou marinheiro que pertencia á tripulação do navio de Paulo da Gama, irmão do Almirante, e que tinha comtudo alguma valia, pois achamo-lo fallando de si, na primeira pessoa, em occasiões de serviço para as quaes é mui de pensar houvesse escolha nos individuos a quem se encarregava. Em Calecut foi um dos doze que D. Vasco levou comsigo quando desembarcou para ter audiencia do Çamorim; e isto posto que não determine completamente quem fosse, já dá logar a algumas conjecturas. Castanheda, em sua Historia do Descobrimento, &c. nos conservou os nomes de alguns destes, nomeando a Diogo Dias, escrivão de D. Vasco; Fernão Martins o lingoa; o seu veador [cujo nome não aponta]; João de Sá, escrivão de Paulo da Gama; um marinheiro chamado Gonçalo Pirez, que fora da criação de D. Vasco; um Alvaro Velho; e Alvaro de Braga, escrivão de Nicoláo Coelho. Ora dado, como adiante demonstraremos, que o Manuscripto que agora publicamos, foi a principal fonte a que recorreo Castanheda na sua Historia citada, é mui de suppor que, attenta a contemporaneidade e as sabidas diligencias deste, elle conhecesse quem fôra o auctor, e que declarando este ultimo ter sido um dos referidos doze [veja-se pag. 54] fosse por Castanheda nomeado. O contexto da obra exclue immediatamente e com toda a evidencia, a Diogo Dias, Fernão Martins, o veador de D. Vasco (fosse quem fosse), e Alvaro de Braga; sendo tambem João de Sá excluido — pela inducção

que tiramos de ter o auctor sido um simples soldado ou marinheiro [e mais provavelmente marinheiro] das expressões de que usa quando falla genericamente dos de sua classe em contra-distincção dos capitães , dizendo , por varias vezês, *nós outros*, *alguns de nós outros;* por uma circunstancia que narra Castanheda (Liv. 1.° cap. 16) da qual se mostra que João de Sá duvidava muito do *Christianismo* (*) dos habitantes de Calecut , no qual parece que nosso auctor firmemente accreditava; por alguns serviços em que o Auctor indica ter sido empregado, como sondas (pag. 24) que mais convem a marinheiro que a escrivão — [bem que sabemos pela historia que João de Sá fôra tambem soldado e nautico]; e finalmente pela evidencia intrinseca do estylo e narrativa que parece-nos indicar sua humilde situação.

Sobre os dous que nos restão poderia haver duvida se Castanheda não viesse em nosso auxilio. Destes, Alvaro Velho e Gonçalo Pirez , ficará o ultimo excluido das nossas supposições, pela comparação das passagens que

---

(*) Nossos primeiros navegantes imbuidos nas exageradas relações que corriam relativamente á profissão religiosa do Preste João que se dizia ser christão; tendo encontrado alguns dos denominados christãos de S. Thomé; e tendo poucas ideas de outra religião que não fosse a sua ou o Mahometanismo; facilmente accreditárão , ao começo , que os Indostanos erão Christãos.

contrastamos de Castanheda e nosso Auctor; nas quaes fallando este ultimo em terceira pessoa, é esta nomeada Gonçalo Pirez pelo primeiro:

Castanheda.	Nosso Anonymo.
Liv.° 1.° cap.° 21.	Paginas 69.
O catual .... levou Vasco da Gama ao longo da praya; e como elle tinha má suspeita desta gente pelo que lhe fora feito em Calecut, disse a *Gonçalo Pirez*, o marinheiro, que *com outros dous* dos nossos fosse diante o mais que podesse, e se achasse Nicoláo Coelho com os bateis, lhe dissesse que se escondesse...	Entam nos levarão ao longo da praya. E o capitão parecendolhe aquillo mal mandou diante *tres homens*, e que se achassem os bateis dos navios e ahi estivesse seu irmão, que se escondesse........

Passão depois um e outro auctor a narrar como estes tres homens se perderão do resto da comitiva do capitão-mor; e accrescentão: —

Castanheda.	Nosso Anonymo.
(Ibidem)	Pag. 71.
E estando assi chegou, *Gonçalo Pirez* com recado de Nicoláo Coelho que o esperava com os bateis...	E estando nós assi, veio *um daquelles homens* que se de nós perdera o outro dia á noute, e disse ao Capitão que Nicoláo Coelho estava desde o outro dia á noute com os bateis...

Desta forma resta-nos Alvaro Velho, que mui bem podemos suspeitar ser o Auctor da Relação que publicamos. Entre tanto claro fica não passar isto de mera conjectura fundada nas ante-postas premicias, de que Castanheda sabia quem era este auctor e que a reconhecida veracidade do infatigavel Historiador do Descobrimento da India não o desemparou nas citadas passagens.

De quanto valêra nosso Manuscripto a Castanheda colhe-se do facto de ter sido mais que metade do 1.° Livro da Historia da India pela maior parte quasi litteralmente copiado da relação que publicamos — verdade de que os leitores facilmente se convenceráõ. A concordancia dos dous escriptos ficará mais evidente se neste exame nos servirmos da 1ª, e rarissima Edição do 1° Livro, impressa em 1551; onde alem da prova que offerece o contexto geral,

lêr-se-há no capitulo 27 as palavras : "e os pilo-
" tos disserão que erão nos baixos do Rio Gran-
" de , *e as mais particularidades que daqui*
" *por diante passou o capitão mor até a Ilha*
" *de Santiago eu não as pude saber* ; sómen-
" te &.ª " palavras estas que na subsequente edição de 1554 forão supprimidas e o capitulo alterado, sem que , comtudo , pre-enchesse Castanheda a lacuna que accusa. E' com effeito até ao ponto marcado por essas mesmas palavras que chega nossa relação; que desta sorte ainda mais se corrobora ter sido a fonte a que o autor da Historia da India recorrêra. (Vid. a nota B)

Quando primeiramente tomamos este Manuscripto entre mãos , as circumstancias de ter elle vindo de Coimbra onde Castanheda escrevêra e publicara sua obra , — de ter sido esta , como temos demonstrado , baseada , em quanto á 1.ª Viagem á India , sobre este manuscripto , — e da semelhança do talho da letra com uma assignatura , que razoavelmente se pode suppôr de *Fernão Lopes* de Castanheda , e que se encontra no fim d'um exemplar da edição de 1554 do 1º Livro que encontramos na Bibliotheca Portuense , — tudo isto fêz-nos entreter suspeitas de que este nosso manuscripto fosse o identico de que elle se servisse na composição de sua historia , sendo tal copia um daquelles trabalhos de buscar e trasladar memorias , onde quer que existissem que dissessem respeito a seu intento , em que , segundo elle nos testifica , se occupou pelo espaço de 20 annos com tanto gasto de sua fazenda e estrago de sua

saude. Mas sendo tão difficil o concluir a identidade de letra de mão pela inspecção de assignaturas corridas, tentamos immediatamente instituir indagações na Universidade de Coimbra (onde Castanheda foi Bedel e Guarda do Castorio) a fim de obtermos tanto fac-similes da letra usual de Castanheda como de sua assignatura; mas tem até hoje sido mal-logrados (por motivos que escusamos apontar) os nossos desejos. Appresentamos comtudo aos nossos leitores o fac-simile da Assignatura que referimos, tanto como objecto de curiosidade como talvêz fornecendo um fio que possa, nesta idea, servir de guia a indagadores subsequentes.

Terminaremos esta longa serie de duvidas e conjecturas dizendo que talvêz todas ellas desapparecessem se encontrassemos o Catalogo (que parece-nos incrivel que o não houvesse) dos M. S. de Santa-Cruz de Coimbra, onde quando não de todo se apartasse o veo que encobre nosso Anonymo, poderião mui bem offerecer-se circumstancias que nos ajudassem, tanto a decidir com mais alguma affouteza da questão que attribue uma relação de sua viagem a D. Vasco da Gama, como em determinar com mais algum gráo de probabilidade quem fosse o Auctor desta que publicamos.

Pelo que toca ao merito de estilo e linguagem debalde se buscará neste inedito cousa da menor valia nesta parte; nem é de admirar que assim aconteça em um livro escripto por um soldado ou marinheiro, quando nas obras dos eruditos daquella epocha, até muitas vezes se

busca em vão a concordancia grammatical. O merito, porem, deste Roteiro consiste, não na linguagem nem no estilo, mas em ser escripto por uma testemunha ocular do portentoso feito do Descobrimento da India. Na copia que appresentamos ao Publico procuramos cingir-nos o mais possivel ao original; por isso conservamos a irregularidade de sua orthographia, e não quizemos corrigir os solecismos em grammatica que muitas vêzes nos offerece. Declaramos que somos contrarios á reimpressão dos nossos escriptores antigos na orthographia dos tempos em que escrevêrão, que não serve esta hoje em dia senão de occultar seu pensamento e em muitos casos a belleza de sua phraze, debaixo do que. para a generalidade de leitores, pode comparar-se a um desfarce de traje, que por bello que seja enfastia pela continuação de seu trato; e attrevêmo-nos a affirmar que a este systema (e suas concomitantes circumstancias) talvêz devamos a mui pouca licção que entre nós, em mal, se encontra dos Classicos Nacionaes, que raro será o individuo que, não tendo um decidido gosto pelo estudo de Antiguidades, se quecira dedicar com assiduidade a uma leitura que é tão contraria áquella que habitualmente encontra: mas julgámos que na publicação d'um escripto que apparece pela primeira vêz depois de tão longo lapso d'annos desde o tempo em que foi traçado — que não offerece garantia externa de nome de Auctor, e sómente se fáz fidedigno pelas provas de authenticidade intrinseca que nos appresenta — e que de mais, se

ostenta como tendo servido de base a outra mais elaborada narrativa do Descobrimento da India — deviamos ligar-nos a uma copia litteral. Lembrou-nos ao começo regularisar a orthographia ; mas se isso fizessemos mal poderiamos escusar-nos á correcção do texto, em forma tal que mais pareceria obra nossa do que do seu original escriptor.

Debaixo deste preceito, que nos estabelecemos, conservamos o uso do *s* singelo, com o som de *ç*, (que na maior parte das vezes no M. S. se encontra) e o *j*, com o som de *i* longo, onde assim o encontrámos. Desta sorte escrevêmos *noso* por *nosso*, *majs* por *mais*, *jso* por *isso*. Da mesma forma não quizemos supprimir as letras dobradas (como por exemplo os *rr*) de que, contra o estilo moderno e sem necessidade, os nossos antigos usavão no começo e mesmo meio das palavras; nem quizemos introduzir letra que duplicasse, quando o A. assim não escrevêra. Seguimos tambem o mesmo systema de numeração que no M. S. encontrámos, e quando possa haver difficuldade referimos sua explicação a Notas no fim do volume, onde procurámos ajuntar tudo que podesse elucidar o texto e gratificar o leitor.

Fomos comtudo obrigados a afastar-nos do restricto systema de copia no uso de letras majusculas para o principio dos nomes proprios de pessoas, terras, &ª, pois d'outro modo, conservando as minusculas do que o A. usa, ficaria mui confusa a apparencia do texto e desagradavel a leitura. Fomos tambem obrigados

a introduzir mais pontos, e accentos, do que encontrámos, a fim de tornar o sentido mais corrente e evitar equivocações; mas d'uma e outra cousa fomos o mais economicos que podemos a fim de conservar as feições caracteristicas do original. Igualmente emendamos alguns erros evidentemente de copia, como por *alega* escrevemos *alegria*, por *mata*, *matamos* &ª &ª. Finalmente recommendaremos a quem a difficuldade da orthographia tornar repugnante a leitura do Roteiro, persista até 3 ou 4 paginas, e verá desvanecer-se, com este pequeno ensaio, toda a apparente difficuldade.

No Mappa Demonstrativo da Derrota de D. Vasco da Gama, procuramos, marcando a verdadeira direcção della, (até onde é possivel,) destruir de uma vêz para sempre a força das asserções que entre nacionaes e estrangeiros tem apparecido, da impericia e casualidade do Descobrimento da India. Citaremos, d'entre outros, o Dezembargador Antonio de Mariz Carneiro, Cosmographo Mór do Reino, que no seu " Regimento de Pilotos e Roteiro da Navegação da India "– (Lisboa, 1642) diz : –

" O Descobrimento da India se fêz em tempo d' El Rey Dom Manuel, no anno de 1497, por Dom Vasco da Gama, fidalgo de sua caza; costeando a costa de Guiné e Angola, chegou ao Cabo de Boa Esperança, onde acabando-se-lhe a terra austral, pela qual tantos dias avia navegado, guiado mais por Deos Nosso Senhor, que por roteiros nem informações que levasse a que parte do mundo a India es-

tava e só com aquelle seu esforço e invencivel animo não temeo dobrar o dito cabo, &.ª "

E quando encontramos nacionaes assim desfigurando os factos, não é de admirar que entre estrangeiros se adoptem ideias, que logo nelles apparecem revestidas de linguagem menos comedida em desdouro de nossa fama. Já Pedro Nunes tinha dito, em sua *Defensão da Carta de Marear*, que " estes descobrimentos de costas, ilhas, e terras firmes, não se fizerão indo a acertar, mas partiam os nossos marcantes mui ensinados e providos de instrumentos, e regras de astrologia, e geometria"; e com effeito basta consultar mui superficialmente a generalidade de nossos Historiadores para provar que "nossa navegação foi sabiamente calculada sobre profundas combinações e altissimas conjecturas; guiada pelos principios da Cosmograhia e Geographia, apoios da Nautica; talhada sobre um plano luminoso, constante e regular; e dirigida por novos instrumentos e applicação das regras da Astronomia e Geometria." *

D. Vasco da Gama ia munido de quantas instrucções e socorros lhe podia subministrar a observação, a politica, e as sciencias daquelle tempo, que de tudo fazem fé nossos historiadores. O seu destino lhe foi d'antemão marcado, a saber Calecut, para cujo Rei elle le-

---

* Antonio Ribeiro dos Santos, Mem. de Litt. Port. da A. R. das S. de Lisboa, Tomo 8, pag. 169.

vava uma Carta de D. Manuel. Reunida sua frota nas Ilhas do Cabo Verde, elle d'ahi partiu engolfando-se no Oceano Atlantico Austral por um Rumo que não se affastava muito do Sul; e para assim fazer elle aproveitou-se do conhecimento dos ventos geraes da Costa Occidental d'Africa, que erão contrarios á sua derrota, e da direcção que a Costa Oriental; ja descoberta em seu começo por Bartholomeu Dias, seguia de Sul para Norte. Chegado a uma Latitude Sul approximada á do Cabo da Boa Esperança elle se dirigiu no Rumo do Oueste; o que, ao tempo que mostra que elle se fundava em dados scientificos, em nada diminue a audacia da empreza. Esta carreira é comprovada pela circumstancia dos conhecimentos anteriores, por nosso Roteiro, e por *todas as subsequentes navegações* * á India; e se Cabral em 1500 descobriu o Brazil foi que conforme ao exemplo de D. Vasco elle seguiu o rumo do Sul, apartando-se porem demasiadamente para Oueste. No mar Indico, que lhe era desconhecido, achamo-lo prolongando a Costa d'Africa de Sul a Norte, até que encontrou Piloto que o conduzisse a seu destino, e com cujo soccorro vemo-lo aproveitando-se das monções tanto para a sua ida a Calecut como em sua volta, bem que na primeira travessa fosse

* Vid. a Collecção de noticias Geographicas da A. R. das S. de Lisboa, nas Viagens de Cabral, Thomé Lopes, João d'Empoli &c.

mais feliz que na segunda. Nesta, depois de dobrado o Cabo da Boa Esperança, achamo-lo mettendo-se na corrente dos ventos geraes do S. O. da Costa Occidental d'Africa, afim de chegar as Ilhas do Cabo Verde.

São estas as circumstancias que quizemos apontar em nossa Carta Reduzida de sua Derrota, a qual temos marcada por rumos que ainda que se não devem considerar mais do que approximações, são mais representativas da verdade do que as arbitrarias derrotas que na maior parte dos Mappas, (em que esta navegação se acha marcada) lhe são assignadas.

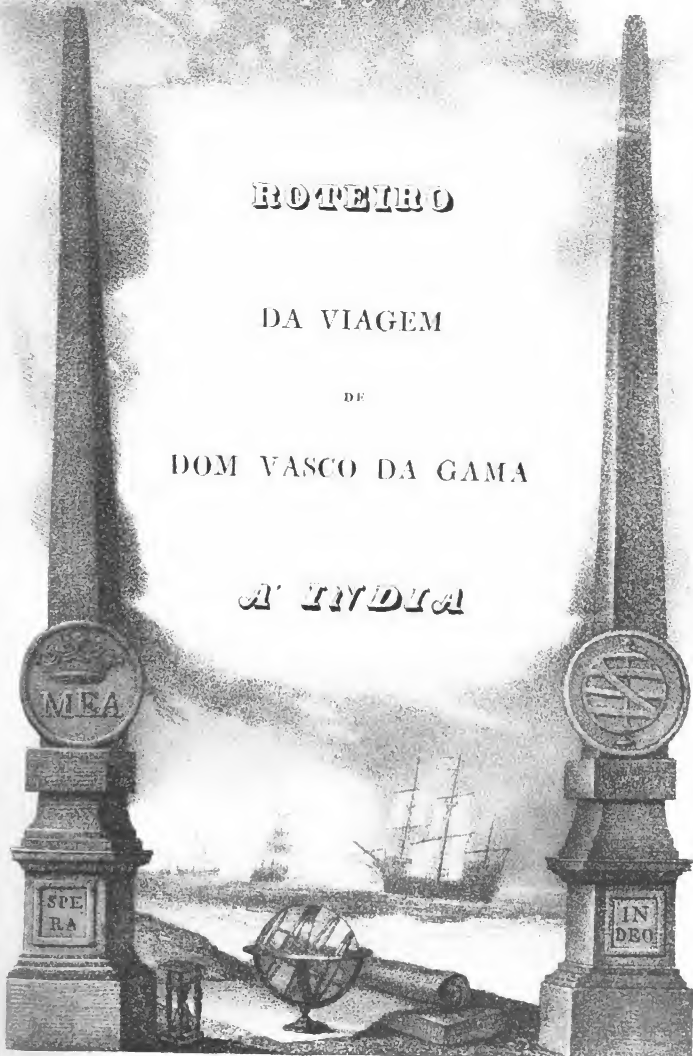
Quanto ao Retrato que offerecemos em frente do titulo, e que devemos ao reconhecido talento do Snr. João Baptista Ribeiro, cumprenos declarar que este Snr. se serviu para as feições de D. Vasco da Gama de hũa estampa gravada por D. J. da Silva, copiada de hum quadro a oleo que possuia o Exm.º Arcebispo de Goa D. F. Francisco de Brito, o qual o mandou copiar do que estava na sala dos Governadores em Goa; porem a respeito do traje seguiu a descripção dada por Camões nos Lusiadas C. II Est. 47 e 48; exemplo que ja seguira F. Gérard nos famosos desenhos que abrilhantão a rica edição dos Lusiadas publicada em 1817 por Dom Jose Maria de Souza-Botelho; assim como attendeu aos esclarecimentos dados por Faria e Souza em sua Asia. E para abranger as recordações historicas que demais perto respeitão o nosso objecto apprezentamos aos Senhores Assignantes hum frontispicio com huma

medalha que ElRei Dom Manuel mandou cunhar pouco tempo depois de sua accessão ao throno, a qual se não foi destinada a commemorar o descobrimento da India é extraordinariamente prophetica do mesmo acontecimento; esta se acha gravada na Historia Geneologica da Caza Real Portugueza Tom. IV. Est. 54. A esphera armillar e as armas de Portugal daquelle tempo adornão o referido frontispicio, que é tambem producção do mesmo Artista. Os fac-similes e Mappa são do desenho lithographico do Snr. João Thomaz de Carvalho e Silva, que já se tem distinguido em trabalhos da mesma especie.

Terminaremos este prologo aproveitando-nos gostosamente da occasião para tributar, de uma maneira publica, nossos agradecimentos aos ex-primeiros Bibliothecarios da Bibliotheca Publica Portuense os Senhores Diogo de Góes Lara d'Andrade, e Francisco Vellozo da Cruz, e ao actual 2.° Bibliothecario, servindo de 1°, o Snr. José Cardozo Ribeiro, pela obsequiosa urbanidade com que, apontando e facilitando-nos todos os recursos da Bibliotheca, muito nos coadjuvarão em nossas indagações.

Marca d'agoa do papel do M. S.





J. B. R.

Lith. 1838

Em Nome de Deus, Amem. Na era de mjll iiijLRvij mandou ELL REY Dom Manuell o primeiro deste nome em Portugall, a descobrir, quatro navios, os quaees hiam em busca da espeçiaria, dos quaees navios hia por capitam moor Vasco da Gama e dos outros duũ delles Paullo da Gama seu irmãoo e doutro Njcollao Coelho.

PARTIMOS de Restello huũ sabado que eram oyto dias do mes de Julho da dita era de 1497 noso camjnho que Deus noso Senhor leixe acabar em seu servjço, Amem.

1

Primeiramente chegamos ao sabado segujnte a vista das Canarias e esa noute pasamos a jula-vento de Lançerote e a noute seguynte amanhecemos com a Terra Alta, omde fezemos pescaria obra de duas oras, e loguo esta noute em anouteçendo eramos atraves do rrio do Ouro. E foy de noute tamanha a çarraçam que se perdeo Paullo da Gama de toda a frota per huũ cabo e pello outro o capitam moor. E depois que amanheçeo nom ouvemos vista delle, nem dos outros navios, e nos fezemos o camjnho das Jlhas do Cabo Verde como tinhamos ordenado quę quem se perdese que se segujse esta rrota. Ao domjngo segujnte em amanhecendo ouvemos vista da Jlha do Sall, e loguo dij a huũa ora ouvemos vista de tres navios, os quaees fomos demandar e achamos a naoo dos mantimentos e Njcollao Coelho, e Bertolameu Diz que hia em nosa companhia até a Mjna, os quaees tambem tinham perdidos o capitam moor. E depois de sermos juntos segujmos nosa rrota e faleçenos o vento e amdamos em calmaria ate a quarta feira pella manham. E aas dez oras do dia ouvemos vista do capitam moor avante nos obra de cinquo legoas e sobre a tarde nos viemos a falar

com mujta alegria onde tiramos mujtas bombardas e tanjemos trombetas e tudo com mujto prazer pollo termos achado. E ao outro dia que era qujnta feira chegamos a Jlha de Samtiago onde pousamos na praya de Santa Maria com mujto prazer e folgar e aly tomamos carnes e augoa e lenha e corregendo as vergas dos navios porque nos era necesario. E hũa quynta feira que eram tres dias Dagosto partimos em Leste, e hindo huũ dia com Sull quebrou a verga ao capitam moor e foy em xviij dias Dagosto e seria isto ij' legoas da Jlha de Samtiaguo, e pairamos com o traquete e papafigo dous dias e hũa noute, e em xxij do dito mes hindo na volta do mar ao Sull e a quarta do Sudueste achamos mujtas aves feitas como garçõees e quando veo a noute tiravam contra o Susoeste mujto rrigas como aves que hiam pera terra, e neste mesmo dia vimos hũa balea e isto bem oytocentas legoas em mar.

¶. A vinte e sete dias do mes Doutubro vespora de Sam-Simam e Judas que hera sesta feira achamos mujtas baleas, e hũas que se chamam quoquas, e lobos marinhos.

¶. Hũa quarta feira primeiro dia do mes

de Novenbro que foy dia de Todos os Santos achamos mujtos signaees de terra os quaees eram huũs golfãoos que naçem ao lomgo da costa.

¶. Aos quatro dias do dito mes sabado ante manhã duas oras achamos fundo de cemto e dez braças ao majs e as nove oras do dia ouvemos vista de terra a emtam nos ajuntamos todos e salvamos o capitam moor com mujtas bandeiras e estemdartes e bombardas e todos vistidos de festa e em este mesmo dia viramos bem junto com terra na volta do mar, porem nom ouvemos conhecimento da terra.

¶. A terça feira viemos na volta da terra e ouvemos vista duũa terra baixa e que tinha huũa grande baya. O capitam moor mandou Pero Dalanquer no batell a ssumdar se achava bom pouso pello qual a achou mujto boa e limpa e abrigada de todollos vemtos soomente de Noroeste e ella jaz Leste e Oeste, aa quall poseram nome Santa Ellena.

¶. A quarta feira lançamos amquora na dita baya onde estivemos oyto dias alimpando os navios e corregendo as vellas e tomando lenha.

¶. A quatro legoas desta amgra pera o Sueste jaz huũ Rio que vem de dentro do sartãoo que he em boca huũ tiro de pedra e daltura duas e tres braças de qualquer auguoa e chamase o rrio de Samtiaguo.

¶. Nesta terra a homẽes baços que nom comem senam lobos marinhos e baleas e carne de gazellas e rraizes dervas e andam cubertos com pelles e trazem huũas baynhas em suas naturas. E as suas armas sam huũs cornos tostados metidos em huũas varas dazambujo e tem muytos cãees como os de Portugall e asy mesmo ladram.

¶. As avees desta terra sam asy mesmo como as de Portugall, corvos marinhos guayvotas rrollas e cotovias e outras mujtas avees e a terra he mujto sadia e tenperada e de boas ervas.

¶. Ao outro dia depois de termos pousado que foy a quinta feira saimos em terra com o capitam moor e tomamos huũ homem daquelles, o qual era pequeno de corpo e se parecia com Samcho Mixiaa e andava apanhando mell na charnequa, porque as abelhas naquel-

la terra o fazem ao pee das moutas, e levamollo a naoo do capitam moor, o quall o pos comsiguo aa mesa e de todo o que nos comjamos comja elle. E ao outro dia o capitam moor o vistiu mujto bem e o mandou poer em terra. E ao outro dia segujnte vieram quatorze ou xv delles aquy onde tinhamos os navios. E o capitam moor foy em terra e amostroulhe mujtas mercadorias pera saber se avia naquella terra alguũa daquellas cousas, e as mercadarias eram canella e cravo e aljofar e ouro e asy outras cousas e elles nam entenderam naquellas mercadarias nada como homẽs que nunca as viram, pollo quall o capitam moor lhes deu cascaves e anes destanho. E jsto ffoy a sesta feira. E jso mesmo ao sabado segujnte. E ao domjnguo vieram obra de quorenta ou cinquoenta delles e nos depois que jantamos saimos em terra e com ceitis que levavamos rresgatamos conchas que elles traziam nas orelhas que pareciam prateadas e rrabos de rraposas que traziam metidos em huũs páoos com que abanavam ao rrosto, onde eu rresgatey huũa baynha que huũ delles trazia em sua natura per huũ ceitill. Pollo quall nos parecia que elles prezavam cobre por que elles mesmos traziam huũas comtinhas delle nas orelhas.

¶. Este mesmo dia huũ Fernam Velloso que hia com o capitam moor desejava mujto hijr com elles a suas casas pera saber de que maneira vivjam e que comjam ou que vida hera a sua. E pedio por merçe ao capitam moor que lhe dese licença pera jr com elles a suas casas, e o capitam vendose emportunado delle que o nom leixava senam que lhe dese a licença o leixou jr com elles e nos tornãonos ao navio do capitam moor a cear, e elle se foy com os ditos negros. E tanto que elles de nos foram apartados tomaram huũ lobo marinho e foramse ao pee duũa serra em huũa charnequa e asaram o lobo marinho e deram delle ao Fernam Velloso que hija com elles e das rraizes das ervas que elles comjam. E acabado de comer diseramlhe que se viese pera os navios e nom qujseram que fose com elles. E o dito Fernam Velloso como veo em direito dos navios começou loguo de chamar, e elles ficaram mjtidos pello mato, e nos estavamos ajnda ceando, e quando ho ouvimos leixaram loguo os capitãees de comer e nos outros com elles e metemonos na barca a veella, e os negros começarã de correr ao lomguo da praya, e foram tam prestes com o dito Fernam Velloso como nos. Em nos o querendo rrecolher elles nos

começaram atirar com huũas azagayas que traziam, omde foy ferido o capitam moor e tres ou quatro homẽs. E jsto por que nos fiavamos delles, parecendonos que heram homẽs de pequeno coraçam e que nom se astreveriam a cometer o que depois fezeram pollo quall hiamos despracebidos darmas. Emtão nos rrecolhemos aos navios.

¶. E tanto que tevemos nosos navios aparelhados e linpos e lenha tomada nos partimos desta terra hũa qujnta feira pella manham que era xvj dias de Novenbro, nom sabendo nos, quanto eramos do Cabo de Boa Esperança, salvo Pero Dalanquer dizia que ao majs que podiamos ser seriam trinta legoas a rree do Cabo e o porque se elle nam afirmava era porque partira huũ dia pella manham do Cabo, e que de noute pasara per ally com vento a popa e jso mesmo a yda foram de larguo e por estes respeitos nom eram em conhecimento domde eramos. Pollo qual fomos em a volta do mar com Sull Susueste e ao sabado a tarde ouvemos vista do dito Cabo de Boa Esperança, e em este dia mesmo viramos em a volta do mar, e de noute viramos em a volta da terra. E ao domjngo pella manham que foram dezanove dias

do mes de Novembro fomos outra vez com o Cabo e nam o podemos dobrar porque o vento era Susueste e o dito Cabo jaz Nordeste Sudueste, e em este dia mesmo viramos em a volta do mar e a noute da segunda feira viemos em a volta da terra. E a quarta feira ao meo dia pasamos pello dito Cabo ao longo do costa com vento a popa. E junto com este Cabo de Boa Esperança ao Sull jaz huũa amgra muito grande que emtra pella terra bem sejs legoas e em boca avera bem outras tantas.

¶. Em vinte e cinquo dias do dito mes de Novenbro huũ sabado a tarde dia de Santa Caterina entramos em a angra de Sam Bras onde estevemos treze dias porque nesta amgra desfezemos a naoo que levava os mantimentos e os rrecolhemos aos navios.

¶. A sesta feira segujnte estando nos ajmda na dita amgra de Sam Bras vieram obra de novemta homens baços darte daquelles damgra de Santa Elena, e andavam delles ao lomguo da praya e delles ficavam pellos outeyros. E nos estavamos todos ou a mayor parte de nos a este tempo na naoo do capitam moor. E como os vimos fomos em terra em os bates, os quaes

levavamos muj bem armados, e como fomos junto com terra o capitam moor lhes lançava cascaves na praya fora, e elles os tomavam e nam soomente tomavam os que lhe lançavam mas vinham por elles a tomalos da mãoo ao capitam moor, do que nos ficamos mujto maravilhados porque quando Bertolameu Diz aqij esteve elles fogiam delle e nom lhe tomavam nenhũa cousa daquellas que lhe elle dava, mas antes huũ dia em elles tomando agoa em huũa aguada que aquy estaa muyto boa a beira do mar elles lha defendiam as pedradas de cima de huũ outeiro que esta sobre esta auguada, e Bertolameu Diz lhe tirou com huũa besta e matou huũ delles. E ao que posemos nom fogirem de nos foy que nos pareceo que ouveram novas dos da amgra de Santa Ellena onde nos primeiro estevemos, que sam de huũa terra aa outra sesenta legoas per mar, como nos eramos homẽs que nom faziamos mall mas antes davamos do noso. E o capitam moor nom quys aquy sajr em terra porque esta honde os negros estavam huũ mato grande, e mudou-lhe o posto, e fomos pousar a outro lugar descoberto e alij sayo e acenamos aos negros que fosem pera honde nos hiamos, e elles foram. E o capitam moor com os outros capitãees sayram

em terra com gente armada honde hiam algũs com béstas. E o capitam moor lhes mandou emtam que se apartasem e que viesem huũ ou dous delles e jsto per açenos. E áquelles que vieram o capitam lhes deu casquaves e barretes vermelhos; e elles nos davam manjlhas de marfim que traziam nos braços, porque nesta terra segundo nos parece aa mujtos alifantes e nos achavamos o estravo delles bem acaram daguada honde elles vinham a beber.

¶. Ao sabado vieram obra de duzemtos negros antre grandes e pequenos e traziam obra de doze rreses antre boyes e vacas e quatro ou cinquo carneiros, e nos como os vimos fomos loguo em terra. E elles começaram logo de tanjer quatro ou cinquo frautas e huũs tangiam alto e outros baixo em maneira que concertavam mujto bem pera negros de que se nom espera musica, e balhavam como negros. E o capitam moor mandou tanjer as trombetas e nos em os bates balhavamos, e o capitam moor tambem de volta com nosco, e depois de acabada a festa nos fomos em terra onde da outra vez e alij resgatamos huũ boy negro por tres manylhas, o qual jamtamos ao domjngo e era muito gordo e a carne delle era saborosa como a de Portugall.

¶. Ao domjngo vieram outros tantos e traziam as molheres comsyguo e moços pequenos e as molheres estavam em cima de huũ alto perto do mar e traziam mujtos boys e vacas e poseranse em dous lugares ao longo do mar e tanjiam e balhavam como ao sabado. E o costume destes homẽs he os moços ficarem no mato com as armas, e os homẽs vyeram a fallar comnosco e traziam huũs paos curtos nas mãoos e huũs rrabos de rraposas metidos em huũs paos com os quaees abanam o rrosto. E nos estando asy a falla por açenos, vimos amdar antre o mato os moços agachados e traziam as armas nas mãos. E o capitam moor mandou huũ homem que se chama Martim Affonso que ja andara em Manycongo, fora, e deulhe manjlhas que rresgatase huũ boy. E elles depois que teveram as manjlhas tomaramo pella mãoo e foram-lhe mostrar augada dizendo que porque lhe tomaramos nos a auguoa, e começaram de lançar os boys pera o mato. E o capitam moor quando isto viu mandou a nos outros que nos rrecolhesemos e tambem que se acolhese o dito Martim Affonso, jsto porque lhe pareceo que elles hordenavam algũa treiçam. Emtam depois de rrecolhidos nos fomos onde da primeira estevemos e elles foram de pos nos. E o ca-

pitam mandou que saysemos em terra com lanças e azagayas e béstas armadas e nosos gibanetes vistidos, e jsto majs pera lhe mostrarmos que eramos poderosos pera lhe fazer mall e que lho nam queriamos fazer. Elles quando jsto viram começaram de se ajuntar e correr huũs pera os outros e o capitam por nom dar azo pera se matar delles algũs mandou que se rrecolhesem todos aos bates, e depois que fomos todos rrecolhidos por lhe dar a emtender que lhe poderyamos fazer mall e que lho nam queriamos fazer mandou que se tirasem duas bombardas que estavam na popa da barca. E elles estavam todos asemtados na praya junto com ho mato e quando ouviram desfechar as bombardas começaram de fugir tam rrijo pera o mato que as pelles com que andavam cubertos e as armas lhe ficavam, e depois que foram em o mato tornaram dous por ellas, e njsto começaram de se ajuntar e fugir pera çima de huũa serra e levavam o gado ante sy.

¶. Os boys desta terra sam mujto grandes como os Dalamtejo e mujto gordos amaravilha e muito mansos e sam capados e delles nom tem cornos. E os negros haquelles que sam mais gordos trazemlhe huũas albardas da-

tabua asy como os de Castella e huũs paaos asy como andas em cima dalbarda e amdam em cima delles e aquelles que elles querem rresgatar metemlhe huũ paoo de esteva pellas vemtãas e trazenos por alij.

¶. Em esta amgra esta huũ jlheo em mar tres tiros de beesta e em este jlheo ha muitos lobos marinhos e delles sam tam grandes como usos mujto grandes, e sam mujto temerosos, e tem mujto grandes dentes, e vemse aos homens, e nenhũa lança por força que leve os nom pode ferir, e outros mais pequenos, e outros mujto pequenjnos, e os grandes dam urros como leões e os pequenjnos como cabritos. E aquy fomos huũ dia a folgar e vimos antre grandes e pequenos obra de tres mill, e tiravamoslhe do mar com as bombardas. E neste jlheo ha huũas aves que sam tamanhas como patos e nam voam porque nom tem penas nas aas e chamamlhe fotylicayos e matamos delles quantos quisemos, as quaees aves azurram como asnos.

¶. Estando nesta angra de Sam Bras tomando agoa huũa quarta feira posemos huũa cruz e huũ padram em a dita amgra de Sam Bras, a qual cruz fezemos de huũa mezena e

era mujto alta. E a qujnta feira segujnte estando nos pera partir da dita angra, vimos obra de dez ou xij negros os quaees ante que nos dalij partisemos derribaram asy a cruz como o padram.

¶. Depois de termos todo o que nos era neçesario partimos daquy, e em este mesmo dia tornamos a pousar duas legoas domde partiramos porque ho vemto era calma. A sesta feira dia de Nossa Senhora da Comcepçam pella manham demos nossas vellas e seguymos noso camjnho. E a terça feira segujnte que era vespora de Santa Luzia ouvemos huũa grande tormenta e corremos a popa com o traquete mujto baixo, e neste rroota perdemos Njcollao Coelho, e em este dia pella manham quando veo ao sol posto viram-o da gavea a rree de nos quatro ou çinquo legoas, e parecenos que elle nos vira fezemos foreos e estevemos a corda. E acabando-se o quarto primeiro elle veo ter com nosco nam porque elle nos tevese visto de dia mas porque o vento era pella bolina e nom podia al fazer senam vijr ter na nosa esteira.

¶. A sesta pella manham ouvemos vista de terra, a qual terra he onde se chamam os

Jlheos Chãoos, os quaees estam alem do Jlheo da Cruz çinquo legoas, e Damgra de Sam Bras ao dito Jlheo da Cruz ha sesenta legoas, e outras tamtas ha do Cabo de Boa Esperança ha amgra de Sam Bras. E dos Jlheos Chãos ao derradeiro padram que Bertolameu Diz pos outras çinquo legoas, e do padram ao Rio do Jffante ha quijnze legoas.

¶. Ao sabado seguynte pasamos pelo derradeiro padram e asy como nos hiamos ao lomguo da costa asy começaram de ir correndo em terra dous homẽes ao longuo da praya comtra onde nos hiamos. E esta terra he muito graciosa e bem asentada, e aquy vimos andar em terra muito gado e quanto majs pera diante tamto majs a terra era mjlhor e de mais altos arvoredos.

¶. A noute segujnte estevemos a corda por quanto eramos tanto avante como o rrio do Jffante que era a derradeira terra que Bertolameu Diz descobrio, e ao dia segujnte fomos com vento a popa prelongando a costa ate oras de vespora que nos saltou o vento ao Levante e fezemos na volta do mar, e andamos com hũa volta ao mar e outra a terra ate a terça feira

acerqua do soll posto, que nos tornou o vento ao Ponente, pollo quall estevemos aquella noute a corda pera ao outro dia hirmos rreconhecer a terra onde ou em que parajem eramos. E quando veo a manham fomos de frecha a terra, e achamonos as dez oras do dia com o Jlheo da Cruz que era a rree do que nos faziamos sesenta legoas. E jsto causaram as correntes que aquy sam grandes, e em este mesmo dia tornamos a pasar a carreira que ja tinhamos pasada com mujto vento a popa que nos durou tres ou quatro dias onde rronpemos as correntes a que nos aviamos grande medo nom nos leixar aver aqujllo que desejavamos. E daquelle dia em diante qujs Deus por sua mjsericordia que nos fosemos avamte e nom a rree praza a elle que asy seja sempre.

¶. Dia de Natall que foy a vinte cinquo dias do mes de Dezembro tinhamos descuberto per costa setemta legoas. Em este dia depois de termos jantado em metendo huũa moneta achamos o masto com huũa fenda abaixo da gavea huũa braça a quall fenda abria e cerrava. Pollo quall o rremendamos com brandaees ate que fosemos tomar porto abrigado omde o corregesemos. E a qujnta feira pousamos ao longo

da costa onde tomamos mujto pescado e quando veo ao soll posto tornamos a dar nosas vellas e segujr noso camjnho, e aquy nos ficou huũa amquora que nos quebrou huũ calabrete com que estavamos ao mar. E daquy andamos tanto pello mar sem tomarmos porto que nam tinhamos ja agoa que bebesemos nem faziamos ja de comer senam com aguoa salgada, e pera noso beber nom nos davam senam huũ quartilho, de maneira que nos era necesario de tomarmos porto. E sendo huũa qujnta feira que eram dez dias de Janeiro ouvemos vista de huũ rrio pequeno e aquy pousamos ao longo da costa. E ao outro dia fomos em os bates em terra honde achamos mujtos homeens e molheres negros, e sam de gramdes corpos, e huũ Senhor antre elles. E o capitam moor mandou sajr em terra huũ Martim Affonso que andou em Manicongo mujto tempo e outro homem com elle. E elles lhes fezeram gasalhado. E o capitam mandou aquelle Senhor hũa jaqueta e huũas calças vermelhas e huũa carapuça e hũa manjlha. E elle dise que qualquer cousa que ouvese em sua terra que nos fose necesaria que nolla daria de muj boa vontade. E jsto emtendia o dito Martim Affonso e aquella noute foy o dito Martim Affonso e o outro com aquelle Senhor

a dormjr a suas casas, e nos tornamonos pera nosos navios. E jndo aquelle Senhor pello camjnho vistio aquillo que lhe deram e dizia aaquelles que ho vinham rreceber com mujto comtentamento, vedes o que me deram, e elles batiamlhe as palmas por cortesia e jsto fezeram por tres ou quatro vezes ate que chegou aldea onde andou per todo o logar, asy vistido como hia ate que se meteo dentro em casa e mandou agasalhar aos dous homens que hiam com elle em hum cerrado e alij lhe mandou papas de mjlho que ha mujto naquella terra, e hũa galinha como as de Portugall. E toda aquella noute vieram mujtos homens e molheres a vellos e quando veo a manham o Senhor os foy ver e lhes dise que se viesem e mandou dous outros homens com elles e deulhe galinhas pera o capitam moor, dezendo-lhe elle que hia amostrar aquillo que lhe deram a huũ grande Senhor que elles tinham e segundo nos parecia que seria o rrey daquella terra, e quando chegaram ao porto onde os barquos estavam ja vinham com elles bem duzentos homens que vinham a vellos.

¶. Esta terra segundo nos pareçeo he mujto povoada, e ha nella mujtos Senhores, e as molheres nos parecia que eram majs que os ho-

*

mens porque onde vinham vinte homens vínham quorenta molheres. E as casas desta terra sam de palha, e as armas desta jemte sam arcos mujto grandes e frechas e azagayas de ferro. E á nesta terra segundo nos pareçeo mujto cobre o qual trazem nas pernas e pellos braços e pellos cabellos rretorcidos. Jso mesmo ha nesta terra estanho que elles trazem nhũas guarnjçõees de punhaees e as baynhas delles sam de marfim. E a jemte desta terra preza mujto pano de linho e nos davam mujto deste cobre por camjsas se lhas nos qujseramos dar. Esta jemte traz hũas cabaças grandes em que levam do mar pera o sertãoo agoa salgada e deitam a em huũas poças na terra e fazem della sall. Aquy estevemos cinquo dias tomando agoa a quall nos acaretavam aos bates aquelles que nos vinham a ver. Nom tomamos agoa quamto nos qujseramos porque o vemto nos yguava de vjagem. E nos estavamos amquorados ao lomguo da costa no rrollo do mar, e a esta terra posemos nome, Terra da Boa Jente e ao rrio do Cobre.

¶. Hũa segunda feira hindo pello mar ouvemos vista de hũa terra mujto baixa e de

huũs arvoredos mujto altos e juntos, e jndo asy nesta rrota vimos huũ rrio larguo em boca e porque era necesario saber e conhecer omde eramos pousamos, e hũa qujnta feira a noute emtramos estando ja o navio Berrio de do outro dia que foram oyto dias por andar de Janeiro. Esta terra he mujto baxa e alagadiça, e he de grandes arvoredos, os quaees dam mujtas frutas de mujtas maneiras, e os homens desta terra comem dellas.

¶. Esta gente he negra, e sam homens de bõos corpos, andam nus, soomente trazem huũs panos dalgodam pequenos com que cobrem suas vergonhas, e os Senhores desta terra trazem estes panos maiores. E as molheres moças que nesta terra parecem bem trazem os beiços furados por tres lugares e alij lhe trazem huũs pedaços destanho retrocydos. E esta jemte folgava muito comnosco e nos traziam aos navios djso que tinham em almadias que elles tem. E nos jso mesmo hiamos ha sua aldea a tomar agoa.

¶. Depois de aver dous ou tres dias que aquy estavamos vieram dous Senhores desta terra a vernos os quaees eram tam alterados que

nom prezavam cousa que lhe desem , e huũ delles trazia hũa touca posta na cabeça com huũs vivos lavrados de seda e o outro trazia hũa carapuça de çatim verde. Jso mesmo vinha em sua companhia huũ mancebo que segundo elles acenavam era doutra terra dij lonje e dizia que ja vira navios grandes como aquelles que nos levavamos, com os quaees signaees nos folgavamos mujto porque nos parecia qne nos hiamos chegando pera onde desejavamos. E estes fidalgos mandaram fazer em terra ao longo do rrio a par dos navios hũas Ramadas em que esteveram obra de sete dias onde cada dia mandavam aos navios rresgatar panos, os quaees traziam hũas marcas dalmagra, e depois que se emfadaram destar alij se foram em almadias pello rrio acima. E nos estevemos neste rrio trinta e dous dias em os quaees tomamos agoa e alimpamos os navios e corregeram ao Rrafaell o masto, e aquy nos adoeceram mujtos homens que lhe jmchavam os pees e as mãos e lhe creciam as gingivas tanto sobre os dentes que os homens nom podiam comer, e aquy posemos huũ padram ao quall poseram nome o padram de Sam Rrafaell e jsto porque elle o levava, e ao rrio dos Bõos Signaees.

¶. Daquy nos partimos huũ sabado que eram vinte e quatro dias do mes de Fevereiro e fomos aquelle dia na volta do mar, e a noute segujnte em Leste por nos arredarmos da costa a quall era mujto graçiosa de vista. E ao domjngo fomos ao Nordeste, e quando veo a oras de vespora vimos estar tres ylhas em o mar e eram pequenas, e as duas sam de grandes arvoredos e a outra he calva e pequena majs que as outras, e de huũa aa outra avera quatro legoas, e porque era noute vyramos na volta do mar e de noute pasamos per ellas. E ao outro dia fomos noso camjnho, e andamos seis dias pello maar porque as noutes pairavamos. E huũa qujnta feira que foy o primeiro dia do mes de Março a tarde ouvemos vista das ylhas e terra que se ao diante segue. E porque era tarde viramos na volta do mar e pairamos ate pella manham. E emtam viemos emtrar em a terra sygujnte.

¶. A sesta feira pella manham jndo Njcollao Coelho por dentro daquella amgra errou o canall e achou baixo e em virando pera os outros navios que vjnham de tras viram vijr huũs barcos a vella de dentro daquella ylha da povoaçam, o qual foy com muito prazer a

salvar o capitão-moor e a seu Jrmão. E nos nos leixamos jr naquella volta do maar pera avermos de vyr pousar e nos quanto majs andavamos quanto majs nos elles seguyam capeandonos que aguardasemos. E nos em pousando na lagoa daquella jlha domde vinha o barco, chegaram a nos sete ou oyto daquelles barcos e almadias, os quaees vinham tamjendo huũs anafijs que elles traziam, dizendonos que fosemos pera dentro e que se nos qujsesemos que elles nos meteriam em o porto, os quaees emtraram em os navios e comeram e beberam diso que nos comjamos e depois que se emfadaram foramse e os capitãees ouveram por conselho que emtrasem em esta amgra pera saberem o trato desta jemte e que Njcollao Coelho fose primeiro com o seu navio a somdar a barra e que se fose pera emtrrar que emtrariam. E jmdo Njcollao Coelho pera emtrar foy dar na pomta daquella jlha e quebrou o governalho e asy como deu asy sayo pera o alto e eu era alij com elle. E tanto que saimos pera o alto amanhamos nosas vellas e deitamos as anquoras dous tiros de besta da povoacam.

¶. Os homens desta terra sam rruyvos e de bõos corpos e da seita de Mafamede e falam como mouros e as suas vestiduras sam de

panos de linho e dalgodam mujto delgados e de mujtas cores de listras e sam rricos e lavrados, e todos trazem toucas nas cabeças com vivos de seda lavrados com fio douro e sam mercadores e tratam com mouros brancos dos quaees estavam aquy em este logar quatro navios delles que traziam ouro prata e pano e cravo e pimente e gingivre e anes de prata com muitas perllas e aljofar e rrobins e jso mesmo todas estas cousas trazem os homens desta terra. E ao que nos pareçia segundo elles diziam, que todas estas cousas vinham aquy de carreto e que aquelles mouros o traziam salvo o ouro, e que pera diante pera onde nos hiamos avia mujto e que as pedras e o aljofar e especiaria era tanta que nam era necesario rresgatalla mas apanhala aos cestos. E jsto tudo emtendia huũ marinheiro que o capitam moor levava o qual fora ja cativo de mouros e portanto emtendia estes que aquy achamos. E majs diseram os ditos mouros que aviamos que neste camjnho que levavamos achariamos mujtos baixos, e que tambem achariamos mujtas cidades ao longo do mar e que aviamos de jr topar com hũa jlha em que estavam ametade mouros e ametade xrstãoos os quaees xrstãoos tinham guerra com os mouros e que em esta jlha avia muita rriquesa.

¶. Mais nos diseram que Prestes Joham estava dalij perto e que tinha mujtas cidades ao lomgo do maar e que os moradores dellas eram grandes mercadores e tinham grandes naoos mas que o Preste Joham estava muito dentro pello sartãoo e que nom podiam la jr senam em camelos, os quaees mouros traziam aquy huũs dous xrstãoos Jmdeos cativos, e estas cousas e outras mujtas diziam estes mouros do que eramos tam ledos que com prazer choravamos, e rrogavamos a Deus que lhe aprouvese de nos dar saude pera que visemos o que todos desejavamos.

¶. Em este lugar e jlha a que chamão Mõcobiquy estava huũ Senhor a que elles chamavam Colyytam que era como visorrey o qual veo aos nosos navios por mujtas vezes com outros seus que com elle vinham. E o capitam lhe dava muj bem de comer e lhe fez hum serviço de chapeos e marlotas e corraees e outras cousas mujtas. E elle era tam alterado que desprezava quanto lhe davam, e pedia que lhe desem escralata e nos nom ha levavamos, mas diso que tinhamos diso lhe davamos.

¶. O capitam moor lhe deu huũ dia huũ

comvite o qual foy de mujtos figos e comservas, e lhe pedio que lhe dese dous pilotos que fosem comnosco e elle dise que sy, comtanto que hos comtentasem, e o capitam mor lhe deu trinta meticaees douro e duas marlotas a cada huũ e foy com comdiçam que daquelle dia que elles jsto rreçebesem que se qujsesem sajr fora que ficase huũ delles sempre em o navio, do quall elles foram muj comtentes. E huũ sabado que foram a dez dias do mes de Março partimos e viemos pousar huũa legoa em maar junto com hũa jlha, pera que ao domjngo disesem mjsa e se confesasem e comũgasem os que quisesem.

¶. Huũ daquelles pillotos ficava em a jlha e depois que pousamos armamos dous bates pera avermos dijr por elle em os quaees bates em huũ delles hia o capitam moor e em o outro Njcollao Coelho. E elles asy jmdo sairam a elles cimquo ou sejs barcos com mujta gente os quaees traziam arcos com suas frechas mujto compridas e tavolachinhas, e capeavamlhe que se tornasem pera villa. E o capitam mor quando vio aquillo prendeo o pilloto que levava comsigo e mandou que tirasem com as bombardas aquelles que vinhã nos barcos. E

Paulo da Gama que ficava em os navios pera que se fose algũa cousa que fose em dos a socorrer, o quall como ouvio as bombardas fez se a vella em o navio Berrio e os mouros como ja dantes fogisem quando vieram jr o navio á vella fogiram mujto mais, e acolheram-se a terra ante que a elles chegase o Berrio e asy nos tornamos ao pouso. E ao domjngo disemos nosa mjsa em a Jlha debaixo de huũ arvoredo muito alto. E depois de dita a mjsa nos viemos pera as náos e loguo nos fezemos a vella e começamos de segujr nosa via com mujtas galinhas e mujtas cabras e pombas que aquy rresgatamos por hũas comtinhas amarellas de vidro.

¶. As náoos desta terra sam grandes e sem cubertas e nam tem pregadura e andam apertadas com tamiça e jso mesmo os barcos, e suas vellas são esteiras de palma, e os marinheiros dellas tem agulhas Genojscas per que se rregem e quadrantes e cartas de marear.

¶. As palmeiras desta terra dam huũ frutu tam grande como mellõees e o mjollo de dentro he o que comem e sabe como junça avellanada e tambem ha hij pipinos e mellõees

mujtos os quaees nos traziam a rresgatar.

¶. Naquelle dia que Njcollao Coelho emtrou o Senhor que em esta veio ao navio com mujta gente e elle o agasalhou mujto bem e lhe deu huũ capuz vermelho e o Senhor a elle huũas contas pretas que elle trazia porque rreza, as quaes lhe deu por seguro e pedio o batel a Njcolao Coelho pera se jr nelle e elle lho deu. E depois que foy em terra levou comsigo a sua casa aquelles que hiam com elle e os comvidou e depois lhes mandou que se viesem, e mandou a Njcolao Coelho huũ pote de tamaras pisadas as quaees tinham conserva de cravos e comjnhos. E asy depois mandou ao capitam moor mujtas cousas. E jsto foy em quanto lhe parecia que nos eramos Turcos ou Mouros de algũa outra parte, por que elles nos perguntavam que se vinhamos de Torquja e que lhe mostrasemos os arcos de nosa terra e os livros de nosa ley. E depois que souberam que nos eramos xrstãoos ordenaram de nos tomarem e matarem a treiçam mas o pilloto seu que comnosco levavamos nos descobrio todo o que elles hordenavam de fazer contra nos se o poderam poer em obra.

¶. A terça feira vimos huũa terra a quall tinha estes momtes alem de hũa pomta a quall pomta ao lomgo da costa tem huũ arvoredo alto que parecem urmeiros e sam rralos. E esta terra sera do lugar donde partimos ao mais xx legoas e aquy amdamos em calmarias a terça feira e a quarta. E a noute segujnte fomos em a volta do mar com vento Levante pouco, e quando veo a manham achamonos a rree de Macobiquy quatro legoas e aquelle dia andamos ate a tarde e pousamos junto com a jlha onde nos dyseram mjsa o domjngo damte pasado, e alij estevemos oyto dias esperando por tempo. E neste meo tempo nos mandou dizer o rrey de Mãcobiquy que queria fazer paz comnosco e ser noso amjgo, e desta paz foy embaxador huũ Mouro branco que era Xarife que quer dizer Creligo o quall era huũ grande bebado. E estando nos aquy veo huũ mouro com huũ mjnino seu filho e meteose em hũ navio dos nosos dizendo que se queria jr comnosco porque era de junto com Meca, e viera aquy a Mõcobiquy por pilloto de huũa naoo desta terra. E porquanto nos nom acudia tempo nos foy necesario emtrarmos em o porto de Mõcobique a tomar agoa que nos era necesaria a qual estava da outra parte da ter

ra firme , da quall agoa bebem os da jlha por hij nom aver outra senã se for salgada.

¶. Huũa qujnta feira emtramos em o dito porto e como foy noute lançamos os bates fora , e como foy mea noute o capitam moor e Njcollao Coelho e alguns de nos outros fomos a ver onde estava a augoa e levamos comnosco o pilloto mouro, o quall andava mais pera fogir se podera que pera nos mostrar onde estava agoa. E se emlheou em tal maneira que nunca nos soube amostrar onde era ou nam quys e njsto andamos ate que amanheçeo. Emtam nos tornamos pera os navios, e quando veo a tarde tornamos outra vez la com o mesmo piloto, e nos junto com ha auguada andavam ao longuo da praya obra de vinte delles escaramuçando com azagayas nas mãoos pera nos averem de defender agoa , e o capitam moor lhes mandou tirar tres bombardadas pera que nos desem logar pera avermos de saltar fora. E asy como nos fomos fora elles se embranharam em o mato , e nos tomamos quanta agoa quesemos e quando nos rrecolhemos era acerqua do soll posto e achamos hũ negro do pilloto Joham de Coimbra fogido.

¶. Ao sabado que foram vinte e quatro dias do mes de Março vespora de Nosa Senhora, e era pella manham, veo huũ Mouro em direito dos navios a dizer que se quisesemos agoa que fosemos por ella dando a emtemder que lla estava quem nos faria tornar. E o capitam moor como vio jsto determjnou que fosemos pera lhe mostrarmos como lhe podiamos fazer mall se qujsesemos, polo quall logo com os bates armados e bombardas nas popas delles, nos fomos a aldea e os mouros tinham fectas paliçadas mujto bastas e mujto taboado basto atado em maneira que os que estavam detras delle nam os podyamos ver, e elles andavam ao longo da praia com tavollachinhas azagaias agomjas e arcos e fundas com que nos tiravam as pedras. Mas nos com as bombardas lhe faziamos tal companhia que lhes comveo leixar a praya e meterem-se na palhiçada que tynham fecta, a qual lhe fazia mais dapno que proveito, e njsto estevemos obra de tres oras. E alij vimos dous homens mortos hũ que matamos na praya e outro dentro em a estacada. E depois de estarmos delles emfadados, viemonos a jantar aos navios, e elles começarã logo de fugir e acarretar fato em almadias pera hũa aldea que esta da outra banda. E nos de-

pois que jamtamos fomos com os bates a ver se podiamos tomar alguns delles pera por elles avermos os dous xrstãoos Ymdios que tinham cativos e o negro que nos alij fugira, pollo quall fomos depos hũa almadia do Xarife que hia carregada de fato e outra que levava quatro negros, a quall tomou Paullo da Gama, e a que vinha carregada de fato como foram em terra fugiram todos e leyxaram a almadia a costa, aquella e outra que achamos ao longo do mar; e os negros que hali tomamos trouxemollos aos navios. E nas almadias achamos mujtos panos dalgodam finos e seiras de palma e hũa talha vidrada de manteiga e arredomas de vidraço com augoas e livros de sua ley ẽ hũ cofre com mujtas meadas dalgodam e hũa rrede jso mesmo dalgodam e mujtos seirõees cheos de mjlho. E todas estas cousas que se alij tomaram o capitam moor as deu aaquelles marinheiros que se alij acharam cõ elle e cõ os outros capitãees, salvo os livros que elle guardou pera mostrar a ElRey. E ao domjngo segujnte fomos tomar agoa e a segunda feira fomos ante a villa com os bates armados e os mouros falavam de detras as casas porque nom ousavam de vir a praya e depois que lhe tiramos cõ as bombardas nos viemos

pera os navios, e a terça feira nos partimos dante a villa e viemos a pousar junto cõ os Jlheos de Sam Jorje, honde estevemos ajnda tres dias esperando que nos dese Deus tempo e a qujnta feira que foram vimte e nove dias do dito mes nos partimos dos ditos Jlheos e porque o vento era pouco quando veo ao sabado pella manhã que foram xxx dias do dito mes eramos vinte e oyto legoas dos ditos Jlheos.

¶. No dito dia pella manham fomos tanto avante a terra dos Mouros donde tornaramos a rree com as correntes que eram grandes.

¶. Ao domjngo primeiro dia do mes Dabrill fomos com hũas jlhas que estam bem apar da terra, e a primeira das ditas jlhas poseram nome a Jlha do Açoutado, porque ao sabado a tarde o pilloto Mouro que com nosco levavamos mjntio ao capitam, dizendolhe que estas ilhas eram terra firme e por esta mjntira que lhe dise o mandou açoutar. As naos desta terra navegam antre a terra e estas jlhas e vam por quatro braças e nos fomos a maar dellas. Estas jlhas sam mujtas e mujto juntas que nom as podyamos estremar hũas das outras e sam povoadas. E a segunda feira ou-

vemos vista de outras jlhas que estam em mar cinquo legoas.

¶. A quarta feira que foram quatro dias Dabrill demos as vellas e fomos ao Noroeste e ante de meo dia ouvemos vista de hũa terra grosa e duas jlhas junto com ella e esta terta tem derredor de sy mujtos baixos. E tanto que fomos juntos com ella que os pillotos a rreconheceram diseram que ha hilha dos xrstãos ficava a rree de nos tres legoas, e emtam trabalhamos todo o dia pera ver se a podyamos cobrar, e porque o ponente era mujto nom a podemos cobrar. Emtam ouveram os capitãees por comselho que arribasemos pera hũa cidade que estava quatro jornadas de nos, à qual cidade se chama Mõbaca.

¶. Esta jlha era hũa pera que nos vinhamos a qual os pillotos que traziamos diziam que era de xrstãos, e emtam arribamos ja tarde com mujto vento e acerqua da noute vimos hũa ilha muj grande que nos demorava ao Norte, na qual jlha nos diziam os pillotos mouros que levavamos que havia hũa villa de xrstãoos e outra de Mouros. Esta noute segujnte fomos na volta do maar e quando veo pella manham nom

vimos terra; emtam fezemos camjnho de Noroeste e quando veo a tarde vimos terra.

¶. E esta noute segujnte fezemos o camjnho ao Norte e a quarta de Noroeste e no quarto dalva fezemollo ao Nornoroeste. E jndo asy com vento tendente duas oras ante manham deu o navio Sam Rrafaell em sequo em huũs baixos que estam da terra firme duas legoas, e como deu em sequo bradou aos outros que vinham detras, os quaees tanto que ouviram os brados pousaram delle huũ tiro de bombarda, e lançaram os bates fora e como foy bajxa mar ficou o navio de todo em seco e com os bates lançaram mujtas amquoras ao maar, e como veo a mare do dia que foy prea-maar sayo o navio, com que todos folgamos mujto.

¶. Em a terra firme em direito destas baixas esta hũa serranja mujto alta e fermosa a qual seranya poseram nome as Serras de Sam Rrafaell e as bajxas jso mesmo.

¶. Estando o navio em seco vieram duas almadias a elle e a nos, as quaees trouxeram mujtas laranjas mujto boas, mjlhores que has de Portugall, e ficaram em o navio dous Mouros

que foram ao outro dia com nosco a hũa cidade que se chama Mõbaça.

¶. Ao sabado pella manham que foram a sete dias do dito mes vespora de Rramos fomos ao longo da costa e vimos hũas jlhas que estavam a mar da terra firme qujnze legoas e bojavam sejs legoas em comprido, em as quaees jlhas ha mujtos mastos com que emmasteam as naoos daquella terra, e sam todas povoadas de Mouros, e ao soll posto fomos pousar defronte da dita cidade de Mõbaça, e nam emtramos em o porto, e em nos chegando veo a nos hũa zavra carregada de Mouros e davante a cidade estavam mujtas naoos todas embandeiradas com seus estandartes. E nos por lhe termos companhia fezemos outro tanto e majs aos nosos navios, que nos nom falecia senam jente que nam tynhamos, porque ajnda esa pouca que tinhamos era mujto doente. E alij pousamos com muito prazer parecendonos que ao outro dia yryamos ouvir mjsa em terra com os xrstãoos que nos diziam que aquy avia e que estavam apartados sobre sy dos mouros, e que tinham alquaide seu.

¶. Os pillotos que nos levavamos diziam

que em esta Jlha de Mõbaça estavam e viviam Mouros e xrstãoos e que vivyam apartados hũs dos outros e que cada hũs tinham seu Senhor, e que como nos aquy chegasemos que elles nos fariam mujta honra e que nos levariam pera suas casas. E jsto era dito pollo que elles desejavam de fazer que nam por ser asy.

¶. Aquella noute segujnte a mea noute vieram em hũa zavra obra de cem homes todos com tarçados e tavolachinhas, e como chegaram onde o capitam mor estava qujseram emtrar com as armas, e elle nam qujs e nam emtraram majs de quatro ou cinquo dos majs honrados delles, e esteveram obra de duas oras com nosco, e emtam se foram, e o que nos pareçeo desta vinda foy que elles vinham pera verem se poderiam tomar alguũ deste navios.

¶. Ao domjnguo de rramos mandou o Rey de Mõbaça ao capitam moor hũ carneiro e mujtas laranjas e cidrões e canas daçuquar, e mandou-lhe huũ anell por seguro e que se qujsese emtrar que lhe daria todo o que lhes fezesse mester, e vieram dous homens mujto alvos que diziam que eram xrstãoos, e a nos asy nollo parecia, com este presente. E o ca-

pitam moor lhe mandou hũ rramall de coraees e mandou-lhe dizer que ao outro dia hiria pera dentro, e em este dia mesmo ficaram no navio do capitam quatro mouros dos majs honrados. E o capitam mandou dous homens ao Rey desta cidade pera mais comfirmar suas pazes, os quaees como foram em terra foy loguo mujta gente com elles ate a porta do paço, e antes que chegasem ao rrey pasaram por quatro portas onde estavam quatro porteiros cada hũ a sua porta, os quaees estavam com seuhos cutellos nus nas mãoos. E quando chegaram ao Rey elle lhe fez mujto gasalhado, e lhes mandou amostrar toda a cidade, os quaees foram ter a casa de dous mercadores xrstãoos e elles mostraram a estes dous homens hũa carta em que adoravam em a qual estava debuxado o Espirito Santo. E depois de tudo visto o rrey mandou mostras de cravo e pimenta e gingivre e de triguo tremes ao capitam e que disto poderiamos carregar.

¶. A terça feira em alevantando as amquoras pera jr pera dentro o navio do capitam moor nom qujs virar e hija em quu que estava por popa. E emtam tornamos a lançar as ancoras e em os navios estavam mouros comnosco os quaees depois que viram que nom hiamos rre-

colheram-se em hũa zavra e hindo ja por popa os pillotos que vieram de Mõcobiquy comnosco lançaramse a augoa e os da zavra os tomaram. E como foy noute o capitam pingou dous mouros dos que traziamos que lhe disesem se tinham treiçam ordenada, os quaees diseram que como foramos dentro que tinham ordenado de nos tomar e se vimgarem do que fezeramos em Mõcobiquy, e estamdo pera pimgarem outro com as mãoos atadas deitou-se ao maar e o outro se lamçou no quarto dalva.

¶. Em esta noute segujnte a mea noute vieram duas almadias com mujtos homens os quaees se lançaram a nado e as almadias ficaram de largo e se foram ao navio Berrio e outros vieram ao Rafaell. E os que foram ao Berrio começaram de picar o cabre e os que estavam vigiando cujdaram que eram tonjnhas e depois que os conheceram bradaram aos outros navios e outros estavam ja pegados nas cadeas da enxarcia de traquete do Rafaell, e como foram simtidos callaramse e deceranse abaixo e fogiram. Estas e mujtas outras maldades ordenavam estes perros mas noso Senhor nom qujs que se lhe desem a bem porque nom criam nelle.

¶. Esta cidade he grande e esta asemtada em huũ alto onde bate o mar e he porto onde emtram mujtos navios cada dia e tem aa emtrada huũ padram, e tem a villa junto com ho mar hũa fortalleza baixa. E os que foram em terra nos diseram que viram andar pella villa mujtos homes presos com ferros e estes segundo nos parecia deviam de ser xrstãoos porque os xrstãoos nesta terra tem guerra com os mouros.

¶. Os xrstãoos que estam nesta cidade sam como estantes mercadores os quaees sam mujto sogeitos porque nom fazem majs que o que lhes ho rrey mouro manda.

¶. Quis Deus por sua mjsericordia que como fomos junto com esta cidade logo todollos doentes que traziamos foram sãoos porque esta terra he de mujto bons arres.

¶. Estevemos ajnda a quarta e qujnta feira depois de termos conhecida a malicia e treyçam que estes perros qujseram põr em obra comtra nos. E partimos pella manham daly com pouco vento e viemos pousar de Monbaça obra de oyto legoas junto com terra. E em amanhecendo vimos dous barcos a jula vemto de

nos em mar obra de tres legoas, pollo qual loguo arribamos contra elles pera os avermos de tomar porque desejavamos de aver pillotos que nos levasem onde nos desejavamos. E quando veo a oras de vespora fomos com hũ dos ditos barcos e tomamollo e o outro se nos acolheo a terra, e naquelle que tomamos achamos dezasete homes e ouro e prata e mujto mjlho e mantimento e hũa moça molher de huũ homem velho mouro honrrado que hii vinha. E tanto que nos chegamos junto com elles todos se lançaram ao mar e nos hos andamos tomando com os bates.

¶. Neste mesmo dia ao soll-posto lançamos anquora em direito de huũ logar que se chama Mjlinde o qual esta de Mombaça trinta legoas, e de Mombaça ha esta villa de Milindes ha este logares que se seguem, primeiramente Benapa, e Toça, e Nuguo-quioniete.

¶. Ao dia de Pascoa nos diseram estes mouros que tinhamos cativos que em a dita villa de Mjlindes estavam quatro navios de xrstãoos os quaees eram Jndios e que se os qujsesemos alii levar que dariam por sj pilotos xrstãoos e todo o que nos fezese mester asy de

carnes augoa lenha e outras cousas, e o capitam moor que mujto desejava aver pillotos daquella terra, depois de termos tratado este partido com estes mouros, fomos pousar da villa mea legoa de terra, e os da villa nunca ousaram de vijr aos navios porque estavam ja avisados e sabiam que tomaramos hũa barca com os mouros.

¶. A segunda feira pella manham mandou o capitam moor põor aquelle mouro velho em hũa baixa que esta defronte da villa e alij veo hũua almadia por elle, o qual mouro foy dizer a ElRey o que o capitam queria e como folgaria de fazer paz com elle. E depois de jamtar veo ho mouro em hũa zabra em a qual o rrey daquella villa mandou hũ seu cavaleiro e hũ xarife e mandou tres carneiros e mandou dizer ao capitam que elle folgaria de antre elles aver paz, e estarem bem, e que se lhe conprise algũa cousa de sua terra que lho daria com muj boa vontade asy os pilotos como qualquer outra cousa. E o capitam moor lhe mandou dizer que ao outro dia hiri peraa dentro do porto, e mandoulhe loguo pollos mesegeiros huũ balandrao e dous rramaees de coraees e tres baçias e huũ chapeo e cascaves e dous lambes.

¶. Loguo aa terça feira nos chegamos majs pera junto da villa, e ElRey mandou ao capitam sejs carneiros e mujtos cravos e comjnhos e gingivre e noz nozcada e pimenta, e mandoulhe dizer que ha quarta feira se queria ver com elle no mar que elle jria na sua zavra e que fose elle no seu batell.

¶. A quarta feira depois de jantar veo ElRey em hũa zavra e veo junto dos navios e o capitam sayo em o seu batell mujto bem corregido e como chegou onde ElRey estava logo se o dito rrey meteo com elle, e alij pasaram mujtas palavras e boas entre as quaees foram estas. Dizendo ElRey ao capitam que lhe rrogava que fose com elle a sua casa folgar e que elle hiria dentro aos seus navios e o capitam lhe dise que nom trazia licença de seu senhor pera sajr em terra e que se em terra saise que daria de sy maa conta a quem o lla mandara. E o Rey rrespondeo que se elle aos seus navios fose que conta darya de sy ao seu povo ou que diriam. E preguntou como avia nome o noso rrey e mandou o escrepver e dise que se nos por aquy tornasemos que elle mandaria huũ embaixador ou escrepveria. E depois de terem falado cada huũ o que queria mandou o capitam por

todos os mouros que tinhamos cativos e deulhos todos, do qual elle foy muj contente e dise que majs prezava aquillo que lhe darem hũa villa. E o rrey andou folgando de rredor dos navios donde lhe tiravam mujtas bombardas e elle folgava mujto de as ver tirar, e njsto andaram obra de tres oras, e quando se foy leixou no navio huũ seu filho e hũ seu xarife e foram com elle a sua casa dous homens dos nosos os quaees elle mesmo pedio que queria que fosem ver os seus paços e majs dise ao capitam que pois elle nam queria jr a terra que fose ao outro dia e que andase ao lomgo da terra e que elle mandaria cavalgar seus cavaleiros.

¶. Estas sam as cousas que ho rrey trazia. Primeiramente hũa opa de damasco forrada de çatim verde e huũa touca na cabeça muyto rrica e duas cadeiras darrame com seus coxins e hũ toldo de çatim crimisym, o qual toldo era rredondo e andava posto em hũ pao. E trazia huũ homem velho por paje o qual trazia huũ traçado que tinha a baynha de prata, e mujtos anafis e duas bozinas de marfim daltura de huũ homem e eram mujto lavradas e tanjiam-se por huũ buraco que tem no meo, as quaees bozinas concertam com os anafis no tanjer.

¶. A qujnta feira foy o capitam moor e Njcollao Coelho nos bates com bombardas nas popas e foram ao longo da villa. Em terra andavam mujtos homens e antrelles dous a cavallo escaramuçando e folgando mujto, quanto ao que elles mostravam. E alij tomaram El Rey de huũa escada de pedra nos seus paços, em hũas andas e trouxeram o ao batel onde o capitam estava. Alij tornou a pidir ao capitam que fose em terra porque tinha huũ pay entrevado que folgaria de o ver e que elles e os seus filhos yriam estar nos seus navios, do que se o capitam escusou.

¶. Aquy achamos quatro naoos de xrstãoos da Jmdia os quaees a primeira vez que vieram ao navio de Paullo da Gama onde o capitam moor estava, alij lhe mostraram huũ retavollo em que estava nossa Senhora com Jhu Xto nos braços ao pee da cruz e os apostollos. E os Jndios quando viram este retavollo lançavamse no cham, os quaees em quanto aquy estevemos vinham fazer suas oraçõees. E traziam cravos e pimenta e outras cousas que offereciam.

¶. Estes Jndios sam homens baços e trazem poucas rroupas e trazem grandes barbas e os cabellos da cabeça mujto longos e trazem-os tran-

çados e nam comem carne de boy segundo elles diziam, e a sua linguajem he estremada da dos mouros, e alguns delles sabem algũa pouca Darravia polla continoa comunicaçam que tem com elles.

¶. Aquelle dia que o capitam mor foy andar nos bates por junto da villa tiraram das naos dos xrstãoos Jndios mujtas bombardas e alevantavam as mãoos quando os viam pasar dizendo todos com mujta alegria *Xrste Xrste.* E este dia pidiram elles licença a ElRey pera lhe deixar fazer de noute festa a nos outros. E como veo a noute fezeram muita festa e tiraram mujtas bombardas e lançavam foguetes e davam grandes gritas.

¶. Mais diseram estes Jmdios ao capitam moor que nom fose em terra e que se nam fiase dos seus tanjeres porque nom diziam com os coraçõees nem com as vomtades.

¶. Ao domjnguo segujnte que foram vinte e dous dias do mes Dabrill veo a zavra DelRey a bordo onde vinha huũ seu pryvado porque avia ja dous dias que nom vieram aos navios do quall o capitam lançou mãoo e mandou dizer a ElRey que lhe mandase os pillotos que lhe tinha

promettido. E como foy o rrecado, ElRey lhe mandou loguo hũ piloto xrstão e o capitam deixou logo jr aquelle fidalguo que elle tinha rreteudo no navio. E folgamos mujto com o pilloto xrstão que nos ElRey mandou.

¶. Aquy soubemos como aquella jlha que nos diseram em Mocombiquy que era de xrstãos he hũa jlha onde esta o mesmo rrey de Mocombiquy, a quall he ametade de mouros e ametade de xrstãos. E nesta jlha ha mujto aljofar e o nome da jlha he Quyluee, e aquy desejaram os pilotos mouros de nos levar e nos tambem o desejavamos por nos pareçer que era asy como elles diziam.

¶. Esta villa de Mjlynde esta em hũa angra e esta assemtada ao lomguo de hũa praya a quall villa se quer pareçer com Alcouchete, e as casas sam altas e muy bem cayadas e tem mujtas janellas e tem ao lomgo delle da banda do sartão que esta apegado com as casas, huũ palmeirall mujto grande e toda a terra derredor sam lavoyras de mjlho e outros legumes.

¶. Aquy estevemos davante esta villa nove dias e em estes nove dias sempre se faziam

em terra festas e mujtas escaramuças a pee e avia aquy mujtos tanjeres.

¶. A terça feira que foram vinte e quatro do dito mes nos partimos daquy com ho pilloto que nos ElRey deu pera huũa cidade que se chama Qualecut da quall cidade ElRey tinha notiçia e fomos em Leste a demandala. E aquy he a costa de Norte e Sull, por quanto a terra aquy faz huũa muito grande emseada e estreito, em a quall emseada segundo nos tinhamos noticia ha muitas cidades de xrstãos e mouros e hũa cidade que se chama Quambaya e seiscentas jlhas sabidas e honde esta o Mar Ruyvo e a casa da Meca. E ao domjnguo seguinte ouvemos vista do Norte o qual avia mujto que leixaramos de ver, e hũa sesta feira que foram xvij dias de Mayo vimos huũa terra alta a qual avia vinte e tres dias que nom viramos terra, vindo sempre em estes dias com vento a popa que ao menos que podyamos andar em esta travesa seriam sejscentas legoas. E averia de nos aa terra ao tempo que a vimos oyto legoas, e aly lançaram o prumo e acharam quorenta e cinquo braças, he aquella noute fezemos o camjnho ao Susueste por nos arredarmos da costa, e ao outro dia viemolla demandar e nom nos chega-

4

mos tanto a ella que o piloto podese aver prefeito conhecimento da terra, jsto pollos mujtos chuyveiros e trovoadas que faziam em esta terra nesta travesa e costa porque navegavamos. E ao domjnguo fomos juntos com huũas montanhas as quaees sam majs altas que os homens nunca viram, as quaees estam sobre a cidade de Calecut, e chegamonos tanto a ellas ate que o pilloto que levavamos as conheceo e nos dise que aquella era a terra honde nos desejavamos dir. E em este dia atarde fomos pousar abaixo desta Cidade de Calecut duas legoas, e jsto porque ao pilloto pareçeo por hũa villa que alij estava a que chamam Capua, que era Calecut, e abaixo desta villa esta outra que se chama Pandarramy, e pousamos ao longuo da costa obra de hũa legoa e mea da terra. E depois que asy estevemos pousados vieram de terra a nos quatro barcos, os quaees vinham por saber que jente eramos, e nos diseram e amostraram Calecut. E ao outro dia jso mesmo vieram estes barcos aos nossos navios, e o capitam moor mandou huũ dos degradados a Calecut, e aquelles com que elle hia levarano honde estavam dous mouros de Tunez que sabiam fallar Castellano e Janues, e a primeira salva que lhe deram foy esta que es ao diante segue = Al diabro que te doo quem

te traxo aqua = e preguntaram-lhe que vinhamos buscar tam lonje, e elle lhe rrespondeo = vimos buscar xrstãos e especiaria = Elles lhe diseram = porque nom manda qua ElRey de Castella e ElRey de França e a Senhoria de Veneza? = e elle lhe rrespondeo que ElRey de Portugall nom queira consentir que elles qua mandasem, e elles diseram que fazia bem. Emtam ho agasalharam e deramlhe de comer pam triguo com mell, e depois que comeo veose pera os navios e veo com elle huũ daquelles mouros o quall tanto que foy em os navios começou de dizer estas palavras = boena vemtura, boena ventura, mujtos rrobis, mujtas esmeraldas, mujtas graças devés de dar a Deus por vos trazer a terra honde ha tanta rriquesa =. Era pera nos jsto tanto espanto que o ouviamos fallar e nam o criamos que homem ouvesse tam longe de Portugall que nos emtendese nossa falla.

¶. Esta cidade de Calecut he de xrstãoos os quaees sam homens baços e andam delles com barbas grandes e os cabellos da cabeça compridos, e outros trazem as cabeças rrapadas e outros trosquyadas, e trazem em a moleira huũs topetes por signall que sam xrstãoos, e nas barbas bigodes, e trazem as orelhas furadas e nos

buracos dellas trazem mujto ouro, e andam nuus da çinta pera çima, e pera baixo trazem huũs panos dalgodam mujto delgados, e estes que asy andam vistidos sam os majs honrrados, que os outros trazense como podem. As molheres desta terra em geerall sam feas e de pequenos corpos e trazem ao pescoço mujtas joias douro, e pellos braços mujtas manjlhas e nos dedos dos pes trazem anés com pedras rriquas. Toda esta jente he de boa condiçam e sam maviosos quamto ao que parecem e sam homens que segundo a primeira façe sabem pouco e sam mujto cobiçosos.

¶. Ao tempo que nos chegamos a esta cidade de Calecut ElRey estava della qujnze legoas e o capitam moor mandou la dous homeens, pellos quaees lhe mandou dizer que huũ embaixabor delRey de Portugall estava alij e que trazia cartas delle, e que se elle mandase que elle lh'as levaria la honde elle estava. O quall Rey como vio o dito rrequado do capitam fez mercê aos dous homes que lho deram de panos mujto bõos. E mandoulhe dizer que elle fose muj bem vindo e que loguo se vinha a Qualecut, como de fecto loguo partio com mujta jente depos sy. E man-

dounos per estes dous homes huũ piloto que nos levase a huũ logar que se chama Pandarany abaixo donde pousaramos da primeira que agora estavamos davante a cidade de Calecut, por que alij estava bom porto e que alij nos amarrasemos porque ally honde estavamos era mao porto e de pedra, como de fecto era asy, e que era costume que os navios que vinham a esta terra pousasem alij por estarem seguros. E o capitam visto este rrecado delRey e como nom estavamos bem mandou que desemos logo a nosas vellas e fomos a pousar em aquelle porto. E nam fomos tanto dentro como o pilloto que nos ElRey mandou quisera. E depois de estarmos assentados e amarrados no dito porto, veo rrecado ao capitam mor delRey como estava ja alij na çidade, e mandou hũ homem que se chama Bale, o qual he como alquaide, que elle de contino traz consiguo duzentos homens armados de espadas e adargas, aaquella villa de Pandarim pera aver dir com o capitam mor onde ElRey ficava e outros homens honrrados. E aquelle dia que o rrecado veo era tarde e o capitam nam qujs hir. E ao outro dia pella manham que foy hũa segunda feira vinte oito dias do mes de Mayo foy o capitam a falar a ElRey e levou

comsygo dos seus treze homens, dos quaees eu fuy huũ delles. E todos hiamos mujto bem ataviados e levavamos bombardas nos batés e trombetas e mujtas bandeiras, e tanto que o capitam foy em terra estava aquelle alquayde com mujtos homens consiguo armados e delles sem armas, os quaees rrecebéram o capitam com mujto prazer e gasalhado, como homens que folgavam de nos ver. E elles loguo ao presente sam homes carregados porque trazem aquellas armas nuas nas mãos. Alij trouxeram ao capitam mor hũas andas domẽes em que os onrrados custumam em aquella terra dandar, e alguns mercadores se as querem ter pagam por ello a ElRey certa cousa. E o capitam se pos nellas e levavano sejs homens a rrevezes, e partimos com toda aquella jente depos nos caminho de Qualecut, e daquy fomos a outra villa que se chama Capua. Alij apousentaram o capitam moor em casa de huũ homem honrrado, e mandaram fazer de comer pera nos outros, o quall foy arroz com mujta manteiga, e mujto bom pescado cozido. E o capitam nom qujs alij comer, e depois que nos outros comemos foy o capitam mor embarcar a hũ rrio que alij hia junto, o qual vay antre o mar e a terra firme ao lomguo da costa. E

as barquas em que embarquamos eram duas as quaees estavam liadas pera que podesemos jr juntos, afora outras muitas barcas em que hia outra mujta gente. Da que hia por terra nam diguo nada que era jnfindisima a quall vinha toda a nos ver, e por este rrio hiriamos obra duũa legoa, onde vimos mujtas naoos grossas e grandes as quaees estavam varadas em seco por rrespeito do porto que alij nom ha. E depois que desembarquamos o capitam moor tornou as suas andas e fomos noso caminho onde a jemte era tanta que nos vinha a ver que nom tinha conto. E asy como as molheres sayam das casas com os filhos nos braços asy se hiam depos nos. Aquy nos levaram a hũa grande Igreja em a quall estavam estas cousas seguintes.

¶. Primeiramente ho corpo da Igreja he da grandura duũ mosteiro toda lavrada de quantaria, telhada de ladrilho, e tinha a porta principall hũ padram darame daltura de hũ masto e em cima deste padram esta hũa ave que parece gallo, e outro padram daltura de huũ omem e mujto groso. E em o meo do corpo da Igreja esta huũ corucheo todo de quanto, e tinha hũa porta quanto huũ homem

cabia, e hũa escada de pedra perque sobiam ha esta porta, a quall porta hera darame, e dentro estava huũa ymagem pequena a quall elles diziam que era nosa Senhora, e diante da porta principall da Igreja ao lomgo da parede estavam sete campãas pequenas. Aquy fez o capitam mor oraçam e nos outros com elle, e nos nom emtramos dentro em esta capella porque seu costume he nom emtrar nella senam homens certos que servem as Igrejas, aos quaees elles chamam Quafees. Estes quafes trazem hũas linhas per çima do onbro lançadas [e onbro he ho esquerdo] e por debaixo do onbro do braço direito asy como trazem os creligos davangelhos a estolla. Estes nos lançaram agoa benta; dam hũ barro branco que os xrstãos desta terra acostumam de põor em as testas e nos peitos e derredor do pescoço e em os buchos dos braços. Toda esta çerimonja fezeram ao capitam e lhe davam aquelle barro que posese, e o capitam o tomou e o deu a guardar dando a emtemder que depois o pomria. E outros mujtos santos estavam pintados pellas parredes da Igreja os quaes tinham diademoas, e a sua pimtura hera em diversa maneira porque os dentes eram tam grandes que sayam da boca hũa polegada, e

cada santo tinha quatro e çinquo braços, e abaixo desta Igreja estava hũ gram tanque lavrado de quantaria asy como outros mujtos que pello camjnho tinhamos visto.

¶. E daquy nos fomos, e a emtrada da cidade nos levaram a outra a quall tinha estas mesmas cousas açima comtadas. Aquy rrececeo a gente mujto que nos vinha ver que nom cabia pello caminho, e depois que fomos por esta rrua huũ grande pedaço meteram o capitam em huũa casa e tambem nos outros com elle por rrespeito da jente que era mujta. Aquy mandou ElRey hũ Irmãoo do Baile o quall era Senhor nesta terra, o qual vinha pera jr com o capitam e trazia mujtos tambores e anafis e charamellas e hũa espingarda a qual hia tirando amte nos, e asy levaram o capitam com mujto acatamento tanto e majs do que se podia em Espanha fazer a hũ rrey. E a jemte era tanta que nom tinha conto e os telhados e casas eram todos cheos afora a que comnosco hia de rroldam, amtre a quall jemte hiriam ao menos dous mjl homens darmas. E quanto majs nos chegavamos pera os paços onde ElRey estava tamto majs jemte rrecrecia. E tanto que chegamos ao paço vieramse pera

o capitam homes mujto homrrados e grandes Senhores afora outros mujtos que ja hiam com elle e seria huũa orà de soll. Quando chegamos aos paços emtramos por hũa porta a hũ terreiro mujto grande e ante que chegasemos a porta onde ElRey estava pasamos quatro portas as quaees pasamos per força dando mujtas pancadas a jente, e quando chegamos a derradeira porta onde ElRey estava sayo de dentro huũ velho home baixo de corpo, o quall he como bispo, e o rrey se rrege por elle nas cousas da Igreja, o quall abraçou o capitam ha emtrada desta porta, e á emtrada della se fyriram homens e nos emtramos com mujta força.

¶. ElRey estava em huũ patim lançado de costas em huũa camjlha a qual tinha estas cousas; hũ pano de veludo verde debaixo, e em çima huũ colcham mujto bom, e em cima do colcham huũ pano dalgodam mujto alvo e delgado majs que nenhuũ de linho e tambem tinha almofadas deste theor. E tinha a mãoo escequerda hũa copa douro mujto grande daltura de hũ pote de meo almude e era de largura de dous parmos na boca, a quall era mujto grosa ao parecer, na qual talha lançava

bagaço de hũas ervas que os homens desta terra comem pella calma, a qual erva chamam Atambor; e da banda dirreita estava hũ bacio douro quanto hũ homem podese abranjer com os braços em o quall estavam aquellas ervas, e mujtos agomis de prata, e o ceo de çima era todo dourado. E asy como o capitam emtrou fez sua rreverença segundo costume daquella terra, a qual he ajuntar as mãoos e alevantalas pera o çeo como acostumam os xrstãoos alevantar a Deus, e asy como as alevantam abremas e çarram os punhos muj asynha. E elle acenou ao capitam com a mão derreita que se fose pera debaixo daquelle çerrado onde elle estava, porem o capitam nam chegava a elle porque o costume da terra he nom chegar nehũ homem hao Rey salvo chegava a elle huũ seu privado que lhe estava dando aquellas ervas, e quando alguũ homem lhe falla tem a mãoo ante a boca e estaa arredado. Asy como acenou ao capitam olhou pera nos outros e mandou que nos asentasemos em hũ poyall perto delle em lugar que nos via elle estar, e mandou nos dar agoa as mãos, e mandou trazer hũa fruy que he fecta como melõees salvo que de fora sam crespos mas de dentro sam doces, e tambem nos mandou trazer outra fruy que

sam como figos e sabe mujto bem, e tinhamos homes que nollos estavam aparando e ElRey estava olhando como nos comjamos e estava-se rryndo pera nos e falava com aquelle seu privado que estava a sua ylharga dando-lhe a comer aquellas ervas. E depois disto olhou ao capitam que estava asentado de fronte, e dise que falase com aquelles homes com que estava que eram mujto honrrados e que lhe disese o que elle quisese e que elles lho diriam. Respondeo o capitam mor que elle era embaixador d'ElRey de Portugall e que lhe trazia huũa embaixada e que ha nom avia de dar salvo a elle. Dise ElRey que era mujto bem e logo o mandou levar dentro a hũa camara e como foy dentro ElRey se alevantou donde estava e se foy pera o capitam mor e nos ficamos ema quelle logar. Jsto serria alij junto com o soll posto, e asy como ElRey se alevantou foy loguo hũ homem velho que estava dentro naquele patim e alevantou a camjlha, e a baixella ficou alij. ElRey como foy onde estava o capitam lançou se em outra camjlha em que estavam mujtos panos lavrados douro, e fez pregunta ao capitam que era o que queria. E o capitam lhe dise como elle era embaixador de huũ Rey de Portugall o quall era senhor

de mujta terra e era mujto rrico de todas as cousas majs que nehũ Rey daquellas partes e que avia sesenta anos que os Reys seus amteçessores mandavam cada ano navios a descobrir contra aquelas partes por quanto sabiam que em aquellas partes avia rreis xrstãos como elles, e que por este rrespeito mandavam a descobrir esta terra e nam porque lhe fose necesario ouro nem prata porque tinha tamto em avondança que lhe nom era necessario avello desta terra; os quaes capitaeens hiam e handavam em hũ ano e dous ate que lhe falecia o mantimento e sem acharem nada se tornavam pera Portugall. E que agora huũ rrey que se chamava Dom Manuell lhe mandara fazer estes tres navios e o mandara por capitam mor delles e lhe disera que elle se nom tornase pera Portugall ate que lhe nam descobrise este rrey dos xrstãoos, e que se se tornase que lhe mandaria cortar a cabeça, e que se o achase que lhe dese duas cartas, as quaes cartas lhe elle daria ao outro dia, e que asy lhe manda dizer por palavra que elle era seu jrmão e amjguo. El-Rey rrespondeo a jsto e dise que elle fose bem vindo e que asy o avia elle por jrmão e amjgo e que elle lhe mandaria embaixadores a Portugall com elle, dizendo o capitam que asy

lho pedia de merçee por quanto elle nom ousaria pareçer presente ElRey seu Senhor se nom levase algũs homens de sua terra. Estas e outras mujtas cousas pasaram ambos dentro naquella camara, e por quanto era ja mujto noute ElRey lhe dise que com quem queria elle pousar se com xrstãos se com mouros? E o capitam lhe rrespondeo que nem com xrstãos nem com mouros e que lhe pedia por merçe que lhe mandase dar hũa pousada sobre sy em que nom estevese njngem. E elRey lhe dise que asy o mandaria e njsto se despedio o capitam delRey e veo ter comnosco onde estavamos lançados em hũa varanda onde estava hũ grande castiçall darame que nos alumeava, e jsto seriam ja bem quatro oras da noute. Emtam nos fomos todos com o capitam camjnho da pousada e hiam comnosco mujta gente imfinda, e aguoa da chuva era tanta que as rruas hiam cheas e o capitam hia as costas dos seys homes, e andamos tanto pella cidade que o capitam se emfadou de andar e se aqueixou com hũ mouro honrrado que he feitor delRey, o qual hia com elle pera o apousentar. E o mouro o levou a sua casa a huũ terreiro que estava dentro nella, em o quall estava hũ estrado cuberto de ladrilho em que estavam mujtas alquatifas estemdidas e

dous castiçaees daquelles delRey mujto grandes e estavam açesos em çima delles hũs candieiros grandes de ferro com azeite ou manteiga e estavam quatro matullas em cada candieiro, as quaes davam grande lume, e estes mesmos candieiros costumam elles trazer por tochas. E aquelle mouro fez trazer alij huũ cavallo pera o capitam hir a pousada, e vinha sem sella. E o capitam nam qujs cavalgar, e fomosnos camjnho da pousada em a qual estavam ja quando chegamos çertos homens dos nossos com a cama do capitam e outro mujto fato que ho capitam levava de que avia de fazer servjço a ElRey. E a terça feira tinha o capytam estas cousas pera mandar a elRey: S. doze lanbés, e quatro capuzes de gram, e sejs chapeeos, e quatro rramaees de corall, e hũ fardo de bacias em que avia sejs peças, e hũa quaixa daçuquare, e quatro barris cheos, dous dazeite, e dous de mell. E porque aquy he costume de nom levar ao rrey nehũa cousa que primeiro o nam façam saber aquelle mouro seu feytor e depois ao Bayle, e como o capitam lho fez a saber vieram e começaram se de rrir daquelle servjço, dizendo que nom era aqujlo nada pera mandar a elRey, que o mais prove mercador que vinha de Meca ou dos Jmdios lhe dava

majs que aquyllo, e que se lhe queria fazer servjço que lhe mandase alguũ ouro, porque ElRey nom avia de tomar aqujlo. E o capitam vendo jsto asy ouve menencoria e dise que nom trazia ouro e majs que nom era mercador, mas que era embaixador e que daquillo que trazia daquylo lhe dava, o qual era do seu e nam do delRey; que quando ElRey de Portugall la tornasse a mandar que emtam lhe mandaria outras mujtas cousas e mujto mais rriquas; que se elRey Camolim aquillo nom quisese que elle o tornaria pera os navios; e elles diseram que lho nom aviam de levar, nem comsemtir que lho levasem. E depois que se foram vinham mouros daquelles trautantes e todos desprezavam aquelle servjço que o capitam queria mandar ao Rey.

¶. Ho capitam, visto sua determinaçam em como nom podya ja mandar aqujllo, dise que pois elles nom queriam que elle mandase este servjço a ElRey que elle lhe queria hir falar e que se queria vijr pera seus navios, e elles dyseram que era bem e que aguardase asy hũ pouco que elles queriam jr negociar hũ pouco e que loguo se tornariam pera elle, e que emtam yryam com elle ao paço. E o capitam

esperou todo aquelle dia aguardando por elles e elles nunca majs tornaram. E estando o capitam asy apasionado de se ver antre homens tam freimaticos e de tam pouca certeza qujsera se ir ao paço sem elles, porem ouve por mjlhor comselho esperar ate o outro dia. E nos contudo nom leixavamos de nos desemfadar e quamtavamos e bailavamos ás trombetas, e tomavamos mujto prazer. E quando veo a quarta feira pella manham vieram os mouros e levaram o capitam ao paço e nos outros com elle, e em o paço andava mujta gente armada, e o capitam esteve com aquelles que ho levaram grandes quatro oras a hũa porta que lhes nom abriam, ate que ElRey lhes mandou dizer que fosem pera dentro e nom levase comsyguo majs de dous homens, que vise elle quaees queria levar comsyguo. E o capitam dise que queria que emtrase com elle Fernam Martinz o que sabia falar, e o seu escripvam, pareçendo a elle e a nos outros aquella apartaçam que nom era boa. E elle como foy presente elRey diselhe que elle esperara a terça feira que ho fose ver, e o capitam lhe dise como viera cansado do camjnho que por este rrespeito o nam viera ver. Tornou ElRey a dizer que elle lhe disera como era de hũ rreino mujto rrico e que lhe nom

5

trouxera nada, e que asy lhe disera que lhe trazia hũa carta e que nom lha dava. Respondeo a jsto o capitam que elle lhe nam trouxera nada porque elle nam vinha senam a ver e descobrir, e que quando qua tornasem outros navios elle veria o que lhe traziam, e que quanto a carta que lhe elle disera que lhe trazia que era verdade e que logo lha daria.

¶. E dise emtam ElRey que era o que elle vinha descobrir, pedras ou homens? Que pois vinha descobrir homens como dizia, porque nom trazia algũa cousa? E mais que lhe diseram que elle trazia hũa Santa Maria douro. Dise o capitam que a Santa Maria que elle trazia nom era douro, e que ainda que fora douro que elle lha nom dera por quanto ella o trazia pello maar e o trouxera a sua terra. Dise emtam ElRey que lhe dese a carta que trazia. Dise o capitam que lhe pedia por merçê porquanto os mouros lhe queriam mall e nam aviam de dizer senam o contrario, que mandase chamar hũ xrstam que soubese fallar arravia dos mouros. Dise ElRey que era muj bem, e loguo mandou chamar hũ mancebo pequeno de corpo que chamavam Quaram; e dise o capitam que trazia duas cartas, huma era escripta em

a sua linguajem e a outra em mourisco, e que a que vinha em linguajem que elle a emtendia mujto bem e que sabia que vinha muito boa, e que a outra elle nom ha emtendia, e que asy como podia vijr bem asy podia vijr algũa cousa errada, e porque o xrstam nom sabia ler Mourisco tomaram quatro mouros a carta e leramna antre sy e depois vieram a ler ante ElRey, da qual carta ElRey ficou comtente, e preguntou ao capytam que mercadorias avia em sua terra. Dise o capitam que avia mujto trigo, mujtos panos, mujto ferro, mujto arrame, e asy dise outras mujtas. ElRey lhe preguntou se trazia algũa mercadoria. Dise que trazia de todas as cousas hũ pouco pera amostra, e que lhe dese elle liçença que viese aos navios pera a mandar pôr fora, e que ficariam na pousada quatro ou çinquo homens. Dise ElRey que nam, que elle se fose emboora, que levase todos os seus homeens comsyguo e que mandase amarrar muj bem seus navios, e que trouxese sua mercadoria em terra, e que ha vendese o mjlhor que podese. E depois do capitam se despidir d'ElRey veose pera a pousada e nos outros com elle, e porque era ja tarde nom se ocupou o capitam de partir. E quando veo a qujnta feira pella manham trouxeram

ao capitam hũ cavallo sem sella, e o capitam nom qujs hir em elle, e dise que lhe trouxesem hum cavallo da terra, que sam as andas, porque nom avia de cavalgar em cavallo sem sella. Emtam o levaram a casa de hũ mercador mujto rrico que se chama Guzerate, o quall mandou fazer prestes hũas daquellas andas, e como foram prestes partio logo o capitam nellas com mujta gente camjnho de Pandaranj onde estavam os navios, e nos outros nom podemos aturar depos elle e ficamos mujto detras. E nos hindo asy chegou o Baille e pasou por nos, e chegou honde hia o capitam, e nos outros erramos o camjnho e fomos mujto por dentro do sartam. E aquelle Baile mandou hũ homem depos nos que nos emcamjnhou. E quando chegamos a Pandarany achamos o capjtam dentro em hũ estaoo dos quaees avia mujtos per estes camjnhos pera os pasajeiros e camjnhantes se acolherem das chuvas. Estava com o dito capitam o Baille e outra mujta gente, e como nos chegamos dise o capitam ao Baille que lhe mandase dar hũa almadia pera hirmos pera os navios, e elle com os outros diseram que era ja tarde, como de fecto era ja soll-posto, e que ao outro dia se jria. E o capitam lhe dise que se lha emtam nom desem que se

tornaria a ElRey, porque elle o mandara vir aos navios e que elles o queriam deter, e que aquillo era mall fecto sendo elle xrstãoo como elles. E vendo elles como o capitam avia menencoria diseramlhe que fose e que lhe dariam trinta almadias se tamtas fosem necesarias. Emtam nos levaram ao lomguo da praya, e o capytam parecendo-lhe aquillo mall mandou diante tres homens e que se achasem os batés dos navios e hij estevese seu irmãoo que se escondese. Foram elles e nam acharam nada, e tornaram-se; e a nos levaramnos por outro cabo e nom nos podemos emcontrar. Emtam nos levaram a casa de hũ mouro porque jsto hera ja mujto noite, e como alij chegamos elles diseram que queriam hir em busca dos tres homens que nom tornaram majs a nos, e como se elles foram mandou o capitam conprar mujtas galinhas e mujto arroz e comemos ainda que estavamos mujto quansados dandar todo aquelle dia. E elles desque se foram nunca majs tornaram senam pella manham, dizendo o capitam que lhe parecia aquella jente de boa condiçam, porque aqujllo que lhe fezeram de os nom leixarem hir o outro dia a noute o fezeram por lhe pareçer que lhe faziam njso boa obra, ajnda que por outra parte tinhamos

todos delles má sospeiçam e nos parecyam mall pello que tinhamos ja pasados os outros dias em Calecut. E quando ao outro dia elles vieram dise o capitam que lhe desem barquas em que fose a seus navios, e elles começaram todos a mormurar hũs contra os outros, e diseram que mandase trazer seus navios majs pera junto com terra e que emtam hiria a seus navios. Dyse o capitam que se elle mandase vir os navios que pareçeria a seu Jrmãoo que o tinham preso e que por força lhe faziam fazer aquillo, e que emtam alevantaria as vellas e que se hiria pera Portugall. Diseram elles que se elle nom mandase trazer os navios junto com terra que nom avia dir a elles doutra maneira: dise emtam o capitam que ElRey Camolim o mandara vir pera seus navios e que pois elles o nam queriam leixar hir asy como o ElRey mandara, que elle setornaria a elle, e que elle era xrstam como elle, e que se elle o nam leixase hir e quisese que elle estevese em sua terra que elle folgaria mujto. Elles dizeram que sy, que fose, porem nom davam a jso logar porque as portas donde estavamos foram loguo todas cerradas e muyta jente darmas dentro que nos guardava, em maneira que nehũ de nos saya fora que nom fosem com elle mujtos homens.

E depois tornaram a cometer que lhe desemos as vellas e os governalhos, dise emtam o capitam que lhe nam avia de dar nehũa daquellas cousas pois ElRey Camolim o mandara vir pera seus navios sem nehũa condiçam, que fezesem elles o que qujsesem delle que elle nom lhe avia de dar nada.

¶. Estando o capitam e nos outros todos mujto tristes no coraçam ajnda que defora mostravamos que nam tinhamos aquillo em conta que elles faziam, dise o capitam que pois ja ho nom leixaram hir aos navios que leixasem hir aquelles seus homens que morriam alij de fame. E elles diseram que estevesem, que se moriam de fame que se composesem, que eles nom davam por jso nada. E nos estando asy veeo hũ daquelles homes que se de nos perdera o outro dia a noute, e dise ao capitam como Njcolao Coelho estava desdo outro dia á noute com os batés em terra esperando por elle. E o capitam como soube jsto mandou loguo hũ homem o majs secretamente que se pode mandar, e jsto como mujta astucia porque tinhamos sobre nos mujtas guardas, e que disese a Nicolao Coelho que logo se partise dalij e se fose pera os navios, e que se pose-

sem a bom rrecado ; o qual rrecado como chegou a Nycollao Coelho partio-se mujto aa presa, e elle em se partindo foram avisados os que nos guardavam, e mujto depresa esquyparam mujtas almaadias e foram depos elle hũ pedaço, e quando viram que os nam podyam tomar tornaramse onde estava o capitam, e diseramlhe que escrepvese hũa carta a seu Jrmão que chegase majs a terra os navios, e que se viese mais pera dentro do porto. Dise o capitam que hera mujto comtente, mas que elle nom ho avia de fazer, e se o quisese e consentise em o fazer, que os que com elle vinham nom ho aviam de consentir nem quereriam morrer, e elles lhe diseram que pera que era aquillo? que bem sabiam elles que se o elle mandase que se faria o que elle qujsese.

¶. O capitam nom queria mandar vir os navios pera dentro do porto, porque lhe pareçya e a nos outros tambem, que como elles fosem dentro que elles os poderiam tomar e que os matariam a elle primeiramente e a nos que ja estavamos rreteudos sô seu poder.

¶. Todo este dia estevemos mjtidos nesta agonya, como tendes visto, e quando veo

a noute esteve mujto majs gente comnosco que nom qujseram que andasemos por hũ cerrado em que estavamos, e meteramnos em hũ patim ladrilhado e cerquaramnos de mujta gente imfinda, e nos em meo delles, esperando nos que ao outro dia nos apartasem hũs dos outros ou que fezesem de nos outra algũa cousa segundo viamos que elles estavam jmdinados contra nos, porem nos comtudo nom leixamos de cear mujto bem diso que se achou pella villa. Esta noute nos guardariam majs de çem homens todos armados de espadas e bisarmas e escudos e arcos e frechas, e tinham tal maneira que se dormjam hũs os outros vigiavam e asy se revezaram toda a noute.

¶. E quando veo ao outro dia que era hũ sabado dous dias do mês de Junho vieram estes Senhores pella manham e vinhã jaa com milhor sembrante, dizendo qne pois o capitam disera a ElRey que elle trazia sua mercadoria a terra que ha mandase tirar, por quanto o costume daquella terra era que quaeesquer navios que a ella vinham punham loguo sua mercadaria em terra, e iso mesmo a gente toda, e que ateque a mercadaria nom fose toda vendida que o mercador nom tornava majs

ao navio. Dise o capitam que sy, que elle escrepveria a seu Jrmão que lha mandase, e elles diseram que era bem, e que como viese a mercadaria que ho leixariam loguo jr pera seus navios; escrepveo loguo o capitam a seu Jrmão que lhe mandase certas cousas, o quall as mandou loguo. E elles tanto que as viram o leixaram loguo jr pera os navios e ficaram dous homens com ella em terra; da quall cousa folgamos todos muj mujto, e demos muitas graças a noso Senhor por nos tirar dantre taees homes em que nom cabe nehũa rrezam como se fosem bestas, porque bem sabiamos que como o capitam fose nos navios que ajnda que outrem ficase que nom lhes haviam de fazer nehũa cousa, o qual como foy nos navios nom qujs majs mandar nehũa mercadaria por emtam. E daly a cinquo dias mandou o capitam dizer a ElRey como ho elle mandara vyr pera seus navios e que nom ho queseram leixar certos seus, e que o deteveram no caminho hũ dia e hũa noute, e que elle tinha ja posto a mercadaria em terra como lhe mandara, e que os mouros vinham aly e que lha abatiam; que vise elle o que mandava njso porque elle nom lhe dava da mercadaria nada, porem que estava elle e os navios a seu serviço. Mandou logo dizer

ElRey como aquelles, que aqujllo fezeram e-ram maoos xrstãoos e que elle os castigaria. E mandou logo sete ou oyto mercadores a ver a mercadaria e que a comprasem a sua vontade. E mais mandou aly hum homem honrrado com ho feytor que estivese aly e que se chegase algum mouro que ho matasem sem por ello averem nehuma pena.

¶. Estes mercadores que ElRey aquy mandou estiveram neste lugar obra doyto dias e em vez de mercarem abatiam a mercadaria. Os mouros nom vieram majs aa casa domde estava esta mercadoria, donde nos elles vieram a querer mall em tal maneira que como quallquer de nos hia em terra por lhe pareçer que niso nos anojavam cospiam no cham e diziam " Portugal, Portugal; ,, ainda que elles de principio loguo buscaram maneira como nos tomasem todos e nos matasem, e quando o capitam vio que a mercadaria nom estava em logar que se vendese fello logo saber a ElRey e como a queria mandar a Calecut, que vyse elle o que mandava. Tanto que ElRey vio este rrecado do capitam mandou loguo o Baille que tomase mujta gente que ha podese toda levar as costas, e que logo se levase a Ca-

lecut e que ha pagasem a sua custa, dizendo que nehuma cousa d'ElRey de Portugal nom avia de fazer despesa em sua terra. E todo jsto hera com fundamento de nos fazer algum mall pela maa emformaçam que ja de nos tinha que eramos huns ladrõees e que andavamos a furtar, porem elle fez tudo jsto na maneira que tendes visto.

¶. A hũ Domjngo que foy dia de Sam Joham Bautista que foram a vinte e quatro do mês de Junho foy a mercadaria pera Calecut, e estando asy la a dita mercadaria ordenou o capitam que toda a jente fose a Calecut nesta maneira: que fose de cada navio seu homem, e como aquelles viesem que fosem outros, e desta maneira poderiam jr ver a cidade e cada hũ conpraria o que qujsese, os quaes quando hiam pello camjnho rrecebiam de toda a jemte xrstãa mujto gasalhado, folgando muyto todos quando algũ hia a sua casa a comer ou dormir, e de todo o que tinham lhe davam com muyto boa vontade. E jso mesmo vinham mujtos homens aos navios vender pescado por pam e rreçebiam de nos muyto boa companhia, e outros muytos vinham com os fylhos e moços pequenos, e o capitam lhes mandava dar de co-

mer. Todo jsto se fazia por fazermos paz e amizade com elles e que disesem de nos bem e nam mall. E destes eram tantos que nos aborreciam, que muytas vezes era noute çerrada e nam os podiamos botar fora dos navios, e jsto causa a muyta gente que ha nesta terra e os mantimentos sam muyto poucos, e se algũa vez se açertava que algũs homens dos nossos hiam correger algũas vellas e levavam biscouto pera comerem, eram tantos sobre elles asy de moços pequenos como homens grandes, que lho tomavam da mãoo e emfim nom comjam delle nada. Foram todos os que eramos nos navios, como vos tenho dito, dous e dous e tres e tres, e cada hũ levava diso que tinham asy de manjlhas e rroupa de vistir e estanho e camjsas, cada hũu asy como ho tinha, e vendiam posto que nom venderam tambem como nos esperavamos que valesem as cousas a nossa chegada de Moncobiquy, que hũa camysa muyto delgada que em Portugall vall trezentos rreis davam aquy por dous fanôs que valem em esta terra trinta rreis, porem a estima de trinta rreis nesta terra he grande; e asy como faziam barato das camysas asy o faziam das outras cousas por levarem algũa cousa desta terra por amostra. E compravam diso que vendiam pela villa, asy cravo como canella e

pedras finas, e depois de ter asy cada hũ comprado o que queria vinha se pera os navios sem lhe nyngem dizer nehũa cousa. E visto o capitam como esta gente hera tam boa determjnou em esta terra leixar hũ feitor com a mercadaria e hũ escripvam com elle e certos homens outros. E chegando se o tempo para nos partirmos, o capitam-mor mandou hũ servjço dalanbares a ElRey e tambem lhe mandou coraees e outras cousas mujtas, e mandoulhe dizer que elle se queria vyr pera Portugall, se queria elle mandar algũs homens a ElRey de Portugal? e que elle leixaria aly hũ feitor e hũ escripvam com outros certos homens com a mercadaria, e que lhe mandava aquelle servjço; e que pedia que elle mandase a ElRey seu Senhor hũ bagar de canella e outro de cravo e asy de quallquer outra especiaria que qujsese por amostra, e que ho feitor faria dinheiro e que lhe pagaria se elle qujsese. Depois que este rrecado do capitam chegou honde ElRey estava primeyro que lhe podese falar se pasaram quatro dias, e quando o que este rrecado levava emtrou honde ElRey estava elle o olhou com máoo sembrante e lhe pergumtou que queria, e elle lhe deu o rrecado do capitam na maneira açi-

ma escripto e como lhe mandava aquelle serviço. Dise ElRey que aqujllo que lhe levava que ho desem ao feitor e nom ho qujs ver. E dise que disesem ao capitam que pois se queria hir que lhe dese sejscentos xarifes e que se fose emboora, e que asy era o custume daquella terra e dos que a ella vinham. Dise emtam Diogo Diz que levava este rrecado, que elle tornaria com aquella rreposta ao capitam. E asy como elle partio partiram certos homens com elle e como foram na casa onde estava a mercadaria em Calecut meteram homens dentro com elles que os guardavam que nom saisem, e asy mesmo mandaram loguo apregoar por toda a cidade que nehũa barca nom fose a boordo dos navios. E asy como elles viram que estavam presos, mandaram hũ moço negro que com elles estava, que fose ver ao longo da costa se acharia quem o trouxese aos navios e que disese como eram presos por mandado delRey. E elle foyse ao cabo da cidade onde moravam hũus pescadores e hũ delles o trouxe por tres fanôs e jsto porque a noute se comesava a cerrar e nom os podiam ver da cidade, e asy como ho poseram a bordo logo se partio sem fazer mais tardança; e jsto foy a hũa segunda feira que eram treze

dias do mes Dagosto de 1498.

¶. Na quall nova todos fomos tristes por vermos huũs homens nas mãoos de seus jmygos e asy pello grande desaviamento que jsto dava a nossa partida, e asy mesmo o sentymos por hũ rrey xrstãoo nos fazer tanta perraria ao qual homem dava do seu, e doutra parte nom lhe punhamos tanta culpa como era rrezam porque sabiamos çerto que os mouros que aquy estavam que eram mercadores de Meca e doutras mujtas partes que nos conheciam, lhes pesava mujto comnosco, e estes diziam a ElRey como nos eramos ladrõees e que como quer que começasemos de navegar por esta terra que nehuũ navio de Meca nem de Quambaya nem dos Imgros nem doutra parte nom viriam mais a sua terra, do que elle nom averia proveito nehuũ, e que nos nom lhe aviamos de dar nada, mas ante lhe aviamos de tomar, e que por aquy podia sua terra ser destroida; e sobre dizerem jsto peitavam muj mujto que nos tomase e matase que nom podesemos tornar a Portugall. A quall cousa os capitãees souberam por hũ mouro da terra que lhe descobrio o que estava hordenado, dizendo aos capitãees que nom saisem fora dos na-

vios em terra, principallmente ao capitam-mor. E afora ho este mouro dizer o diseram dous xrstãos que se os capitães fosem em terra que lhe aviam de cortar as cabeças porque asy o fazia EllRey aos que vinham a sua e lhe nom davam ouro.

¶. Estando nos asy ao outro dia segujnte nom veo barca nehũa abordo dos navios, e ao outro dia veo hũa almadia com quatro moços os quaes traziam pedras finas a vender, o que nos pareçeo que vinham por mandado dos mouros majs que pera vender pedras, e jsto por ver se lhe faziam algũa cousa; mas o capitam lhes fez gasalhado e escrepveo por elles hũa carta aos que estavam em terra. Quando elles viram que lhes nom faziam nada vinham cada dia mujtos mercadores, e outros que nom eram mercadores, que vinham a ver, e todos rrecebiam mujto gasalhado de nos e lhe davamos de comer. E ao Domingo segujnte vieram obra de vinte e cinquo homens antre os quaes vinham sejs delles que eram honrrados, e o capitam vendo que por aquelles lhe poderiam dar os nossos homens que estavam em terra rretehudos e presos lançou mãoo por elles, e dos outros majs somenos tomou doze, e asy

que tomou por todos dezanove, e os outros que ficaram mandou-os em hũa das suas barcas em terra, e mandou por elles huũa carta ao mouro feitor dellRey em que lhe mandava dizer que lhe mandase os homens que tinha presos e que elle lhe mandaria os que tomara. E quando elles viram que lhes tinham homens tomados foram logo mujta gente por elles aa casa da mercadaria e trouxeram-os a casa do feitor e jsto sem lhe fazerem nehũ mall.

¶. Ha quarta feira que foram vinte e tres dias do dito mes nos fezemos aa vella dizendo que nos vinhamos pera Portugall, e que esperavamos que muj cedo tornariamos e que entam saberiam se eramos ladrõees. E fomos a pousar a julavento de Qualecut obra de quatro legoas, e jsto por respeito do vento que era por davante, e ao outro dia viemos na volta da terra e nam podemos cobrar hũs baixos que estavam davante a cidade de Qualecut, e emtam tornamos na volta do mar e pousamos em vista da cidade. E ao Sabado fomos jso mesmo na volta do mar e pousamos tanto em mar que casy nom viamos a terra, e ao Domingo estando amquorados aguardando pella viraçam veo hũa barca do pego que fo-

ra em nosa busca e dise como Diogo Diz era em casa d'ElRey e que como viese que elles ficavam de os trazerem abordo. E o capitam parecendolhe que hos tenriam mortos e que aqujllo que diziam era por nos deter até que armasem contra nos ou viesem naoos de Meca que nos tomasem, lhe dise que fosem e nom viesem majs a bordo sem lhe trazerem os seus homens ou cartas suas, e que lhes mandaria tirar com as bombardas, e que se logo nam tornasem com rrecado que elle esperava de cortar as cabeças aaquelles que elle tomara. Depois de tudo jsto veo viraçam e fomos prelomgando a costa e ao sol posto tornamos a pousar.

De como ElRey mandou chamar Diogo Diaz e lhe dise o que se segue:

¶. Quando foram novas a EllRey que nos eramos partidos pera Portugall e como ja nom tinha rremedio pera fazer o que desejava, cuidou de tornar a correger o que ja dantes tinha danado. E mandou chamar Diogo Diaz, o quall como foy presente fez-lhe grande gasalhado nom lho fazendo dantes quando lhe levara o serviço, perguntandolhe por que toma-

ra o capitam aquelles homens. Diselhe o dito Diogo Diaz que porque elle nom qujsera que se elles fosem pera seus navios e que os rretevera na cidade presos. Dise EllRey que fezera bem, e tornou a preguntar que se lhe pedira o feitor algũa cousa, querendo dar a emtemder que elle nom sabia parte do que elle tinha fecto, mas que ho feytor o fezera por lhe dar algũa cousa, dizendo contra o dito feitor: " Nom sabe elle que ha pouco tempo que eu matey outro feitor porque levou peitas a hũs mercadores que ha esta terra vieram? " — Dise majs EllRey: " Tu vayte e eses outros que hi estan contigo aos navios, e dize ao capitam que me mande eses homens que tem e que ho padram que me mandou dizer que queria poerr em terra que os que te levarem o tragam e o ponham, e majs que tu fiques em esta terra com a mercadaria. " E asy mesmo mandou hũa carta ao capitam a qual dese a EllRey de Portugall a quall erra escripta por mão de Diogo Diaz em hũa folha de palma porque todas as cousas que se em esta terra escrepvem sam em as ditas folhas e a pena com que se escrepvem he de ferro, da quall carta o teor he este que se segue:

= Vasquo da Gama fidalguo de vossa casa veo a mjnha terra, com o qual eu folguey. Em mjnha terra ha mujta quanella e mujto cravo e gingibre e pimenta e mujtas pedras preçiosas, e o que quero da tua he ouro e prata e corall e escrallata =

¶. Ha segunda feira pella manhan que eram vinte e sete dias do dito mes, estando pousados, vieram sete barcas em as quaes vinha mujta gente e traziam Diogo Diaz e outro que com elle estava, e nam ousando de o poer a bordo poseramno em a barca do capitam que vinha ajnda por popa, e nom traziam a mercadoria cuidando que o dito Diogo Diaz tornase a terra. E tanto que o capitam os vio em ho navio nom qujs que tornasem majs a terra e deu o padram aos da barca como lho EllRey mandara que posese em terra, e mais deu por elles sejs homens os majs honrrados que elle tinha, ficando outros tantos, e dise que hao outro dia lhe trouxesem a mercadoria e que logo daria os outros que ficavam.

¶. A terça feira estando nos pousados pella manhan se veo metter comnosco em os navios hũ mouro de Tunez que nos entendeo,

dezendonos que lhe tomaram quanto tinha e que nam sabia se lhe fariam mais mal, que estava nesta ventura e que os da terra diziam que elle era xrstãoo e que viera a Calecut por mandado dellRey de Portugall, pello quall ante se queria vir com elles que estar em terra honde esperava que cada dia o matasem. E quando veo as dez oras do dia vyeram sete barcas com mujta gente; tres dellas traziam sobre as tostes alanbés postos, daquelles que nos fycaram em terra, dandonos a emtender que alij traziam a mercadoria toda. Estas tres chegavam se aos navios e as outras quatro ficavam de largo e nam se chegavam tanto que nom andasem hũ bom pedaço arredadas dos navios, e diziam que posesemos os homens em a nossa barca e que elles ponriam a mercadoria em ella e que tomariam os seus homens. E depois de conhecermos esta rraposia o capitam moor lhe dise que se fosem que nom queria mercadoria senam levar os homens a Portugall, e que aguardasem bem que elle esperava çedo tornar a Calecut e que entam saberiam se eramos ladrõoes como lhe diziam os mouros.

¶. Hũa quarta feira que foram vintanove dias do dito mez Dagosto visto como ja tinha-

mos achado e descuberto o que vinhamos buscar, asy de espiciaria como de pedras preçiosas, e como nom podyamos acabar de nos despidir da terra com paz e amjgos da jente, ouve por conselho o capitam moor com os outros capitãees de nos partirmos e levarmos aquelles homens que tinhamos, porque aquelles tornando a Calecut fariam fazer as amjsades, e logo fezemos as vellas e nos partimos camjnho de Portugall, vindo todos mujto ledos por sermos tam bem aventurados de acharmos hũa tam grande cousa como tinhamos achada. A quinta feira oras de meo dia amdando nos em calma abaixo de Calecut obra de huũa legoa vieram a nos obra de setenta barcas com mujta gente imfinda e traziam davante hũ emparo de pano vermelho dobrado como loudell mujto forte. Estas sam as suas armas do corpo e das mãos e da cabeça (*ficou na ponta da pena ao autor deste livro como estas armas sam fectas*). E como chegaram dos navjos a tiro de bonbarda tiraramlhe logo do navio do capitam moor e asy dos outros navios. E vinriam depos nos asy obra de hũa ora e mea. Elles jndo asy de pos nos deunos hũa trovoada que nos levou pera o mar e quando viram que ja nom podiam fazer nada tornaram-se pera terra. E nos

sygujmos nosso camjnho.

¶. Desta terra de Calecut que se chama Jndia Alta vay a espiciaria que se come em Ponente e em Levante e em Portugall e bem asy em todas as provinçias do mundo; asy mesmo vam desta cidade chamada Calecut mujtas pedras preciosas de toda sorte, sc. em esta dita cidade ha de sua propria colhença esta espiciaria que se segue: mujto gyngivre e pimenta e canella, posto que nom he tam fina como he ha de hũa jlha que se chama Çillam a qual está de Calecut oyto jornadas: toda esta canella vem ter a esta çidade de Calecut e ha hũa ilha que chamam Melequa donde vem o cravo a esta cidade: aquy carregam as náos de Meca a especiaria e a levam a hũa cidade que está em Meca que se chama Judeá, e poem desta ilha laa cinquoenta dias de vento a popa, que as náos desta terra nom andam pella bolina, e alij descarregam e pagam ao Gram Soldam seu direito; e dalij a tornam a carregar em outras naos mais piquenas e a levam por ho Mar-rruyvo a hũ logar que está junto com Santa Caterina de Monte-Synay que se chama Tuuz, e tambem aquy pagam outro direito; aquy carregam os mercadores esta espiçiaria em camel-

los alugados a quatro cruzados cada huũ camello e a levam ao Quayro em dez dias e aquy pagam outro direito. E neste camjnho pera o Cairo mujtas vezes os salteam ladrões que ha naquella terra os quaes sam Alarves e outros. Aquy tornam ha carregar outra vez em huũas naoos que andam em hũ rrio que se chama o Nillo que vem da terra de Preste Joham das Jmdias Baixas, e vam por este rrio dous dias ate que chegam a hũ lugar que se chama Roxete, e aquy pagam outro direito: e tornam outra vez a carregar em camelos e a levam em hũa jornada a hũa cidade que se chama Alexandria, a quall é porto de mar: a esta cidade Dalexandria vem as galés de Veneza e de Genoa buscar esta especiaria da quall se acha que ha o Gram Soldam de direito seiscentos mjll cruzados, dos quaees dá em cada hũ ano a hũ rrey que se chama Cidadym cem mjll porque faça guerra ao Preste Joham, e este nome de Gram Soldam comprase por dinheiro que nom hade ficar de pay a filho.

Torno a falar de nossa vinda.

¶. Jmdo nos asy ao longo da costa por rrespeito do vento que era pouco, com o ven-

to da terra pera o mar e a viraçam pera terra, de dia com a calma lançavamos anquoras. A huũa segunda feira que eram x dias do mes de Setenbro vindo nos asy ao lomgo da costa, mandou o capitam moor por homem daquelles que traziamos, o quall era torto de huũ olho, hũas cartas a EllRey Camolim escriptas em mourisco por mãoo de hũ mouro que comnosco vinha. Esta terra onde lançamos este mouro com as cartas chamam Compia e ao rrey della Biaquolle; este tem guerra com EllRey de Calecut. E o outro dia andando nos em calma vieram a nos barcas que traziam pescado e emtraram dentro nos navios sem nehũ reçeo os homens dellas. E ao sabado sygujnte que foram xv dias do dito mes fomos com hũs ilheos que estavam obra de duas legoas da terra; aquy lançamos hũ batell fora e posemos hũ padram em o dito ilheo ao quall poseram nome ho padram de Santa Maria; jsto porque ElRey disera ao capitam que posesem tres padrões, e que a hũ posesem nome da Sam Rafaell e ao outro de Sam Graviell e ao outro de Santa Maria; asy que com este acabamos de os põnr todos tres, . s: ho primeiro posemos no rrio dos Bõos Sinaees, o quall foy de Samrrafaell, e o 2.º em Calecut e foy de Sam Gra-

viell, e este derradeiro de Santa Maria; aquy nos vieram tambem aos navios mujtas barcas com pescado, e o capitam lhes deu camisas e lhes fez muito gasalhado, e preguntou-lhes se folgariam alij com hũ padram que elle queria põor em aquelle ilheo: diseram elles que folgariam mujto e que se o posesemos que emtam se afirmariam que eramos xrstãoos como elles. E este padram foy aquy por com muyta amjsade.

¶. E em esta noute segujnte com vento da terra nos fezemos á vella e sygujmos noso camjnho, e a quinta feira seguinte que foram xix dias do dito mes fomos com hũa terra alta mujto graçiosa e de bõos ares a qual tinha junto com a terra sejs jlhas pequenas; aquy pousamos bem junto com terra e botamos hũ batell fora pera avermos de tomar agoa e lenha que nos bastase em aquella travese que esperavamos de cometer se nos os ventos trezasem como desejavamos; e como fomos em terra achamos hũ homem mançebo que nos foy amostrar por dentro de hũ rrio hua aguada de hua agoa mujto boa, a quall nacia antre dous penedos. A este homem deu o capitam-moor hũ barrete e preguntoulhe se era mouro se

cristam; dise elle que era xrstãoo, e quando lhe nos disemos que tambem nos eramos xrstãos folgou mujto. E ao outro dia pella manham veo a nos hũa almadia com quatro homens, e trouxeram mujtas abobaras e pipinos: preguntoulhe emtam o capitam moor que se avia alij naquella terra canella ou gingivre ou outra algũa especiaria; diseram que canella avia mujta mas que nom avia outra nehũa especiaria. Mandou loguo o capitam com elles dous homens a terra pera lhe trazerem amostra della, os quaes os levaram a hũa mata em que avia jmfimdas arvores della, das quaes arvores cortaram dous grandes rramos com sua folha, e nos fomos com os batés pera avermos de tomar augoa, e achamos aquelles dous homens com os rramos que traziam da canella, e com elles vinham ja obra de vinte homens, os quaes troxeram ao capitam mujtas galinhas e leite de vaquas e abobaras, e diseram ao capitam que mandase com elles aqueles dous homens, porque elles tinham dalij huũ pedaço mujta quanella seca, e que ha hiriam ver e trariam amostra della. Depois que tomamos agoa viemonos pera os navios e eles ficaram que hao outro dia vinriam aos navios e que trariam ao capitam hũ serviço de vaquas e porcos e galinhas. Quando

veo ao outro dia em amanheçendo vimos junto com terra dous barcaços, os quaees estariam de nos obra de duas legoas, dos quaes nom faziamos nehũa conta. Fomonos a tomar lenha em terra em quanto a maré nos vinha pera avermos dentrar em o rrio pera tomarmos agoa e a já andando nós cortando a lenha parçeo ao capitam que aquelles barcos eram mayores do que lhe antes parçeram. Mandou logo que todos fosemos emtrar em os bates e fosemos comer, e que tanto que comesemos que yrymos ver nos batés se eram aqujllo mouros se cristãoos, e como o dito capitam moor foy em a sua naoo mandou huũ marinheiro aa gavea que vise se pareçyam algũns navios, o quall marinheiro vio a mar de nos obra de sejs legoas oyto naoos as quaes andavam em calmaria, polla qual o capitam mandou logo poor os navios a pique: e elles como lhe ygou a viraçam vieram de loo quanto poderam e como foram tanto avante como nos, porem averia de nos a elles duas legoas que nos pareçeo que nos poderiam ver, fomos a elles. E como viram que nos hiamos a elles começaram arribar a popa pera a terra, e hũa dellas ante que chegase a terra quebroulhe o governalho e os que hiam nella meteramse na sua barca que levavam por popa, e foramse

a terra, e nos que hiamos mais preto della abalrroamos logo com ella, e nom achamos em ella salvo mantimento e armas, e o mantimento era coquos e quatro talhas de huũs queijos daçuquar de palma, e todo o all era area que vinha por lastro; as outras sete deram comsyguo em seco e com os batees as fomos esbombardear.

¶. Ao outro dia pella manham estando nos pousados vieram a nos sete homens em huũa barca e diseram como aqueles navios eram de Calecut, e que vinham em nossa busca e que se nos tomaram que nos mataram todos. Ao outro dia depois que partimos daquy fomos a pousar aalem donde de primeiro estavamos dous tiros de bombarda, em hũa jlha em a quall nos diseram que avia agoa. Mandou logo o capitam mor a Nycolao Coelho em hũ batell armado a ver onde estava aguada, o quall achou em dita Jlha huũ edeficio de huũa Jgreja de grande quantaria, a quall estava derrubada dos mouros segundo os da terra diziam, senam quanto a capella estava cuberta de palha e elles faziam oraçam a tres pedras negras as quaees estavam em meo do corpo da cappella; e mais achamos alem desta i-

greja de quantaria, jso mesmo lavrado, em o quall tomamos quanta agoa quesemos, e em cima de toda a ilha estava hũ grande tanque daltura de quatro braças, e majs achamos defronte desta Jgreja hũa praya em a quall espalmamos o navio Berrio, e o navio do capitam moor o Rafaell nom foy a monte por respeito dos incomvenyentes abaixo escriptos.

¶. Estando hũ dia em ho Berrio a monte vieram a nos duas barcas grandes maneira de fustas, as quaes traziam mujta gente jmfinda, e vinham a rremos tangendo tanbores e charamellas e com estendartes nos topos dos mastos, e ficavam por rresguardo dellas outras cinquo ao lomguo da costa. E antes que chegasem aos navios preguntaram áqueles que nós traziamos que homes e que gente era aquella. Diseramnos que os nam leixasemos chegar a bordo, que eram ladrõees e que vinham pera nos tomar se podesem, que os homens desta terra que andavam armados emtravam por bem em hos navios, e que depois de serem dentro se se achavam poderosos lançavam mãoo pella naoo; os quaees como chegaram de nos a tiro de bombarda tiraram lhes do Rafaell e da naoo do capitam moor. Elles começaram a dizer

= Tambaram = dizendo que eram xrstãos, porque os xrstãoos desta terra da Jmdia chamam a Deus = Tambaram = e quando elles viram que lhe nom conheciam desta rrezam começaram de fugir pera terra, e Nycollao Coelho foy depos elles em hũ batell hũ pedaço, ate que da naoo do capitam moor lhe poseram hũa bandeira que se tornase.

¶. Ao outro dia estando os capitãees em terra com mujta gente alinpando o dito navio Berrio, vieram duas barcas pequenas e traziã obra de doze homens linpos com seus panos, e trouxeram ao capitam moor em serviço hũ feixe de canas daçuquar, os quaees como foram em terra começaram de pidir ao capitam que lhe leixase jr ver os navios. O capytam parecendolhe que elles vinham por emculcas come16çouse a agastar com elles. Estando njsto vinham outras duas com outra tanta gente, e elles conhecendo que ho capitam nom lhes mostrava boa vontade diseram aos que vinham que nom saisem em terra e que se tornasem. E elles tambem logo embarcaram e foramse depos elles.

¶. Estando o navio do capitam mor alinpandose veo hũ homem de ydade de quorenta

anos, o qual falava muito bem Venezeano, todo vestido de pano de linho e hũa touca muito boa na cabeça, e hũ traçado na çinta, e como sayo fora foy loguo abraçar o capitam mor e capitãees, e começou a dizer como elle hera xrstãoo e era da parte do Levante e que viera mujto pequeno em esta terra, e como vivya com hũ senhor que tinha corenta mjll homens de cavallo o qual era mouro, e que elle asy mesmo era mouro porem que a vontade de dentro era toda de xrstãoo, e que em elle estando em sua casa lhe vieram dizer como estavam em Calecut hũs homens que nynguem nom hos emtendia, e que andavam todos vistidos, e que quando elle aqujllo ouvira disera que taees homens nom podiam ser senam Francos, que asy chamam a nos outros em estas partes; emtam elle pidira liçença que o leixase vir vernos e que se o nam leixasem que de nojo morreria, e que emtam seu senhor lhe dise que viese e que nos disese que se algua cousa nos conprise de sua terra que nolla daria, offereçendo naoos e mantimentos e mais que se em sua terra qujsesemos viver que elle folgaria muito. Dandolhe o capitam disto muitos agradecimentos que elle lhe parecia que estava bem, dise mais que pidia por mercê ao capitam que

lhe dese hũ queijo pera mandar a hũ seu companheiro que ficava em terra, porque elle lhe ficara que se lhe fose bem que elle lhe mandaria hũ signall com que elle descançase. Mandoulhe emtam dar o capitam hũ queijo e dous paẽes molles : elle ficou em terra e falava tanto e tantas cousas que de cando em quando se alcançava; foyse emtam Paulo da Gama aos xrstãos da terra que o traziam, e preguntoulhe que homem aquelle era; diseram elles que era o armador que nos viera alij cometer e que tinha em terra as suas naos com mujta jemte; e sabido jsto com o majs em que comprenderam, tomaramno e levaramno ao dito navio que estava em seco e começaram de o açoutar que comfesase se era elle ho armador que viera depos elles, e o porque vinha; descobriunos que elle sabia que toda a terra nos queria mall e que mujtos homes armados estavam de rredor de nos mitidos por essas emseadas, porem que nehũs nom ho ousavam de vir cometer e que estes estavam aguardando por huũas correnta vellas que se estavam armando pera virem sobre nos, porem que elle nom sabia quando vinriam a nos; de sy nom dise emtam nada senam o que dito tinha da primeira; depois foy preguntado tres ou quatro vezes; posto que de-

craradamente nom ho dizia porem por jeitos ho emtendiamos, e dizia que elle vinha ver os navios pera saber a gente e armas que traziamos.

¶. Nesta jlha estevemos doze dias onde comemos mujto pescado que os da terra nos traziam a vender e mujtas abobaras e pipinos, e asy traziam barcas carregadas de lenha verde de canella, a quall lenha trazia sua folha; e depois que tevemos os navios linpos e agoa tomada, quanta nos era necesaria, e a naoo que tinhamos tomada desfecta, nos partimos a hũa sesta feira que foram çinquo dias do mes Doutubro.

¶. Antes que a naoo fose desfecta davam ao capitam mill fanones, e elle dise que ha nom avia de vender porque era de seus contrairos e que nom queria senam queymalla.

¶. Jndo nos obra de duzentas legoas em pego donde partiramos, dise o mouro que tomaramos, que ja lhe parecia tempo pera nom emcobrir nada que era verdade; que estando elle em casa de seu senhor lhe vieram dizer como nos andavamos perdidos ao lomgo da costa que nos nom sabiamos tornar pera nossa ter-

ra, e como por este rrespeito andavam mujtas armadas pera nos averem de tomar; e que emtam lhe disera seu senhor que nos fose ver em que maneira andavamos e que vise se nos podia levar a sua terra, e jsto porque diziam que se nos o armado tomase que lhe nom daria parte, e que como fosemos em terra que nos tomaria e porque eramos valentes homes faria comnosco guerra aos outros rreys comarcãoos. Esta conta era fecta sem óspeda.

¶. Andamos tamto tempo em esta travesa que tres meses menos tres dias gastamos nella; jsto com mujtas calmarias e ventos comtrairos que em ella achamos, de maneira que nos adoeçeo toda a gente das gingivas que lhe creçiam sobre os dentes em tall maneira que nom podiam comer, e jso mesmo lhes inchavam as pernas, e grandes outros inchaços pelo corpo de guisa que lavravam hũ homem tanto ate que morria sem ter outra nehua doença; da qual nos morreram em o dito tempo trinta homes, afora outros tantos que ja eram mortos, e os que navegavam em cada naoo seryam sete ou oyto homens, e estes nom eram ainda sãos como aviam de ser, do que vos afirmo que se nos mais durara aquelle tempo

quinze dias andaramos por ese mar atravês que nom ouvera hij quem navegara os navios. Em tall ponto eramos que era ja todo composto, e andando nos asy nesta coyta faziamos mujtos prometimentos a Santos e pititores pellos navios. E os capitães tinham ja fecto comselho que se nos vento jgual acudise, que nos tornase a terra da Jndia donde partiramos, de arribarmos a ella. Quys nos Deus por sua mjsericordia dar tal vento que em obra de sejs dias nos trouxe a terra, com a quall folgamos tanto como se fora de Portugall, porque esperavamos com ajuda de Deus guareçer em ella como da outra vez. E foy hua Quarta feira dous dias de Fevereiro da era de mjll iiij'LRix anos, e porque ja eramos perto de terra e era de noute fezemos em outra banda e payramos; e como foy manham fomos a demandalla terra pera sabermos honde Nosso Senhor nos tinha lançados, porquanto nom avia ja hij piloto nem homem que cartear soubese pera saber em que parajem eramos, senam quanto alguns diziam que nom podiamos ser senam antre huas ilhas que estam a traves de Maçombique obra de trezentas legoas de terra. E jsto hera porque hũ mouro dizia, que nos tomaramos em Macombiquy, que as jlhas eram muito doentias e que mes-

mo os que em ellas vivjam adoeçiam das nossa doenças. E achamos nos davante hūua cidade muito grande e de casarias sobradadas, e em meo da cidade tinha hūus grandes paços, e arredor da cidade tinha quatro torres e estava esta cidade bem acaram do mar, a quall he de mouros e se chama Magadoxo; e como fomos tanto avante bem junto com ella tiramos muitas bombardadas e fomos noso camjnho com muj bom vento a popa ao lomgo da costa, andando de dia e pairavamos de noute, porque nom sabiamos quanto avia de nos a Milingue onde nos desejavamos de hir. E ao Sabado que foram cinquo dias do dito mes indo nos em calma, com hua trovoada que sobreveo de supito quebraram as ostagas ao Rafaell. Jndo nos corregendo asy o dito navio sayo a nos huu armado a nos de hua villa que se chama Pate, com oyto barcas com mujta gente a nos, e como elles foram de nos a tiro de bombarda lhe tiramos e elles fogiram loguo pera terra. Nom fomos depos elles porque nom tinhamos vento.

¶. Ha segunda feira que foram nove dias do dito mes fomos a pousar davante Milindy, honde logo ElRey mandou hũ barco longo, o

quall trazia mujta gente e mandou carneiros e mandou dizer ao capitam que elle fose bem vindo, que ja avia dias que esperava por elle, e asy mandou dizer outras mujtas palavras damjzade e paz, e o capitam mandou com estes que vieram hũ homem a terra pera o outro dia trazer laranjas que mujto desejavam os doentes que traziamos, como de fecto as trouxe logo com outras mujtas fruytas, postoque nom aproveitaram aos doentes, que a terra os apalpou em tal maneira que aquy se nos finaram mujtos; e asy vinham mujtos mouros a bordo por mandado d'ElRey e traziam mujtas galinhas e ovos a rresgatar. E o capitam vendo como nos fazia tanta honrra em tempo que nos era tam neçesaria, mandoulhe hũ servjço e mandoulhe dizer por hũ dos nossos homens, o quall era o que sabia falar aravia, que lhe pidia que lhe dese huũa bozina de marfim pera trazer a EllRey seu Senhor e que lhe mandase põur huũ padram em terra que ficase em sinall damjzade. E ellRey dise que era mujto comtente de fazer todo aqujllo que elle dizia por amor dEllRey de Portugall a que elle desejava de servir e ser sempre a seu servjço, como defecto logo mandou a bozina ao capitam e mandou levar o padram em terra. E asy emviou huũ mouro

mançebo pera vijr comnosco que queria vijr ver Portugall, o quall mouro EllRey mandou mujto emcomendar ao capitam, e bem asy lhe mandou dizer que elle mandava aquelle mançebo pera que EllRey de Portugal soubese quanto elle dezejava sua amjzade.

¶. Neste logar estevemos çinquo dias folgamdo e desquansamdo de quanto trabalho tinhamos passado na travessa onde todos ouveramos de morrer. E a hũa sesta feira polla manham nos partimos, e quando veo ao sabado que foram doze dias do dito mes pasamos por jumto com Monbaça, e ao domjngo fomos pousar em hos baixos de Sam-rrafaell, onde posemos o ffogo ao navio deste nome, porquanto era cousa jmposivell navegarem tres navios com tam pouca gente como eramos; aquy pasamos todo o fato deste navio aos outros dous que nos ficaram. Aquy estevemos çinquo dias onde nos traziam de huũa villa que defronte de nos estava que se chama Tamugata mujtas galinhas a vender e rresgatar por camjsas e manjlhas. E a hũ domjngo que foram xxvij dias do dito mes nos partimos daquy com muj bom vento a popa, e a noute segujnte payramos e quando veo a manham nos achamos junto com huũa ilha

muito grande que se chama Jamgiber a qual he povoada de mujtos mouros a quall estará de terra bem dez legoas. E ao primeiro dia de Fevereiro a tarde fomos pousar davante as Jlhas de Sam Jorge em Mocombiquy. E ao outro dia pella manham fomos põor em a jlha onde a jda diseramos mjsa hũ padram. E foy tanta a chuva que nunca podemos fazer fogo pera derretermos chumbo pera lhe pormos a Cruz o quall ficou sem ella, e nos viemonos aos navios e partimonos logo.

¶. Aos tres dias do mes de Março chegamos a Amgra de Sam Bras onde tomamos mujta achoa e lobos marinhos e sotelycairos, dos quaees fezemos salga pera o mar; e aos doze dias do dito mes nos partimos. Sendo alem daguada dez ou doze legoas ventou o Ponente de guisa que nos fez tornar a pousar em a dita Amgra, e como foy bonança tornamos a sair, e deunos Noso Senhor tam bom vento que aos vinte dias do dito mes pasamos pollo Cabo de Boa Esperança. E eses que atequy chegamos eramos de saude e rrijos, e as vezes bem mortos de frio de grandes bisas que aquy achavamos em esta terra. E majs o punhamos a vyrmos de terra quente que ao frio ser grande,

e segujmos nosso camjnho com grande desejo de chegarmos, e vinhamos com vento a popa que nos durou bem vinte e sete dias de maneira que nos pos em boa parajem da Ylha de Samtiago que em as cartas de marear ao mais que della nos faziamos eram çem legoas, e alguns eram ja com ella, e aquy nos acalmou o dito vento, e alguũ que nos yguava era muito pouco e por davante, e por avermos conhecimento donde eramos com alguũas trovoadas que nos vinham de terra hiamos de lloo quanto podiamos, e hua quinta feira vinte e cinquo dias do mes Dabrill achamos fundo de trinta e cinquo braças, e todo o dia fomos por este camjnho, e o menos fundo foram vinte braças, e nom podemos aver vista de terra, e os pilotos diziam que eramos nos Baixos do Rio Grande.

Estes nomes abaixo escriptos sam de certos rregnos que estam de Calecut pera a banda do Sull; e as cousas que cada rregno há e como vailem; o quall eu soube muito çerto de huũ homem que sabia a nossa falla he havia trinta anos que viera d'Alexandria a estas partes.

¶. Primeiramente Calecut omde estevemos; aquy vem todas as mercadarias abaixo escriptas, e asy as naoos de Meca em esta cidade de Calecut carregam. Este rrey a que chamam Camolim ajuntará domeens de peleja cem mjl e jsto com ajuda que ha, que de sua jurdiçam tem muj pouca jemte: —

Estas sam as mercadorias que as naoos de Meca trazem as quaees valem por toda esta Jmdia: —

Quobre que val huũa farazalla, a qual tem perto de trinta arratées, çinquoenta fanoeens que sam tres cruzados: —

Pedra de Baqua que vall a peso de prata: —

Facas, que vall cada faca huũ fanam: —

Aguoa-rrosada val a frazala çinquoenta fanoeens : —

Pedra-ume vall a frazalla çinquoenta fanoens : —

Chamalote vall a peça sete cruzados : —

Pano vermelho val hũ pequy, que sam tres palmos, dous cruzados : —

Azougue vall a farazala dez cruzados.

Outro Reyno.

¶. Quorongoliz he de xrstãoos e o Rey xrstãoo ; estaa de Calecut tres dias per mar de bom vento : este rrey poderá ajuntar quatro mill homens de peleja ; aquy ha mujta pimenta e vall aquy hũa farazalla nove fanoeens e em Calecut val quatorze : —

Outro rreino.

¶. Coleu de xrstãoos, o qual esta de Calecut dez dias por maar de bom vento : este rrey podera ajuntar dez mjll homens ; em esta terra ha mujto pano dalgodam e pimenta pouca : —

Outro Regno.

¶. Caell, o qual tem o rrey mouro e a gente he xrstãa e esta de Calecut por mar dez dias; este rrey poderá ajuntar quatro mjll homens de peleja e cem alifantes de guerra; aquy ha mujtas perllas: —

Outro Regno.

¶. Chomandarla he de xrstãoos e o Rey xrstãoo; este podera ajuntar çem mjll homens; aquy ha mujta lacra e vall duas farazalas hũ cruzado: e asy tem mujto pano dalgodam: —

Outro rreino.

¶. Ceylam a qual he hũa hilha mujto grande e de xrstãos e rrey xrstão; está de Calecut por mar de bom vento oyto dias; este rrey podera ajuntar quatro mjll homens e asy tem mujtos alifantes de guerra, e pera vemder: aquy ha toda a quanella fina que ha em esta Jmdia e asy mujtas pedras çafiras e mjlhores que outras de outra terra, e rrobis poucos mas sam bõos: —

¶. Camatarra he de xrstãoos ; está de Calecut trinta dias de bom vemto ; este rrey poderá ajuntar quatro mjl homens de peleja e tem mjll de cavallo e trezentos alifantes de guerra ; em esta terra ha mujta seda em fio e val a farazalla oyto cruzados ; tambem ha nesta terra mujta lacra e vall hũ bachar que tem xx farazallas dez cruzados : —

¶. Xarnauz he de xrstãos e o Rey xrstão ; estaa de Calecut cincoenta dias de bom vemto ; este Rey ajuntara vinte mjll homens de peleja e quatro mjl de cavallo. E tem quatrocentos alifantes de guerra ; nesta terra ha mujto beijoim e vall a farazalla tres cruzados , e ha hi muito aloee e vall a farazalla xxv cruzados : —

¶. Tenacar he de xrstãos e Rey xrstão ; está de Calecut de bom vento quorenta dias. Este rrey podera ajuntar dez mjll homens de peleja , e tem quinhemtos alifantes de guerra ; nesta terra ha muito brasyll o quall faz mujto fino vermelho tanto como grãa , e vall aquy hũ bachar tres cruzados , e no Quayro vall sesenta ; tambem aquy aloee mas pouco : —

¶. Bemgala; em este rreino á mujtos mouros e poucos xrstãos; e ho rrey he mouro; este ajuntará vinte mjll homens de peleja e dez mil de cavallo; nesta terra ha mujtos panos dalgodam e de seda e mujta prata; está de Calecut quorenta dias de bom vento. —

Outro rreyno.

¶. Melequa he de xrstãoos e o rrey xrstãoo; estaa de Qualecut quorenta dias de bom vento; este rrey podera ajuntar dez mjll homens de peleja. s. duzentos de cavallo e os outros de pee; daquy vay todo o cravo e vall aquy hũ bachar nove cruzados, e jso mesmo a noz nozcada val hũ bachar outros nove cruzados, e hay mujtas procelanas e mujta seda e mujto estanho, do qual fazem moeda, porem a moeda he grande e val pouco, que tres farazalas valem hũ cruzado. Aquy ha mujtos papagaios grandes todos vermelhos como arcẽ. —

¶. Peguo he de xrstaõs e o Rey xrstão e sam todos alvos como nos outros; este podera ajuntar vinte mjll homens de peleja. s. dez mjl de cavalo e os outros de pee, e quatrocentos alyfantes de guerra; aquy ha todo o al-

mjzquero do mundo. Este rrey tem huũa jlha a quall esta da terra firme obra de quatro dias de bom vento, em a qual jlha andam hũas alimarias asy como çervas, as quaes trazem huũs papos nos jmbigos em que anda este almizquere, e em certo tempo do ano esfreganse a huũas arvores e quaemlhe estes papos e os da terra vam em este tempo apanhallo. E he tanto que dam por hũ cruzado quatro papos destes grandes, e dos pequenos dez e doze que poderam encher huũa grande arca. E em a terra firme ha mujtos rrobis e mujto ouro: que com dez cruzados podes aquy conprar ouro porque dem em Calecut vinte e çinquo; e ha hy mujta lacra e beijoim de duas maneiras, branco e preto; val a farazala do branco tres cruzados e do preto hũ e meo; e prata que por dez cruzados vos dem em Calecut quinze; esta terra está de Calecut trinta dias de bom vento: —

¶. Bemguala tem o rrey mouro, e a jemte della sam mouros e xrstãos, e esta de Calecut trinta e çinquo dias de bom vento; aquy avera vinte e quatro mil homes de peleja . s . dez mil de cavallo e os outros de pee, e quatrocentos aliffantes de guerra; em esta terra ha

estas mercadorias : mujto triguo e mujtos panos de grandes valores, e conprando aquy dez cruzados destes panos acharam em Calecut por elles quorenta ; e mujta prata : —

¶. Conjmata tem o rrey xrstãoo e bem asy a gente ; está de Calecut cinçoenta dias de bom vento ; este rrey podera ajuntar cinquo ou sejs mil homens de peleja e tem mjll aliffantes de gerra ; nesta terra ha mujtas pedras çafiras e mujto brasyll : —

¶. Pater he de xrstãoos e Rey xrstãoo, e em este Reyno nom ha mouro nehuũ ; este rrey podera ajuntar quatro mjll homens de peleja e tem çem alifantes de guerra ; em esta terra ha mujto rruibarbo e val aquy huũa farazalla nove cruzados ; e ha hy muitas pedras espinellas e muita lacra e val hũ pachar quatro cruzados ; estaa de Calecut cincoenta dias de bom vento : —

De como pelejam os aliffantes nesta terra.

Fazem hũa casa de madeira em que cabem quatro homens e esta casa anda em çima do aliffante com os ditos quatro homens mitidos nel-

la, e traz este alifante em cada dente cinquo espadas armadas, asy que em ambos os dentes traz dez espadas, de maneira que andam tam temerrosos que nehuũ nom os aguarda se lhes fogir pode. E todo aquillo que aquelles que em çima andam lhe mandam o fazem tam compridamente como se fose criatura rracionall, porque se lhe dizem = mata aquelle ou faze isto ou estoutro = asy o fazem.

Da maneira que tem pera os tomarem quando andam no mato bravos.

Quando querem tomar algum aliffante bravo tomam hua femea mansa, e fazem hua cova muito grande onde quer que o aliffante anda, e tapamlhe a boca com mato, e dizem áquella femea = vay e se achares algũ aliffante trazeo pera junto desta cova de maneira que caya elle dentro e tu guardate nom cayas = Vayse emtam e asy como lho mandam asy ho faz, e depois que o topa á o de trazer de maneira por alij que ha de cair dentro, e a cova he de tall altura que jamajs elle por sy pode sajr.

Da maneira que se tem pera os tirarem da cova e os amansarem.

Depois que o aliffante jaz naquella cova pasamse primeiro cinquo ou sejs dias que lhe dem de comer, e depois dos ditos dias pasarem levalhe hũ homem mujto pouca vianda e cada dia majs até que elle vem a comer, isto por espaço de huũ mes até que aquelles que lhe levam de comer o vam amansando, até que lhe detam da terra em a cova; e jsto falo por tantos dias que lhe aguarda que lhe pousa a mão nos dentes; e depois decese abayxo e lançalhe huũas cadeas mujto grosas nos pees, em as quaes o ensinam em tall maneira que lhe nom mingoam senam falar, e tem os em estribarias como cavalos e hũ bõo aliffante vall dous mjll cruzados.

Este he o preço porque se vende a especiaria em Alexandria.

Primeiramente vall huũ qujntal de canella vinte e cinquo cruzados: . . . . . xxv ✠.os
Huũ quintall de cravo val vinte cruzados : xx ✠.os
qujntall de pimenta qujnze cruzados : xv ✠.os
qujntall de gingivre onze cruzados : xi ✠.os

e em Calecut vall hũ bachar que tem cinquo qujntaees vinte cruzados: qujntal de noz nozcada vall dezaseis cruzados :. . . . . xvj ✠ .os
quintal de lacra vall vinte e cinquo cruzados :. . . . . xxv ✠ .os
quintal de brasill val dez cruzados : x ✠ .os
arratell de rruybarbo val doze cruzados: xij ✠ .os
mjticall dalmizquere vall hũ cruzado : j ✠ .os
arratell de paoo aloee val dous cruzados ij ✠ .os
arratell de beijoim val hũ cruzado : j ✠ .os
qujntal demçenço val dos cruzados : ij ✠ .os
e em Meca onde ho ha val hũ bacar dous cruzados .

Esta he a linguajem de Calecut.

Por ólha ; nocane.
ouves ; que que ne.
tiralhe ; criane.
tirar ; balichene.
corda ; coraoo.
alarga ; laçany.
dáme ; cornda.
beber ; carichany.
come ; tinane.
toma ; y na.
nam quero ; totenda.
andar ; mareçane.
vaite ; poo.
vem qua ; baa.
calte ; pote.
levantate ; legany.
lançar ; carecane.
falar ; para ne.
doudo ; moto.
sesudo ; monday decany.

Por manco ; mura call.
cajr ; biamçe.
mujto ; balidu.
maoo ; betall.
vento ; clarle.
pouco ; chiredu.
daylhe ; criane.
paoo ; mara.
pedra ; calou.
dentes ; faley.
beiços ; çire.
nariz ; muco.
olhos ; cana.
testa ; necheim.
cabellos ; talanay.
cabeça ; tabu.
orelhas ; cadee.
lingoa ; naoo.
pescoço ; caestez.
— ; mulay.
peitos ; nane.
braços ; carit.
estamago ; barri.
pernas ; cali.
— ; canay.
— ; seyrim.
— ; cudo.
mãoos ; lamguajem.
dedos ; beda.
— ; cula.
pescado ; mjny.
masto ; mana.
lume ; tijr.
dormir ; teraquy.
homem ; amoo.
molher ; pena.
barba ; tari.
lagosta ; xame.
papagayo ; tata.
ponbas ; cayninaa.
— ; baly.
beijar ; mucane.
morder ; canchany.
olhar ; noquany.
ouvir ; çegade.
bater ; catane.
ferida ; morubo.
espada ; batany.
adarga ; cutany.
arco ; cayny.
frecha ; aimbum.
lança ; concudoo.

Por tirar com arco; heany
soll ; nerara.
lua ; neelan.
çeo ; mana.
terra ; caraa.
mar ; caralu.
naoo ; capell.
barcas ; cambuco.
noute ; erabut.
dia ; pagalala.
comer ; tinane.
— ; matara.
asentar ; arricany.
estar em pee ; anica-
ny.
andar ; narecane.
abraçar ; traigany.
pancadas ; talancy.
chorar ; que ne.
alevantar ; alagany.
baylar ; canechane.
tirar com pedras ou
paoo ; ouryany.
cantar ; fareny.
chuuva ; ma jaa.
agoa ; tany.
cego ; curuge.
decepado de maõo ;
muraquay.
— ; panany.
toma ; ennay.
vamonos ; ponnga.
leste ; careçache.
loeste ; mecache.
norte ; barcangache.
sull ; tycamgarche.
cam ; naa.
cadella ; pena.
moço ; hum nee.
mjnjno ; co poo.
casa ; pura.
agulha ; cu doo.
verga ; parima.
rremo ; tandij.
bombardas ; ve dij.
gavea ; talij.
driça ; anguaa.
ancora ; napara.
baudeiras e estendar-
te ; çotj.
governalho ; xoca.
pelote ; cu pajaoo.

Por calça ; cacu paja. | barrete ; tupy.

Estes sam os seus nomes:

Tenae – Pumj – Paramganda – Uja pee – Qujlaba – Gouaa – Aja paa – A rreco – A xirama – Cue-rapa - Culotopa - Anapa - Canapa - Gande - Rre-maa - Mamgala -

NOTAS E ELUÇIDAÇÕES.

NOTA A.

Ha quem tenha attribuido a Americo Vespuccio a Relação da Viagem de D. Vasco da Gama que se encontra na Collecção de Viagens de Ramusio, (tomo 1.º pag. 137) e taes são, entre outros, Sebastião Francisco de Mendo Trigoso na Introducção ás 2 Cartas de Vespuccio que formão o N.º 4 da Collecção de Noticias para a Historia &c. das Nações Ultramarinas, da A. R. das S. de Lisboa; e Antonio Ribeiro dos Santos, na sua Memoria sobre a Novidade da Navegação Portugueza no XV º Seculo, (Mem. de Litteratura da A. R. das S., tomo 8º pg. 348) ao que, suppomos nós, forão induzidos por Bandini, que na " Vita e Lettere d'Americo Vespuccio, 1745 " attribue a referida relação, pela 1.ª vêz no mundo litterario, á penna de Vespuccio.

Não temos podido alcançar vista desta obra de Bandini, da qual sómente temos noticia pelas citações que della fazem outros escriptores, como v: g: Tiraboschi, tomo 6º parte 1.ª pg. 253; e seria portanto temeridade em nós o impugnar uma asserção, cujos fundamentos ignoramos. Attrever-nos-hemos, comtudo, a affirmar, que se a Relação da Viagem de Vasco da Gama a que referimos foi escrita segundo declara Ramusio (que pela 1.ª vêz a appresentou em publico) por um Gentil-homem Florentino que (como o mesmo conteudo indica) se achava em Lisboa quando o mencionado Capitão-mor voltou do Descobrimento da India, — não podia esse gentil-homem ser Americo Vespuccio.

D. Vasco da Gama chegou a Lisboa a 29 d'Agosto de 1499, (segundo Goes,) ou nos principios de Setembro, (segundo Castanheda); tendo sido precedido, em 10 de Julho, por Nicoláo Coelho, que delle se apartou, como se sabe, a 25 d'Abril, na

derrota do Cabo de Boa Esperança para a Ilha de Santiago de Cabo Verde. — Dêmos nesta conformidade que a Relação em questão fosse escrita em todo o decurso dos mezes de Julho, Agosto, e Setembro de 1499.

Não entraremos nas questões (se é que questões se podem chamar) que se tem suscitado sobre as datas das viagens de Americo Vespuccio; e avisadamente duvidamos de haver verdadeiramente questão, onde a izenção de prevenções para receber a convicção de provas e a reducção da pretendida controversia ao seu valor real, farião desvanecer toda a duvida essencial: mas n'uma ou n'outra hypothese, dos partidistas de Colombo, ou dos sectarios de Vespuccio, desprovaremos que este ultimo se achasse em Lisboa nos mezes de Julho, Agosto, ou Setembro de 1499.

Os Autores Hespanhoes, estribados no testemunho de Herrera (Hist. Geral das Indias) collocão a partida de Americo Vespuccio em sua 1.ª Viagem em 20 de Maio de 1499: segundo esta Chronologia achava-se este navegante de certo embarcado e mui longe de Lisboa nos 3 mezes em questão.

Os Autores que, contra Colombo, ascrevem a Vespuccio a gloria da descoberta do Novo-Mundo, fazem remontar a sua 1.ª Viagem ao anno de 1497. Temos consultado, na Bibliotheca Portuense, uma mui antiga copia das 4 cartas de Americo Vespuccio narrativa de suas 4 viagens, duas em serviço do Rei de Castella, e 2 no d'el-Rey D. Manuel de Portugal, que se achão impressas no fim d'um pequeno tratado por "Martinus Ilacomilus" intitulado "Cosmographie introductio &c.", 4°, letra Gothica, "apud Argentoratos" (Strasbourg) — "Joannes Gruniger, 1509", sendo dedicadas a Reinato, Rei de Sicilia, Duque de Lorena &c.; edição de que parece se servio Simon Grynœus, em seu "Novus Orbis &c. — Basilea — 1537", pois que no seu transcripto das referidas cartas appresenta os mesmos erros typographicos que nel-

la se contem. Achão-se neste impresso determinadas as epochas das viagens de Vespuccio com bastante confusão, mas que não será difficil fazer desvanecer.

Na 1.ª Viagem estabelece-se a partida de Cadiz a 20 de Maio de 1497 e a chegada a 15 d'Outubro de 1499; sendo a data da chegada evidentemente erro typographico, pois que do theor da mesma 1.ª Carta se colhe que nesta Navegação se empregou quasi 18 mezes; — devendo portanto substituir-se por 1498.

Na 2.ª Viagem de Cadiz, colloca-se a partida em Maio de 1489; — o dia exacto, 11 do mez, suppre a edição das cartas em Grynœo, — e o anno é evidentemente erroneo, devendo ser 1499, a chegada é marcada a 8 de Setembro do anno seguinte, sc. 1500.

A 3.ª Viagem teve por partida de Lisboa o dia 10 de Maio de 1501 — (o "Summario das Navegações de Vespuccio" inserido em Grynœo e Ramusio, marcão o dia 13 do mez;) e a chegada em 1502, com quasi 16 mezes de navegação — (fornecendo-nos a versão Italiana de Ramusio o dia 7 de Setembro de 1502.)

A 4.ª Viagem é marcada, de Lisboa, a 10 de Maio de 1503, e termina a 28 de Junho de 1504 = differindo 10 dias da versão de Ramusio que colloca a chegada em 18 do mesmo mez.

Desta forma, combinando as datas e texto da Edição de 1509 — a de Grynœo de 1537 — e a versão Italiana de Ramusio, podemos fixar as datas seguintes para as 4 Viagens de Americo Vespuccio: —

1.ª Viagem.	2.ª Viagem.	3.ª Viagem.	4.ª Viagem.
Partida 20 Maio 1497	11 Maio 1499	10 ou 13 Maio 1501	10 Maio 1503
Chegada 15 Out.º 1498	8 Set.º 1500	7 Set.º 1502	18 ou 28 Junho 1504

e segundo estas epocas não é possivel que Americo Vespuccio se achasse em Lisboa no decurso dos mezes de Julho, Agosto, ou Setembro de 1499.

Demais concedamos de leve a ficção das duas primeiras viagens de Vespuccio. Na Relação da 1.ª que fez em serviço d'El-Rei D. Manuel elle expressamente declara que chegou a Lisboa em 1501, quando já a armada em que ao depois partio se achava pronta para se fazer á vella. Ora esta partio no mêz de Maio, e por mais que se dilate em antecedencia a chegada de Vespuccio nunca se poderá esta collocar tanto atraz como Julho, Agosto, ou Setembro de 1499.

E assim, se as nossas premicias são verdadeiras — a saber; a declaração de Ramusio, e o contexto da mesma relação; em nenhuma das opiniões que se achão formadas e sustentadas sobre a genuinidade das Navegações de Vespuccio, se pode consistentemente sustentar que fosse elle o Autor da Relação em questão.

Parece-nos que o mesmo Antonio Ribeiro dos Santos se contra-diz quando a sua referida asserção se compara com o que escreveo em sua Memoria " Da Antiguidade da Observação dos Astros " inserida no Tomo 5.º Parte 1.ª pg. 77, das Mem. da A. R. das S., onde diz que o mesmo Gentil-homem Florentino *viajara* com Vasco da Gama; asserção esta que alem de contradictoria é insustentavel á vista do conteudo da Relação a que se refere.

NOTA B.

Desta 1.ª Edição do 1.º Livro da Historia da India por Fernão Lopes de Castanheda existe um exemplar na Bibliotheca Portuense. Barbosa Machado na noticia que d'ella dá diz que " passados tres annos se reim-

primio este livro em folha com differente dedicatoria ao mesmo monarcha (Dom João 3.º) e com diversidade no principio do 1.º capitulo como em o numero delles "= mas da confrontação desta com a edição de 1554 se colhe que as differenças e correcções são mais consideraveis que as apontadas. D'algumas fazemos menção nas nossas notas, e aqui notaremos que a diversidade no numero dos capitulos (sendo 95 na edição de 1551, e 97 na de 1554) resulta das alterações que fez Castanheda para discorrer sobre uma inscripção latina, prefetica da descoberta da India, que no tempo de D. Manuel se diss ter sido achada em Cintra; e para inserir a Carta que o referido monarcha escreveo ao Çamorim de Calecut por Pedro Alvares Cabral, e o Brazão d'Armas que el Rei de Cochim deu a Duarte Pacheco. Como porem se fizessem traducções desta mesma Edição em lingoas estrangeiras — como em Romance Castelhano, Anvers, 1554, (de que temos conhecimento d'um exemplar na Bib. da Univ. de Coimbra) forão de certo modo divulgadas as incorrecções e imperfeições da mesma; do que se encontra vestigios em alguns authores — tanto antigos como modernos. Sirva d'exemplo o dizer-se nesta 1.ª Edição que da Ilha de S. Tiago Bartholomeu Dias voltou a Portugal; asserção que ainda que se corrigio na Edição seguinte para *seguio o caminho da Mina* apparece ainda hoje na Biographia Universal, e em outras Obras.

O Compilador da Bibliotheca Lusitana, em seu " Summario " é inexacto e não escreve o que Barboza refere, quando dá a entender que tendo todas as obras de Castanheda sido impressas em 1551, sahiram accrescentadas e emendadas em os varios annos que aponta; sendo certo que sómente o 1.º Livro fôra impresso em 1551 e que quando pela primeira vêz apparecerão os livros 6º e 7º em 1554 é que se reimprimio o 1.º O mesmo Barboza Machado é inexacto em apontar que o 1º Livro sahio com o livro de Osorio " De Rebus Emmanuelis " em Pariz, 1581. imprensa de

Francisco Estienne, traducção de S. G. S.; quando este traductor approveitando-se dos 12 livros de Osorio recorreo sómente aos ultimos de Castanheda; como verificamos.

1.

Pag. 1.ª " Na era de mjll iiij LRvij."

O complexo d'algarismos de que faz uso o A. (e que se pode ver no Fac-simile que ajuntamos) é mesclado daquella irregularidade que nos seculos 15.º e 16.º se introduzio nos signaes da numeração. iiij valia 4: e sendo a força do signal subsequente ', ou superior ', centuplicar a indicação antecedente, iiij', ou, (para indicar que o ' abrange a reunião dos i, e não somente o j final) iiij, valia 400; o L sendo o da numeração Romana (ou mesmo minusculo) valia 50; o R valia 40; vij valia 7; e deste modo se completava a conta de 497. (Veja se o Elucidario de Santa Roza de Viterbo, na palavra "Algarismo", e nas letras L e R; assim como de suas Tabuas, a 1.ª, figuras 11 e 13).

2.

Pag. 1. " Quatro navios "

Estes navios eram: — o Sam Gabriel, de 120 toneladas; o Sam Rafael, de 100; a caravella Berrio, de 50; e a náo dos mantimentos, de 200. Os primeiros dous forão construidos sob as direcções de Bar-

tholomeu Dias, (que já tinha experiencia dos mares Austraes,) e da madeira que para o proseguimento das descobertas, tinha El-Rei Dom João 2.º mandado cortar por João de Bragança, (seu *moço do monte*,) e conduzir para a Caza da Mina em 1494; sendo o agente desta construcção e do despacho de toda a Armada Fernão Lourenço, Thezoureiro da referida Caza, e um dos magnificos homens daquelle tempo. A caravella foi comprada por El-Rei Dom Manuel a um piloto da Villa de Lagos, chamado Berrio, de quem a embarcação conservou o nome; circunstancia esta que d'alguns (como Maffei, em " Le Istorie dell' Indie Orientali,") é ignorada. A náo de 200 toneladas foi comprada tambem, por El-Rei Dom Manuel, a um Ayres Correa, e era destinada a conduzir os mantimentos que para tão dilatada viagem como se calculava erão necessarios, e para os quaes o diminuto lote dos navios não offerecia o commodo da arrumação; sendo das instrucções que levava o Capitão-mor que na Angra de Sam Braz deveria ser despejada e queimada. Hia mais em conserva destes navios até ás alturas da Mina, Bartholomeu Dias, em uma caravella da carreira ordinaria do trafico que para essas partes se fazia, e da qual, polo lucro que d'ahi lhe resultaria, lhe foi conferido o commando, tanto em consideração dos seus passados serviços no adiantamento das Descobertas, como em remuneração do seu trabalho no apercebimento da Armada que acompanhava.

Na Capitania, o S. Gabriel, ia o Capitão-mor Vasco da Gama; levando por Piloto Pero d'Alemquer, que com Bartholomeu Dias tinha chegado até o Rio do Infante no anno de 1487; (Cazado Giraldes diz que dobrarão o Cabo em 1493!) e por Escrivão Diogo Dias, irmão do referido Bartholomeu.

No S. Rafael ia por Capitão Paulo da Gama, irmão do capitão-mor; por Piloto João de Coimbra; e por Escrivão João de Sá.

No Berrio ia por Capitão Nicoláo Coelho; por Piloto Pero Escolar; e por Escrivão Alvaro de Braga. (1)

Na náo dos mantimentos ia commandando um creado do capitão-mor chamado Gonçalo Nunes, a quem Castanheda, na 1.ª Edição do seu 1.º Livro, chamou por engano Gonçalo Gomes, emendando-se para Nunes na 2.ª

Iam por Linguas; — do Arabico, Fernão Martins (2); da falla dos Negros, Martim Affonso, que por muito tempo andara em Manicongo.

Tem-nos demais a historia conservado os nomes de — Alvaro Velho e Fernão Velloso, (Castanheda e Barros); Gonçalo Pirez (Castanheda); Gonçalo Alvarez, Mestre do Navio Sam Gabriel, (Barros); Sancho Mexia, (nosso Autor); Pedro de Faria e Figueredo, e seu irmão Francisco, que ambos morrerão no Cabo das Correntes, (Faria e Souza); e Leonardo Ribeyro, (Manuel Correa (3), citando o dito de Camões);

Faria e Souza menciona mais, em sua Asia, a *Pero de Cobillones*, Religioso da Ordem da Trindade, como Capelão da Armada, fundando-se em papeis antigos de toda a confiança (diz elle) e em o testemunho de Frei Christoval Ozorio, da mesma ordem, em uns Elogios por elle escritos.

Na enumeração dos individuos que embarcárão para esta viagem ha discrepancia. Castanheda (4) Ozorio, e Goes especificão 148 homens; Barros, na Dec. 1.ª Liv. 4º, Cap.º 2º, declara 170; e, no Liv. 5.º, Cap.º 1º, da mesma Dec. diz " obra de 160"; Faria e Souza, — 160. Em que voltárão ao Reino 55 concordão todos (com pequenissima excepção) que apontão um numero determinado. San Roman (Liv. 1.º cap.º 7) diz que, entre marinheiros e soldados, embarcárão 160 dos quaes morrerão, inclusivé Paulo da Gama, 93, — dando assim 67 pelo numero dos sobreviventes, o que excede 55 por 12.

Nós inclinamo-nos ao maior numero e conjecturamos que os 12, differença entre 148 e 160, provem de não se ter involvido no menor algarismo os 10 ou 12 degradados, que (Góes, Chr. de D. Manuel, Part. 1ª, cap.º 36) Vasco da Gama levava para deixar em terra nos pontos em que lhe parecesse podessem tomar informação da mesma; que devião ser recolhidos aos navios na volta da armada para Portugal; e que talvêz os Autores que apontão 148 homens não se lembrárão, ou não quiserão, especificar, limitando-se ás duas classes " mareantes e homens d'armas."

---

(1) João Franco Barreto, no seu Indice dos Nomes Proprios, que anda annexo a varias Edições das Obras de Camões, diz na palavra " Diogo ", que João de Barros chama a Diogo Dias e Alvaro de Braga — Alvaro Dias e Diogo Correa. Na Decada 1ª, Liv. 4º, capitulos 3º e 10º tal não achamos; mas sim Diogo Dias e Alvaro de Braga.

(2) Diz mais João Franco Barretto, no supra-citado Indice, na palavra " Fernão ou Fernando " que Goes chama Martim Affonso a Fernão Martins. Aqui ha tambem engano. Góes (C. de D. Manuel, P. 1.ª capitulos 36 e 39) não confunde dessa sorte n'um só, dous individuos distinctos.

(3) " Obras do Grande Camões &c. com os Commentos de Manuel Correa &c. Lisboa, 1720, Officina de Joseph Lopes Ferreira;" na nota á Estancia 40 do Canto 6º; onde declara que Camões lhe dissera ser o verdadeiro nome do Leonardo, que o Poeta ahi introduz, Leonardo Ribeyro. E' de notar que Manuel de Faria e Souza em sua " Asia Portugueza ", diz que o Leonardo da Est. 40 do Canto 6º de Camões, era Francisco de Faria e Figueredo; e em seus " Commentos aos Lusiadas " (Madrid, João Sanchez, 1639) n'uma nota á mesma estancia usa das palavras seguintes: " Pudo aver este soldado (Leonardo) en la compaña; i no consta de esso; ni era minister para ser introduzido del Poeta que escrive um Poema, i no uno una historia."

(4) São erros typographicos ; — na 1.ª Ediç. do 1.º Livro de Castanheda , a pag. 87, o numero 180 ; é contrario ao que disse o A. a pg. 7 acha-se substituido por 148 na Edição de 1544; (E' comtudo do notar que Ramusio, na Relação desta viagem que inserio em sua Collecção e que já citamos , tambem marca 180 entre todos.) — Em alguãs Edições Italianas de Maffei — 60 homens. (As mesmas Ed. dizem que V. da Gama perdera quasi 100 homens.) As Edições Latinas são mais correctas; trazem 160.

Lafitau e alguns outros trazem 170 homens. A Hist. Geral das Viagens a p. 22 , diz 160 e a pag. 52, 108. &c.

3.

Pag. 1. linha 8 .... " Partimos de Restello."

" O Infante D. Henrique , por razão desta empreza que tomou de mandar descobrir novas terras , em as partes donde as suas Armadas partião a este descobrimento , por louvor de Nossa Senhora , mandava-lhe fazer huma Casa , huma das quaes foi a de *Rastello* em Lisboa da invocação de Bethlem , na qual tinha certos Freires da Ordem da Milicia de Christo, de que elle era Governador e Administrador , á qual Ordem elle tinha dado esta casa com todas as terras, pumares , e aguas , que para elle comprara... O fundamento das quaes casas , e principalmente desta de Bethlem , era para que os Sacerdotes , que alli residissem, ministrassem os sacramentos da Confissão e Communhão aos mareantes que partiam para fora; e em quanto esperavam tempo , *(por ser quasi huma legua da cidade* , *)* tivessem onde ouvir missa. El-Rey D. Manuel , como imitador deste sancto e catholico avoengo , vendo que succedêra a este Infante em ser Governador e perpetuo Administrador da Ordem da Milicia de Christo, e assim em proseguir este descobrimento , tanto que *veio* Vasco da Gama , em que

se terminou a esperança de tantos annos, que era o descobrimento da India, quiz, como premicias desta mercê, que recebia de Deos, em louvor de sua Madre, (a quem o Infante tinha tomado por sua Protectora para esta obra,) fundou hum sumptuoso Templo na sua Ermida da vocação de Bethlem......A qual casa El-Rey deu aos Religiosos da Ordem de S. Jeronymo, pola singular devoção que tinha neste Sancto....E porque a Ermida com todas as propriedades da casa, (como dissemos) era da ordem de Christo, por a ter dotada o Infante ao Convento delle, que está em a villa de Thomar, por auctoridade Apostolica deo El-Rey por ella ao mesmo convento a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa, a qual elle fêz de Esnoga, que era dos Judeos." (ASIA de Barros, Dec. 1.ª, Liv.º 4.º, Cap.º 12.º)

4.

Pag. 1. " Hum sabado que eram oyto dias
" do mes de Julho da dita era de 1497."

Alguma duvida poderá offerecer-se sobre o exacto dia da partida de Vasco da Gama, ao indagador da nossa Historia Chronologica, que sómente consultar o testemunho de authoridades secundarias. Com effeito

Ramusio (1) assigna-lhe o dia...	9	de Julho de 1497
San Roman (2)	9	........,,........,,...
Maffei (3)	9	........,,........,,...
Laclede (4).........................	9	........,,........,,...
Antonio Galvão (5)	20	........,,........,,...
Barrow (6)	3	........,,........,,...

e [para acabarmos com citações inuteis] o erudito 2º Visconde de Santarem (7) elogia a exactidão d' um Codice M. S. existente na Bibliotheca Real de Pariz, por apontar o dia .... 2 de Junho de 1497.

Mas em quanto a nós a verdadeira data desta partida acha-se definitivamente estabelecida pela conjuncta authoridade daquelles nossos Escriptores dos negocios da India, que, primeiros na ordem dos tempos em que escreverão, são tambem primeiros, no conceito que nos devem merecer. Castanheda, Barros, Goes, Faria e Souza, (8) unanimamente assignão, como dia da partida, Sabado 8 de Julho de 1497; e seu depoimento é corroborado pela authoridade de nosso Anonymo, que, se fôra necessario, podéra decidir a questão, tanto pelo gráo de crença que merece, como pela coherencia com que desta procede em todas as mais datas de sua narrativa.

---

(1) Ramuzio: " Primo volume e seconda editione " delle navegationi &.ª In Venetia, nella Stamperia de Giun- " ti, lanno 1554;" a pag. 130, na Viagem de Vasco da Gama, em 1497, escripta por um gentil-homem Florentino que se achava em Lisboa no tempo em que a Armada voltou do Descobrimento da India.

(2) San Roman : " Historia General de la Yndia " Oriental ; Valladolid, 1603 ; " a pag. 40.

(3) Maffei : " Le Istorie dell' Indie Orientali ; Mi- " lano, 1806 ; " Tomo 1.º, pg. 67.

(4) Laclede ; " Histoire Générale de Portugal, Pa- " ris, 1735 ; " Tomo 4º, pg. 99.

(5) Antonio Galvão : " Tratado dos Descobrimen- " tos antigos e Modernos, Lisboa, por Miguel Lopes Fer- " reira, 1731 ; " a pag. 34.

(6) Barrow : " Abrégé Chronologique &.ª " (traducção das Viagens deste Auctor do Inglez para Francêz, por Targe) — Paris 1761

(7) Vide esta nota depois da Nota (8)

(8) *Castanheda*, Livro 1.°, cap.° 2.°, *Barros*, ASIA, Dec. 1.ª, Liv.° 4.° Cap.° 2.° ; *Goes*, (Chronica de D. Manuel) Parte 1.ª Cap.° 35 ; *Faria e Souza*, ASIA, Tomo 1.°, Parte 1ª, Cap.° 4.° (NB. não faça duvida a data 2 de Julho de 1497, do cap.° 23 de Goes acima citado, que é evidentemente erro, ou de copista, ou typographico. No cap.° 35 que acabamos de citar diz o referido A : " Vasco da Gama partio de Lisboa, *como atras fica dito*, hum *sabado* 8 dias de Julho &.ª " Ora o erro (que o há) tanto podia ser n'uma parte como na outra, mas a palavra " sabado " tira a duvida e indica onde de facto existe o erro, pois que o dia 2 de Julho de 1497 não cahio em *sabado*).

(7) [Transferimos esta nota para final em consequencia de sua extensão que interromperia o nexo entre o texto e as notas)

" *Noticia dos M. S. &c. na Bibliotheca Real de* " *Paris, pelo 2º Visconde de Santarem*, Lisboa, pub. pe- " la A. R. das S. 1827 "; na pag. 74, no artigo relativo ao Codice = N.° 10023 ; Jornal das Viagens dos Portuguezes ás Indias desde o anno de 1497 até 1642. =

Julgamos ter demonstrado pelas citações anteriores que é insustentavel outra data para a partida de Vasco da Gama que não seja 8 de Julho de 1497. Cumpre-nos aqui rectificar uma citação incorrecta que, a este respeito, na referida noticia se encontra. Diz o Snr. Visconde que na Asia de Faria e Souza, Cap.° 4° da Parte 1ª, falta o dia da partida de Vasco da Gama. Ora cotejando esta citação, achamos mui expressamente em Faria e Souza as palavras = Salio del puerto de Lisboa *um sabado*, *ocho de Julio* de 1497. =

Notaremos de passagem uma outra pequena falta de exactidão na citação que o Snr. Visconde adduz relativamente á partida de João da Nova no anno de 1501. Diz o Snr. Visconde que a " Asia " de Faria e Souza, e a Dec. 1ª, Liv.° 5.° Cap.° 10° de Barros, poem a partida deste Capitão no mesmo mêz e anno que o Codice = N.° 10023 = que a colloca a 15 de Março de 1501, mas que não indicão o dia. Isto é exacto sómente em quanto a Faria e Souza ; porque Barros estabelece o dia 5 do mesmo mêz

e anno, como é facil de verificar.

Divagaremos mais dizendo que suspeitamos que a data 19 de Novembro de 1509 em que Faria e Souza estabelece a partida de Dom Fernando Coutinho (Asia, tomo 1.°, parte 2.ª cap.° 3°) é erro de copia ou impressão, no referido Historiador. Na sua " Memoria de todas as Armadas ," que anda annexa a sua Asia , (e que é aquella a que se refere a nota *b* do Proemio das navegações de Cadamosto , na Collecção das Noticias &.ª das Nações Ultamarinas , da Academia R. das S. de Lisboa) não especifica Faria e Souza senão o *anno* das partidas, omittindo *mes* e *dia* pelo motivo que precedentemente adverte de ser " notorio que es entre Febrero e Abril ordinariamente ", notando que " quando partieron en otros tiempos lo dizemos en aquellas de que se supo." E quando chega á Armada do commando de D. Francisco Coutinho , aponta o anno sómente — donde deveriamos concluir , segundo as instrucções do mesmo F. e S. que a armada partio entre Fevereiro e Abril, o que vai de encontro com o dia 19 de Nov.° Com effeito a data 12 de Março é aquella que é geralmente indicada, conforme com o Codice 10023.

Por esta circunstancia de não marcar a " Memoria das Armadas " de Faria e Souza os *dias* da partida , como por aquella de extender desde 1412 até 1640 é claro que não pode o " Jornal " do Codice 10023 ser a Memoria nomeada de F, e S. Quanto á possibilidade de ser, ou não, este " Jornal " aquelle que deixou M. S. pronto com as licenças para a Impressão, Francisco Luiz Ameno , como diz Barboza em sua Bib. Lusit. (Tomo 4.° pg. 136) podemos affoutamente decidir a questão pela negativa. Na Bibliotheca Portuense existe uma copia deste inedito de F. L. Ameno, e á vista della se decide sua differença do Codice 10023 : 1° porque abrange desde 1410 até 1761 ; 2° porque estabelece a partida de Vasco da Gama a 8 *de Julho de* 1497. (Mais poderamos dizer sobre a fonte donde derivou o Jornal do Codice 10023 , – mas é alheio do nosso assumpto , e assaz temos divagado da marcada derrota .)

5.

Pag. 2, linha 2 ... " a jula vento de Lançarote."

—*Jula-vento* é termo antiquado que corresponde ao moderno *sotavento*. *Jula* vem do Italiano *giù* — *debaixo*.

6.

Pag. 3 linha 16... " ij ' legoas da Ilha de Samtiaguo."

Isto é : *duzentas* legoas da Ilha de Samtiago. (Veja-se a Nota 1.)

7.

Pag. 3 linhas 16 ... " Garções.

A palavra garção, no sentido de Ave não se encontra nos Diccionarios ; mas é claro que não é senão o augmentativo de *garça* ; ave aquatica.

" Como 100 legoas a Oeste do Cabo de Boa Esperança se começão a ver uns passaros grandes

com os cotos das azas pardosos, e os corpos brancos, a que chamão *Gaivotões.*" (*Pimentel*, Arte de navegar.)

8.

Pag. 3 lin. 24 ... " Quoquas "

E' corrupção de *phoca.* E' de saber que o Lobo-marinho é uma especie de Phoca; a *Phoca ursina* de Linneo.

9.

Pag. 4 lin. 3 ... " Golfãos. "

Planta aquatica; provavelmente o *sargasso* e *trombas* dos nossos subsequentes navegantes. " Passadas as Ilhas de Tristão para o Cabo se hão de achar *manchas de sargasso*, a que chamão *Mantas de Bretão*, e uns paos com muitas raizes, em uma das pontas, a que chamão *Trombas* ... Ver-se-ha tambem uns passaros a que chamão entenaes, e *corvas grandes* de bicos pardos. " (*Pimentel*, Arte de navegar.)

10.

Pag. 4 linha 15..... " O capitam moor mandou Pero Dalanquer no batell a ssumdar."

Castanheda e Goes dizem que fôra Nicoláo Coelho enviado a sondar. E' muito mais verosimil que se mandasse a Pedro d'Alenquer que com Bartholomeu Dias tinha já dobrado o Cabo de Boa Esperança, e tocado em varios pontos de sua visinhança.

11.

Pag. 4 linha 20 .... " Aa qual poseram nome Santa Ellena. "

E' preciso não confundir com a Ilha do mesmo nome no Oceano Atlantico, a Angra ou Aguada, situada na Costa Occidental do Continente d'Africa. Neste engano (por mera equivocação de certo) cahio Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, [Tomo 8 das mem. de Litt. da A. R. das S. pag. 371, na nota (1)] Francisco Luiz Ameno (em seu Inedito já citado) e varios outros. A Ilha de Santa Hellena foi descoberta por João da Nova, no anno de 1502, em sua volta da India. [O mesmo F. L. Ameno aponta esta descoberta.] Na " Histoire Générale des Voyages, Paris, 1746," traducção do Inglez, é Castanheda falsamente accusado de ter con-

fundido a Angra, com a Ilha, de Santa Hellena. Parece-nos que o individuo que compilou a Viagem de D. Vasco da Gama para essa obra, não obstante que falla em Barros e Castanheda, tinha mui imperfeito conhecimento das Linguas, Portuguesa e Hespanhola, ou serviu-se de traducções mui infieis. Seu traductor, Prevost, está em identicas circunstancias.

12.

Pag. 5, linha 5 ... " o rrio de Samtiaguo."

Hoje o Rio Berg.

13.

Pag. 5, linhas 9 e 10 .....

A fraze a que esta nota se refere foi usada por Castanheda em sua 1.ª Edicção de 1551, quando tratou dos usos dos habitantes da Angra de Santa Hellena, mas foi expurgada nas seguintes impressões. Não levou sua delicadeza a tal auge de escrupulo o Bispo de Silves, Dom Jeronymo Osorio, em seu " De Rebus Emmanuelis ": *pudenda ligneis vaginis includunt.*

14.

Pag. 6, linha 1 .... " levamollo á náo do capitam moor, o quall o pos comsiguo aa mesa."

Damião de Goes diz: " comeo e bebeo de todas as iguarias que lhe derão, com dous grumetes, a quem Vasco da Gama mandou que lhe fizessem boa companhia." Barros diz o mesmo em outras palavras. E' mui provavel que a inexactidão não está da parte do nosso Auctor, a quem a circunstancia de comer á meza com o Capitão-mór não era para esquecer.

15.

Pag. 7, linha 1... " Este mesmo dia hum Fernam Veloso."

Este caso é narrado de diversas maneiras por nossos diversos historiadores, sendo Castanheda aquelle que mais se conforma com nosso A., e Barros quem mais delle descrepa. Goes attribue a partida de Fernão Velloso de entre os Caffres á circunstancia de que " nem o guisado do lobo, nem o modo da terra, satisfizerão muito a Fernão Velloso;" e que por isso " acabado o banquete começou de caminhar para onde as náos estavão." Barros refere [Dec. 1. L. 4. C. 4.] que tendo Fernão Velloso partido com os negros, Paulo da Gama sahira a pescar, e fis-

gando os marinheiros um baleato, estiverão em risco de se perderem por barafustar o monstro quando se sentiu ferido. Nem Castanheda nem Goes fallão de semelhante acontecimento, que se tivera occorrido não o omittira o minucioso Auctor do Roteiro, que tambem invalída, com seu silencio, o que affirma Barros de Nicoláo Coelho haver esperado em terra, fazendo lenha, a volta de Fernão Velloso. [*Lafitau*, com Castanheda, Barros, Goes, e mais historiadores nossos á vista, estranhamente desfigura o caso.]

16.

Pag. 8. linha 2 ..... " foy ferido o capitão moór e tres ou quatro homẽs. "

Entre os feridos especifica Barros a Gonçalo Alvarez, Mestre do navio Sam Gabriel.

17.

Pag. 9, linha 6 .... " E a quarta feira ao meo dia pasamos pello ditto Cabo."

Pelo computo deste Roteiro o Cabo de Boa Esperança foi passado pela armada a 22 de Novembro de 1497; pelo que se ha de emendar o que dizem Castanheda, Barros, e Goes, que o fazem passado

a 20. Quanto ao dia de semana concorda Castanheda com nosso A., dizendo que fôra a uma *quarta feira*; mas a penultima 4.ª feira de Novembro de 1497 caiu com effeito a 22 do mez.

Parece-nos que não tem fundamento o que diz Osorio da conspiração contra Vasco da Gama, que alguns da tripulação cançados de soffrimento, tramarão no seguimento da viagem da Angra de Santa Hellena para o Cabo; e do expediente que o capitão mór tomou de prender os conspiradores, e fazer elle mesmo as vezes de piloto. Em tal não fallão os tres A. que acabámos de citar, e parece-nos de mais absurdo, que, tendo-se partido da Angra de Santa Hellena em 16 de Novembro, tendo-se chegado á vista do Cabo em 18, e tendo-o dobrado a 22, houvesse motivo para as tripulações desanimarem, e conspirarem contra seu commandante; — e isto ainda quando o tempo fosse tempestuoso, o que comtudo do nosso Roteiro não consta. — A audacia da empreza do Vasco da Gama não necessita do *romantico* para lhe dar realce.

18.

Pag. 9. linha 8 ... "junto com este Cabo de Boa Esperança ao Sul jaz huma amgra.".

E' a Bahia Falsa, entre os Cabos, Falso, e de Boa Esperança.

19.

Pag. 9, linha 14 ... " emtramos em a Angra de Sam Bras."

A concordancia dos nomes geographicos antigos com os correspondentes modernos não é trabalho de summa facilidade.

Entre o Cabo das Agulhas (que tem conservado seu nome) e o Rio do Infante, que é mais conhecido entre os estrangeiros pelos nomes de *Grande Rivière des Poissons*, *Great Fish River*, *Grote-Vis-River*, há 5 principaes Bahias, das quaes a mais occidental é ainda hoje chamada pelo nome de *S. Sebastião* que Manuel de Mesquita Perestrello lhe deu, e as mais de Oueste a Leste são denominadas, pelos Hollandezes, as Bahias *Mossel*, *Plettenberg*, *Camtoo*, e *Zwarts-Kop*, a que opinamos correspondem os nome Portuguêzes de *S. Braz*, *Formosa*, *S. Francisco*, e *Lagôa*. Fundamos esta nossa opinião na conferencia de alguns mappas modernos, como os de Barrows, Arrowsmith, Pinkerton, Faden, e Wyld, que escrevem os nomes Hollandezes, com a Carta Reduzida da Africa Austral inserta no *Neptuno Oriental*, em que Mannevillette com o Roteiro de Perestrello á vista, deu aos varios pontos da costa seus correspondentes nomes Portuguezes. Temos mais em favor desta nomenclatura um Mappa Manuscripto existente na Bibliotheca Publica Portuense, feito nos annos 1781, 1782, 1784, e 1785, por Duminy, Capitão de Fragata, e do Porto do Cabo de Boa-Esperança em 1787, e dirigido a Mr. Van-de-Graaf, Governador e Director Geral da Colonia do Cabo, em que achamos expressamente notada a correspondencia do —

Hollandez	*Mossel*,	ao Portuguez,	S. Braz.
......,,......	*Plettenberg*,	......,,......	Formosa.
......,,......	*Camtoo*,	......,,......	S. Franc.º
......,,......	*Zwartkop*,	......,,......	da Lagôa.

Vamos portanto de encontro com quem, como Anville, chama á Angra de S. Braz *Vlees-bay*; com quem, como o mesmo accreditado " Neptune Orientale ", chama á Bahia Formosa *Mossel-bay*; e com quem, como Maltebrun, marca a Bahia de S. Braz no sitio da de S. Sebastião, e naquelle onde geralmente se nota a de S. Braz colloca a Bahia *Mossel*, ou (diz elle) de Santa Catherina.

Quanto á verdadeira situação de *Vlees-bay*, ou *Flesh-bay* (que ainda que diversamente marcada em diversos Mappas, é usualmente confundida com a de S. Braz) julgámos que se deve marcar na Bahia das Vaccas, (ao Oueste da de S. Braz), no que nos conformamos com Barrows, Pinkerton e Duminy; e vem a pello dizer que discrepamos do Auctor do " Neptune Orientale " em quanto chama *Vis-bay* (*Fish-bay* ou *Baie des Poissons*) á Bahia de Santa Catherina; sendo esta ultima decididamente a Leste de Cabo Talhado, em quanto que *Vis-bay* é geralmente marcada a Oueste do mesmo e de *Mossel-bay* e o mais usualmente entre esta ultima e a de *Vlees*.

20.

Pag. 14 linha 9 ... " o estravo delles bem acaram daguada ."

Isto é : o *excremento* delles bem *junto* da aguada.

21.

Pag. 14 , linha 18 e seguintes... " humas aves que nam voam porque não tem penas nas aas (azas) e chamam-lhe *fotylicayos.*

O nome que nossos Historiadores geralmente dão a estas aves , e que nosso mesmo Auctor menciona a pg. 105 é o de *sotilicairos.* Manuel de Mesquita Perestrello em seu Roteiro descreve-as com mais individuação : " Ha nelle " (no ilheo da Angra de Sam Braz) " uma innumeravel multidão de lobos marinhos , al- " guns delles d'incrivel grandeza , e uns passaros do " tamanho e feição de patos, a que chamão *sotilicai-* " *ros* , os quaes não tem pennas nas azas com que voem, " e somente com os cotos dellas cobertos d'uma penu- " gem muito miuda , mergulhão de maneira que pes- " cão para manterem a si e a seus filhos que criam " em ninhos feitos das espinhas dos pescados que el- " les e os lobos alli trazem."

Pertencem aos *Aptenodytæ demersæ* de Linneo, que aponta como homonymos — o *Manchot du Cap de Bonne Espérance* e o Manchot *á bec tronqué* de Buffon ; o *Pinguin* , *Lesser Pinguin* , *Cape Pinguin* , *Black-footed Pinguin* dos naturalistas Inglezes. Entre os Francezes são usualmente denominados *Pingouins.*

22.

Pag. 15 linha 19 ... " fezemos foreos "

Foreos = sem duvida *foroes*, do antiquado *forol* hoje *farol*. Moraes aponta "fazer farol: allumiar aos "navios para seguirem a mesma esteira de noute."

23.

Pag. 15, ultimas linhas; e pag. 16, primeiras linhas: "Chegamos aos Ilheos Chãoos &c."

Differem nosso Auctor, Castanheda, e Barros sobre o lugar em que Bartholomeu Dias collocou seu ultimo Padrão; sendo Goes concorde com Castanheda. O seguinte resumo tabellar facilitará a comparação do texto destes Auctores; notando que as legoas intermediarias denotão as distancias que cada um assigna d'um a outro ponto.

Notaremos em primeiro lugar que Castanheda alterou o texto do auctor para dizer um absurdo. Os nossos navegantes caminhavão do Sul para o Norte, e houverão vista dos Ilheos chãos em 15 de Dez.º,(sendo erro de Castanheda o dizer em 16 de Dez.º = pois 6.ª *feira* foi 15 de Dez.º de 1497;) como pois passarão o Ilheo da Cruz que já lhes ficava a ré (para o Sul) no dia seguinte? Notaremos tambem que foi inexacto nosso auctor, quando, a pg. 10 linha 19, elle disse que da Angra de Santa Hellena á de S. Braz erão 60 legoas *por mar* — distancia que elle agora apponta como existindo entre o Cabo da Boa Esperança e a Angra de S. Braz. Suspeitamos que o auctor ou dissera *per terra*, e foi alterado por erro de copista para *per mar*; = ou que assim quizera dizer e descuidou-se em dizer *per mar*.

NORTE.



Nosso Auctor.	Castanheda e Goes.	Barros.
Rio do Infante	Rio do Infante	Rio do Infante
(15 legoas)		
Derradeiro Padrão de Bartholomeu Dias.	(15 leg.)	(20 leg.)
(5 leg.)		
Ilheos Chaos	Ilheos Chãos	Ilheos Chãos
(5 leg.)	(5 leg.)	(5 leg.)
Ilheo da Cruz	Ilheo da Cruz, onde Bartholomeu Dias poz o *ultimo padrão*.	Ilheo da Cruz, ou *Penedo das Fontes*, onde B. Dias poz o *ultimo Padrão*.
(60 leg.)	(55 leg.)	( )
Angra de S. Braz	Angra de S. Braz	Angra de S. Braz
(60 leg.)	(60 leg.)	(60 leg.)
Cabo da Boa Esperança.	C. da B. Esperança.	C. da B. Esperança.



SUL.

Ora examinando á nossa tabua, é della evidente que em quanto nosso Auctor estabelece o derradeiro Pa-

dão de Bartholomeu Dias 5 legoas avante dos Ilheos Chãos, os outros escriptores citados o collocão 5 legoas ao Sul dos mesmos Ilheos, a saber no Ilheo da Cruz (cujo nome derivão da denominação do Padrão); affirmando mais Barros que junto com o Ilheo da Cruz existia um Penedo chamado *das Fontes.*

Julgamos que pouca hesitação poderá haver em dar razão a nosso navegante que *vio* aquelles lugares, de que outros houverão sómente *tradicção* — [que pouco ou nada havia de escripto authentico até que elles determinarão lançar em memoria a papel os descobrimentos dos Portuguezes ;] mas seu testemunho acha-se corroborado por uma auctoridade que se pode admittir como irrefragavel. Manuel de Mesquita Perestrello foi mandado por el-Rei Dom Sebastião no anno de 1575 reconhecer a Costa Oriental d'Africa desde o Cabo da Boa Esperança até ao Cabo das Correntes, e em resultado desta viagem publicou um Roteiro em que as latitudes e rumos dos pontos mais notaveis são marcados com uma exactidão que, senão livre de emenda, é consideravel para aquelles tempos e faz-lhe muita honra como navegante em cujo socorro não se offerecião aquelles meios aperfeiçoados que hoje se appresentão ; e tal é o conceito que merecerão suas observações e demarcações entre os estrangeiros que este seu Roteiro foi traduzido em Francêz e inserido na excellente Collecção de Cartas, por Mannevillette, intitulada o Neptuno Oriental. Nos extractos que passamos a fazer servimo-nos d'um exemplar manuscripto existente na Bibliotheca Portuense, que o que delle apparece na " Arte de Navegar de Pimentel" é meramente um resumo : =

" ... A Bahia da Lagôa ... tem da banda do Po-
" nente 4 Ilheos que se chamão da Cruz, um delles
" maior que os 3 ao redor ... correm-se Leste Oues-
" te com outros 2 que estam da parte do Levante cha-
" mados Chãos, porque são tão razos que se não co-
" nhecem a mais de 2 legoas ...... As pontas do Pa-

" dram estão 4 legoas dos Ilheos Chãos para o Le-
" vante; ... ao pé tem um ilheo ... e ali deve ser o
" lugar onde esteve o Padram chamado de S. Gre-
" gorio que pôz Bartholomeu Dias quando foi des-
" cobrir aquella costa por mandado del-Rei D. João
" o 2°, porque se escreve que o deixou posto em um
" ilheo entre os Ilheos Chãos e o Rio do Infante, na
" qual paragem não há outro, e por isso lhe puz
" este nome ... e antes de chegar ao Rio do Infante
" oito legoas se descobrem na praia algumas abertas
" de ribeiros, e adiante 3 legoas estão humas bar-
" reiras, ao pé das quaes está o *penedo* que se cha-
" ma das *fontes*, o qual é uma pedra com degola-
" da no meio que parece ilheo mas não o é."

Nesta conformidade se deve emendar as demarcações erroneas que apontão nossos supracitados Historiadores, e que em grande numero de Mappas, com maior ou menor confusão, se encontra.

Quanto á correspondencia dos nomes modernos com aquelles que aponta nosso Auctor achar-se-ha conservados os de Ilheos Chãos e da Cruz com maior ou menor exactidão ethymologica. O Rio do Infante (assim denominado do companheiro de Bartholomeu Dias — João Infante, segundo Barros, — Lopo Infante segundo Goes) é hoje conhecido pelo nome de *Groote-Vische Rivier* — *La Grande Rivière des Poissons;* e não se deve dar fé áquelles mappas que o confundem com o Rio de S. Christovão que, segundo Perestrello, fica 8 legoas para o Norte.

24.

Pag. 18, linha 11 ... " E sendo huma quinta feira que eram dez dias de Janeiro. "

O dia 10 de Janeiro de 1498 cahio n'uma 4.ª feira, e não 5.ª como diz nosso Manuscripto, não sendo esta a unica vez que nelle se encontra destes descuidos, como mais adiante a paginas 34, onde depois de marcar " 5.ª feria 29 de Março ", elle aponta " Sabado 30 do dito mez ", o que é manifesto engano. Poremos termo a annotações desta especie, que erros taes, que não raras vezes se encontrão em nossos historiadores da India, são mui faceis de rectificar.

João de Barros, Dec. 1. liv. 4. cap. 4., diz: " dia de Reis entrárão no Rio delles, e alguns lhe chamão do Cobre" ; sendo evidente do texto de nosso auctor, corroborado por Goes, Castanheda, e Ozorio, que a 6 de Janeiro, andavão nossos navegantes pelo mar e sómente a 10 ou 11 entrárão no Rio do Cobre. Barros parece confundir n'um mesmo rio, os dous, dos Reis e do Cobre, que se achão distinctos na Carta do Oceano Oriental por Bellin que se vê na Historia Geral das Viagens, em que o Rio dos Reis é marcado muito mais ao Sul que o Rio do Cobre (ou Aguada da Boa-paz) ; e n'um dos Mappas de Linschott achamos o Rio dos Reis correspondendo ao Rio d'Aroé do Mappa d'Anville que temos referido — e que se representa desembocando na Bahia de Lourenço Marquez.

A aguada da Boa Gente tem conservado seu primeiro nome, e é ainda hoje mais geralmente denominada a " Aguda da Boa *Paz* ", ficando ao Norte da Bahia da Lagôa (ou de Lourenço Marquez), e entre o Rio chamado da Lagôa, e o Rio Inhampura.

25.

Pag. 20 linha 20 .... " o vento nos yguava de viagem.

Moraes traz tanto " Igar " como " Iguar " e n'um e n'outro refere-se a " Igualar " cuja significação e derivação lhes attribue. Elle aponta; " iguou-lhe o vento do Ponente — *ventou-lhe* ".

26.

Pag. 22, linha 21 .... " Aquy nos adoeceram muitos homens que lhe inchavam os pees e as mãos e lhe creciam as gingivas &c."

E' evidentemente o *scorbuto* que tão fatal foi aos nossos navegantes.

27.

Pag. 22, linha ultima ... " rio dos Bõos Signaes".

Barros diz que Vasco da Gama " passou sem haver vista da povoação de Sofala, ... e foi entrar em um rio mui grande abaixo della cincoenta legoas ": nós antes disseramos *acima* porque Sofala, referida ao rio dos Bons-signaes, fica para traz de quem navega do Sul para o Norte. Que rio seja este dos *bons-signaes* entender-se ha mais claramente do extracto seguinte:

"A este rio de Cuama... chamão os Cafres Zambese .... Antes que chegue a se metter no mar algumas 30 legoas se divide em dous braços, ... e ambos vão entrar em o Mar Oceano Ethiopico 30 legoas distantes hum do outro. Ao principal e de mais agoa chamão rio de Luabo: o qual tambem se divide em dous braços; um delles se chama rio de Luabo velho, e o outro Cuama velha; donde parece que todos estes rios tomárão nome de Rios de Cuama. O braço menos principal se chama Rio de Quilimane, ou *Rio dos Bons Signaes;* nome que lhe pôz Dom Vasco da Gama, quando a elle chegou, indo no descobrimento da India, pelas boas novas e signaes que nelle achou .... Este rio tambem lança de si outro braço muito grande, a que chamão o rio de Linde." (Ethiopia Oriental, de Fr. João dos Santos, Liv. 2.º Cap. 2.º).

E' de notar que os Mappas antigos demarcão estes rios com muita inexactidão. Hugo de Linschott, por exemplo, delineou o rio de Cuama *duas* vezes na mesma costa Oriental.

28.

Pag. 24, linha 25 ... "Os homens desta terra são ruivos."

Na passagem correspondente de Castanheda, diz elle: "A gente que vinha dentro erão homens *baços*"; no que é seguido por Goes. Ozorio refere "*Homines autem erant colorati,*" o que um seu traductor antigo verteo por *bigarrés de couleurs.* Na *Hist. Gen. des Voyages* achamos *un peu noirs.*

Conhecida como é a côr dos habitantes de *Moçambique* fica clara a intelligencia que se deve dar á palavra *ruiva* de nosso Auctor; e se annotamos cousa tão insignificante é pelo motivo de termos encontrado em livros estrangeiros a *côr ruiva* traduzida pelo correspondente a *compleição ruiva* , e daqui suscitadas duvidas sobre occorrencias das primeiras navegações ás Costas Austraes de Africa pela supposta circumstancia de nellas se ter encontrado homens de *cabellos ruivos* , *redhaired* , *roux* , quando tal não quizera em sua relação dizer o navegante Portuguez.

29.

Pag. 25, linha 25 ... " A metade mouros e a metade christãos."

Veja-se a Nota que no Prologo escrevêmos á cerca das noticias que entre os nossos corrião da Christiandade da India ; á qual accrecentaremos que a communicação com o Preste João das Indias , Principe que dizia-se ser Christão , mas da localidade de cujos estados havia muita incerteza , era um dos encargos de D. Vasco da Gama em sua Viagem.

30.

Pag. 26 , linha 16 ... " Colyytam. "

Mais usualmente Çoltão ; á moderna , Sultão.

31.

Pag. 27, linha 5 ... " Trinta meticaes douro e duas marlotas. "

Goes (P. 1. c 37) diz que cada *metical* valia 420 reis ; Barros (Dec. 1. L. 4. c. 4.) que 30 meticaes pudérão ser até 14$000 reis.

Marlota era uma especie de capa curta.

32.

Pag. 27, linha 22 ... " tavolachinhas."

Tavolachinha ou Tavollachinha é palavra que nunca encontramos , mas de sua Ethymologia se conclue ser arma defensiva , offerecendo uma superficie larga como *escudo* ; e attendendo ao diminutivo — *escudete.*

Com effeito contrastando as passagens homologas de nosso Auctor e Castanheda ficará evidente esta accepção.

Nosso Auctor.	Castanheda.
Pag. 27 ... cinco ou seis barcos com muita gente, os quaes traziam arcos com suas frechas muito compridas e *tavolachinhas*.	Cap.º 7... seis barcos com muitos mouros armados de arcos, frechas muito compridas, e *escudos* e lanças.
Pag. 32 ... elles andavão ao longo da praia com *tavolachinhas*, azagaias, agomias, e arcos e fundas.	Cap.º 7 ... andavão obra de cem mouros armados *de escudos*, agomias, azagaias, arcos, frechas, e fundas.
Pag. 38 vieram obra de cem homens todos com terçados e *tavolaehinhas*.	Cap.º 9 ... forão obra de cem mouros ... e todos com terçados e *escudos*.

Demais tanto Goes como Osorio testificão que entre as armas desta gente o escudo era incluido. Citaremos a um e outro:

Goes.	Ozorio.
Parte 1.ª cap.º 36 ... A gente destes barcos ... traziam terçados mouriscos cingidos com *adargas* nos braços....	Liv.º 1.º ... aduncis gladiis accincti, *parmas*que brachiis insertas gestabant.
Cap.º 37 ... vieram cem homens em uma grande almadia com terçados e *escudos*.	*Ibid* ...... gladiis et scutis armati.

Na Historia Geral das Viagens achamos nossa primeira citação vertida por *des epées e des poignards*, o que manifestamente resulta de se ter confundido *adarga* — escudo, com *adaga* — punhal.

33.

Pag. 28 , linha 20 ... " os marinheiros dellas tem " agulhas Genoiscas per que se regem e quadrantes " e cartas de marear."

Aqui temos mais um testemunho da antiguidade da Bussola e dos instrumentos de Astronomia Nautica entre os povos que navegavão os mares Orientaes. (Veja-se a Memoria que a este respeito escreveo Antonio Ribeiro dos Santos no 5º Tomo, Parte 1ª, da Hist. e Mem. da A. R. das S.)

Quanto á ridicula asserção que Vasco da Gama apprendeo dos pilotos destes mares o uso da Bussola, e na sua volta a introduzio na Europa , não precisava para sua refutação desta passagem.

34.

Pag. 30 , linhas 19 ... " Xarife, que quer dizer Clerigo."

Xarife, como geralmente se sabe, significa Chefe, individuo possuidor d'honra, d'honroso cargo; e não clerigo ou sacerdote.

35.

Pag. 34, linha 14 ... " Fomos com humas ilhas que estam bem apar da terra, e á primeira das ditas ilhas poseram nome a Ilha do Açoutado."

Estas são as ilhas denominadas de Querimba, sendo a do Açoutado a mais austral dellas. Em raros Mappas se encontrará esta marcada com este nome, sendo mais usualmente denominada *das Cabras*, ou *Quiziba*. João de Barros diz que da ilha de Moçambique á do Açoutado são 70 legoas.

36.

Pag. 35, linha 1 ... " Ouvemos vista de outras ilhas em mar cinco legoas."

Provavelmente as ilhas junto ao Cabo Delgado, ainda que a distancia em que, segundo as Cartas, jazem da terra, não é tanta como indica o A.

37.

Pag. 35, linha 9.... "A ilha dos Christãos."

Veja-se adiante pag. 48, onde se verá ser a Ilha de Quiloa, cujo Rei era nesses tempos o mais poderoso da Costa, tendo em sua sujeição os "Mouros de, Çofala, Cuama, Angoya, e Moçambique" [Duarte Barboza, titulo de *Quiloa.*]

38.

Pag. 35, linha 20 ... "Vimos huma ilha mui grande que nos demorava ao Norte."

A ilha de Momfia.

39.

Pag. 36, linha 19 ... "á qual serrania poseram nome as Serras de Sam Rafael, e as baixas isso mesmo."

Barros (Dec. 1, liv. 4. capitulos 5 e 11.) diz que aos baixos de que nosso Autor aqui falla se deu o nome de S. Raphael não tanto pela circunstancia do navio deste nome aqui tocar em secco, mas porque aqui na volta para Portugal se perdêra; — o que á vista do que diz nosso A. a pag. 104 é evidente engano. Goes segue a nosso A. (Veja-se cap.º 44.) As Serras de Sam Raphael vem a ficar na terra firme opposta á ponta mais septentrional da Ilha de Zanzibar; achão-se marcadas (as serras, terra, ou baixas) em quasi todos os Mappas.

40.

Pag. 37, linha 5 ... "Vimos humas ilhas que estavam a mar da terra firme quinze legoas."

Julgamos que o Auctor falla da Ilha de Pemba. Quanto á circunstancia de haver nella muito arvoredo proprio para mastros, notaremos que as ilhas que he ficão de fronte, mas mais unidas á terra firme do que aponta o A, são denominadas em varias Cartas as Ilhas das *Arvores*.

41.

Pag. 4, linha 4 ... "O capitão pingou dous mouros."

Pingar era lançar azeite, gordura, ou cousa que produzisse o mesmo effeito, a ferver, sobre alguem a fim de o fazer declarar o que occultava.

42.

Pag. 41. linha 4 .... "e tem a villa (Mombaça) junto com o mar huma fortaleza baixa."

Este baluarte foi depois notavel, mas já se vê que existia quando D. Vasco da Gama por aqui passou, em contrario a Barros que diz que fôra construido *depois.* Quando a não de Sancho de Tovar, da esquadra de Pedro Alvares Cabral, se perdeo naquellas paragens, os mouros puderão approveitar-se de 7 ou 8 peças de sua artilheria que tirárão a mergulho do fundo do mar, e collocárão neste baluarte; confiados em que ousárão resistir, em mal seu, ao Vice-Rei D. Francisco d'Almeida no anno de 1505. (Barros D. 1. L. 8. c. 7.)

43.

Pag. 43 lin. 22 ... "Hiri peraa."

E' erro typographico. Deve ler-se "Hiria pera."

44.

Pag. 43, lin. 25 ... " Dous lambeis."

Lambeis erão panos listrados, que muito se usavão no trafico da Costa d'Africa.

45.

Pag. 46, linha 13..... " Aqui achamos quatro naos de christãos da India."

E' mui provavel que fossem (como affirmão Castanheda e Goes) mercadores de Cranganor na Costa do Malabar, entre cujos habitantes se conservava uma *tradicção* de Christianismo; que, comtudo, não era particular a esta cidade, mas extendia-se a outros povos do Sul do Indostão. Os Portuguêzes julgárão-os discipulos do Apostolo S. Thomé, e fizerão grandes diligencias para os converter á pureza da Fé Catholica-Romana. Póde ver-se a este respeito a " Jornada do Arcebispo da Goa Dom Fr. Aleixo de Menêzes ás Serras do Malabar", e mui particularmente sobre a crença e superstições destes denominados christãos os artigos do *Synodo* que o mesmo Prelado convocou em Diamper; o qual anda sempre junto com a *Jornada*.

Quanto aos *christãos* d'Abyssinia pode consultar-se com individuação as obras do Padre Francisco Alvares, do P. Jeronymo Lobo, (Edição de Legrand, 1728,) do P. Balthasar Telles (ou para melhor dizer do P. Manuel d'Almeida,) de Fr. João dos Santos; e *passim* nossos historiadores.

46.

Pag. 48, linha 4 .... "E folgamos muito com o piloto christão que nos El-Rei mandou."

Era este Malemo Cana (sendo Cana ou Canaca nome de *casta*) cujos serviços forão tão valiosos a D. Vasco da Gama. Veja-se *Barros.*

47.

Pag. 51, linha 11 ..... "Veo com elle hum daquelles Mouros."

Barros chama-lhe Monçaide; Castanheda Bontaibo. Fêz muito serviço a D. Vasco, e veio com elle para Portugal onde morreo christão.

48.

Pag. 53, linha 18 .... "Bale"

Bale vem do Arabico e significa, *senhor*, *prin-*

*

cipe, *nobre*. A generalidade dos nossos historiadores dão a este official o nome de *Catual*, seguindo a lingua do Malabar.

49.

Pag. 56. linha 7 ... " Aqui fez o capitão-mor oração."

Foi nesta occasião que João de Sá, piloto do S. Raphael, vendo a fealdade das imagens que ornavão o pagode, disse, estando de goelhos, para D. Vasco da Gama: *Se isto são diabos eu cá adoro ao Deos verdadeiro*; ao que o capitão-mor surrio-se. (Castanheda). Um Auctor Inglêz acha neste facto das orações dos Portuguêzes um bella occasião para exclamar: *Tão ligadas entre si são a ignorancia e a superstição!* A sentença é tão bella quão mal applicada.

50.

Pag. 59, linha 2 ... " Atambor."

O Piloto Portuguêz que escreveo a viagem de Pedro Alvares Cabral (*Colleç. de Not. da Acad.*) dá á planta que mais usualmente se chama *Bettel* o mesmo nome de Atambor que aqui lhe dá nosso A. Isto procede da defeituosa pronunciação do Ara-

bico *Tambul*; e como nossos primeiros navegantes á India se communicavão com os naturaes por via dos Mouros Arabes adoptárão-lhes ao começo suas denominações das cousas que virão. *Bettel* é o nome que os Malabares davão á planta, — nome que depois se vulgarisou entre os nossos. (Consulte-se *João Hugo de Linschot*, *Garcia da Orta*, e outros.)

51.

Pag. 63, linha 4 ... " Matullas. "

Termo antiquado. Indicava um torcida para luz d' azeite.

52.

Pag. 79, linha 5 ... " Seiscentos xarifes. "

O *Xarafim* valia proximamente 300 reis.

53.

Pag. 88, linha 24 ... " que se chama Tuuz."

E' claro que o A. allude a *Suez.*

54.

Pag. 90, linha 18 ... " posemos hum padrão no dito ilheo."

Este ilheo com os circumjaçentes ficou denominado de Santa Maria; ficão entre Bacanor e Baticalá.

55.

Pag. 94, linha 17 ... " em huã ilha."

E' a ilha d'Anchediva.

56.

Pag. 94, linha ultima ... " alem desta Igreja de quantaria &.ª "

Parece ter sido transposto na copia este periodo e que se deve ler: "E mais achamos, alem desta igreja de cantaria, e em cima de toda a ilha, um grande tanque de altura de quatro braças, isso mesmo lavrado, em o qual tomamos &c."

57.

Pag. 96, linha ultima ... "Vêo hum homem de idade de quarenta annos."

Este individuo que depois se descobriu ser Judeo, natural de Posna na Polonia, se fêz Christão e tomou o nome de Gaspar da Gama. El-Rei D. Manuel serviu-se delle em muitos negocios da India, e o fêz cavalleiro de sua casa, dando lhe tenças, ordenados, e officios, de que se manteve toda a sua vida abastadamente.

58.

Pag. 108, linha 10 ... "Quorongoliz."

O auctor provavelmente quer fallar de Cochim, e parece que tomou pelo nome daquelle reino o da villa ou cidade de Carangalor, lugar que por ser habitação de muitas e diversas gentes (segundo refere o piloto

Portuguez auctor da Viagem de Pedro Alvares Cabral, inserta no Tomo 1.° da Collecção de Ramusio) seria talvez o de maior trato e commercio. Tudo concorre para crermos que falla de Cochim; o pequeno numero de soldados que elle diz alli se podia alevantar, a producção principal ser pimenta, o que ainda que geral a todo o Malabar (Barros Dec. 1. L. 9. c. 3.) é notado principalmente de Cochim por Duarte Barboza (Tomo 2, pg. 347, da Collecç. de Noticias) e por Hugo de Linschot (Pars. 2.ª Ind. Orient. C. 13) Pode tambem ser que allude a Torumguli, paiz visinho de Cochim, de que falla Couto na Dec. 7. L. 10. C. 10; mas isto parece-nos menos provavel.

59.

Pag. 108, linha 17 ... " Coleu. "

Coulão, o qual hoje reunido aos estados de Cranganor, Cochim e Porca, forma aquella parte do Malabar chamada Travancor, cuja extensão é differente da do Travancor antigo, e hoje se entende por costa desde Cranganor, ao Norte, até o extremo do Cabo Comorim, ao Sul; e pelo interior até ás Serras de Gatte, ou Gauht. Barros (Dec. 1. L. 9. Cap. 1.) diz que o Reino de Coulão acabava no lugar de Travancor; mas Duarte Barboza o faz terminar na Cidade de Cael, alem do Cabo Comorim, na Costa oriental hoje chamada da Pescaria. As revoluções continuas do Malabar dão a explicação destas differenças. Parece que quando a India foi descoberta existia a divisão que marca Barboza (que escreveu pelo anno de

1516) e que o Rei de Travancor possuia mui pequena extensão de costa, (se é que alguma possuia) e essa sómente nas visinhanças de Travancor para o lado occidental. Com o decurso dos tempos elle se foi alevantando do sertão, e marchando para as costas, ao Oueste, Sul, e Leste, foi usurpando a melhor porção do reino de Coulão, até que no tempo de João de Barros elle se achava Senhor de toda a costa desde Travancor (ou talvez melhor Trevanderam onde estabeleceu sua nova capital que se não deve confundir com a antiga) até o Cabo de Canhameira ou Calymere na Costa Oriental. Com effeito temos noticias positivas que suas usurpações forão progredindo. No tempo de D. Fr. Aleixo de Menezes Arcebispo Primaz da India, isto é pelos annos de 1600 achamos o Reino de Coulão dividido nos dous de Coulão e Calle-coulão, e o rei de Travancor appoximando-se tanto de Coulão, que construio uma fortaleza em Mamugé uma legoa abaixo de Coulão, n'uma bôcca que o rio que communicava entre esta ultima cidade e Cochim ali fazia; e tinha de mais uma fortaleza sua quasi ao alcance da artilheria daquella que os Portuguezes guardavão em Coulão. (Veja-se a Jornada de D. Fr. Aleixo, Parte 2.ª Capitulos 8 e 11.) Havia outra povoação do nome de Covolan, ou Coulão, na Costa Oriental, passado o Cabo Comorim, que é preciso não confundir com as cidades de Coulão e Calle-coulão que acabamos de mencionar.

60.

Pag. 109, linha 2 ... " Caell. "

Cael é mencionada por Duarte Barboza, Luiz Barthema (que lhe chama *Chail* — veja-se Ramusio), e outros mais modernos; e já o tinha sido por Marco Polo. Hugo de Linschot, no Mappa que nos appresenta a pag. 20 de suas *Navegações*, marca *Cael*, mas a incorrecção da delineação das costas, e a pequenêz de sua escala, não nos offerecem socorro algum na determinação de sua situação. Duarte Barboza porem é tão explicito que podemos decidir que Cael ou Calle (*), cidade situada na Provincia ou Territorio então chamado Quilli-care ou Calle-care (*), (o paiz, *care*, de Calle) em pouca distancia ao Sul do Cabo de Calymere, tomou subsequentemente o nome do districto, e encontra-se hoje nos Mappas com as denominações de Killicare, Quillicari, &c. Na versão Italiana do Livro de Duarte Barboza que nos conservou Ramusio, achamos apontadas 90 milhas, como distancia entre o Cabo Comorim e Cael; o que na traducção (cotejada com uma copia Portugueza) que a Academia Real das Sciencias de Lisboa publicou, se verteo por 80 milhas — usando provavelmente de outra escala de milhas. Não faça duvida o dizer nosso Auctor, sob a fé de quem lh'o communicara, e em contrario a Barboza, que Caell era reino distincto de Coulão, porque este ultimo Viajante (que escreveo em 1516) nos informa, que o regulo que governava em Cael pelo Rei de Coulão, era "tão rico e poderoso, que todos da terra o honrão ali como a El-Rei", — ou como diz o exemplar da Bibliotheca Portuense, — era "tão rico e poderoso que todos o tem quasi como Rei": donde não é difficil o imaginar o porque esta Cidade fôra noticiada ao nosso Auctor como formado um Reino independente. Cousin-le-Bar

(*) Callecare, Calle, encontramos nós no exemplar M. S. do Livro de Duarte Barboza, existente na Bibliotheca Publica Portuense, noticiado pelo Senhor Antonio Herculano de Carvalho e Araujo, no "Repositorio" da Sociedade Litteraria do Porto.

e Maltebrun suppoem sem fundamento ser Cael, Calle-Coulão, o que por nosso roteiro, e pelo que diz Duarte Barboza se vê ser um grande erro. E já que tocamos nas differenças entre a copia que a Acad. Real das Sciencias publicou do Livro de Duarte Barboza e o exemplar a que temos ja alludido como existente na Bibliotheca Publica desta Cidade, julgamos que não será alheio do nosso proposito inserir o extracto seguinte, descriptivo da pesca das perolas nas visinhanças de Cael, que não se encontrando nem em Ramusio nem na Copia da Acad. Real, lê-se no exemplar da Bibliotheca: o qual parece-nos um traslado feito em 1539 sobre uma copia do anno de 1529: —

" Junto com esta ilha de Ceylão estaa hum parcell de oyto a dez braças antre ha ilha e terra firme, onde se acha muito graã somma d'aljofre grosso e myudo e perlas, ho qual aqui veem pescar os mouros e gentyos de Cale que he hua cidade delRey de Coulão duas vezes no anno por ordenança. E achâno em huas ostras mais pequenas e lisas que as de nossas partes e a mergulho as tyrão homens com huas talhas nos narizes hos quaes vão de Cale em pequenos navyos a que chamão *champana* no tempo que el Rey de Cale descoita ho mar. E assy veem duzentas e trezentas champanas e cada hua traz dez e xv homens e mantimentos pera ho tempo que lhes he limitado ally andarem fazendo sua pescaria, e todos desembarcão em hua pequena ilha desabitada e ally assentão seu arrayal, como nos Algarves fazem as almadravas dos atuns e dally vay cada barco pescar por sy. S. vão parceiros de dous em dous e lanção ancora onde querem e ally vay hum delles abaixo com as talhas nos narizes e hua pedra a hos pees e no pescoço hum re defolle de corda e outro parceiro fica em cima na champana com hum cordel na mão que vay atado no redefolle e outro anda embaxo por espaço de mea hora apanhando suas ostras ate que enche o redefolle; emtão dexa a pedra que tem nos pees e vayse acima; emtão alla pelo cordel e tyra ho redefolle com as ostras; este em cima vay ho outro abaxo: e assy fazem

sua pescaria. E emtão trazem aquellas ostras e lançanas em terra a ho sol ate que apodrecem, e ally as lavão muy bem em caldeiras e gamellas e apanhão seu aljofre: e se achão hua perla grande he pera o Rey que ally teem escrivães e arrecadadores de seus direitos, e ho aljofre se pesca pera El-Rey haver seu direito e ho al que lhes fica levão pera suas casas. Na qual pescaria el Rei de Ceilão perde por nam teer navegação, porque em sua terra jaz esta riqueza. E el Rey de Coulão que estaa em terra firme ho veem aqui apanhar. Alguas vezes perguntey a hos negros como se jerava ho aljofre; e elles me disserão que ho tinhão espremental, S. que no inverno se soubem estas ostras sobre agua e recolhem em sy agua da chuva e que quantas gottas d'agua lhe caem tantos grãos de aljofre, e a gotta que cae dentro na carne da ostra aquella se faz perfeyto grão e has da parte da casqua ficão meios grãos."

61.

Pag. 109, linha 8 ... " Chomandarla. "

Coromandel; longa costa oriental da India, emtão sujeita ao rei de Narsinga, ou Bisnaga. Começava esta no Cabo de Canhameira (hoje Calymere) e findava na ponta Guadavarim, (hoje Godewar) junto a uma das bocas do Nissapur. O reino de Narsinga for retalhado em consequencia de successivas revoluçoens, e a maior porção delle que resta unida é o Carnate, que contem pouco mais ou menos os territorios que D. Barboza assigna ao Coromandel.

62.

Pag. 110, linha 1... " Camatarra. "

Trinta dias de navegação para chegar de Calecut a este paiz, e a abundancia de seda que o auctor diz haver nelle mostrão que se tracta da ilha Sumatra, situada a travez da ponta de Malaca, e debaixo da linha. Esta seda de que tambem Barbosa e Barros fazem menção era talvez o algodão de seda, de que fallam Marsden e Maltebrun; o qual posto que ao tacto e á vista pareça superior á verdadeira seda, é muito quebradiço e improprio para a fiação. No tempo de Barros a ilha se dividia em muitos reinos pequenos, que successivamente se foram unindo e separando outra vez; de modo que ainda hoje os diversos principados são muitos; o principal dos quaes é o reino do Achem, tão celebre nas nossas historias da India.

63.

Pag. 110, linha 9... " Xarnauz "

Se pela semelhança do som nos houveramos de guiar seria o paiz que se pretende aqui indicar, o reino de Sião, chamado tambem Sornau por Mendes Pinto; mas pelas mais circunstancias apontadas no artigo a que se refere esta nota, tal nome será por

ventura o da ilha de Borneo, mal pronunciado. Se a navegação de Sumatra era de trinta dias e a de Bengala de trinta e cinco, como o auctor diz mais abaixo, não se podião gastar regularmente cincoenta á costa occidental de Sião, sendo necessarios, á proporção, setenta ou outenta para chegar á cidade de Udiá, capital do reino, porque nesse caso era preciso dobrar a ponta de Malaca, e entrar no golpho de Sião. Por outro lado admira que fallando nas producçoens do Borneo, aponte só o beijoim e o aloés quando a mais celebre de todas era, e ainda é a camphora, estimada como a melhor que se conhece. Nem da producção do beijoim e do aloés se pode concluir mais em favor de Borneo do que de Sião, porque ambos estes paizes os produzião com abundancia. Comtudo o pequeno poder militar em que o auctor falla, de nenhum modo póde convir a Sião, que ajunctava perto de um milhão de soldados, segundo referem Barros, Mendes Pinto, e outros. E' pois a mais provavel conjectura ser a ilha de Borneo o paiz de que se tracta.

64.

Pag. 100, linha 17 ... "Tenacar."

Parece Tenacerim, reino que formou parte de Sião, ou delle dependeu antigamente, situado na costa occidental da Peninsula alem do Ganges, e cuja capital, do mesmo nome, jazia entre as cidades a que Barros chama Megui e Cholom, hoje Merguim e Junkseyton. Depois das revoluções sobrevindas no meado do seculo 18, Tenacerim ficou perten-

cendo ao imperio dos Birmans (os Bramás ou Bremás de Mendes Pinto e Barros) e Sião, segundo Maltebrun só possue agora um breve pedaço de costa alem desta cidade, para a banda de Malaca, onde se encontra o porto de Junçalão. O viajante Nicolau de Veneza, cuja perigrinação inserio Poggio no livro da *Variedade da Fortuna*, e que se encontra juncta á traducção Portuguesa de Marco Polo, impressa em Lisboa em 1502, é o unico (por nós conhecido) que faz menção especial da grande abundancia de páu brasil no reino de Tenacerim. Ladoubere, o Padre Gervais, Turpin, e os nossos historiadores nada particularisão ácerca deste paiz, e o mesmo Barthema que tanto se demora em descrevêlo não falla do páu brasil. Sobre a pequena producção do aloés ou aguila em Tenacerim, que neste logar se menciona, consulte-se Garcia da Orta, e o Padre Loureiro na Memoria sobre o páu d'aguila.

65.

Pag. 111, linha 19 ... "papagaios grandes todos vermelhos como arcem."

Arcem é palavra que não se encontra nos Diccionnarios. Derivando-a do verbo *Arder*, do qual antigamente se fêz *Arça* no presente do conjunctivo, julgamos que significa *fogo*; e que *vermelho como arcem* é identico com *vermelho como braza*.

66.

Pag. 113, linhas 5 e 11 ... " Conimata ... Pater."

Não nos attrevemos a determinar decididamente quaes sejão os reinos, que nestes dous nomes indica o Auctor. Inclinamo-nos comtudo a crer que Pater seja Pedir e Conimata a ilha de Timor, onde segundo Eredia (Informação da Aurea Chersonesa) se encontra um porto a que elle chama Camanaça.

NOTA FINAL.

Nosso Roteiro como se vê não alcança alem do dia 25 (*) d'Abril de 1499, passado o qual não tardou que Nicoláo Coelho se não apartasse de D. Vasco da Gama. E' questão se este apartamento fôra devido á força de temporal, ou fôra intencional da parte de Nicoláo Coelho, que aproveitando-se de ser sua caravella mais velleira que o navio do Capitão-mór resolveu ganhar as alviçaras do Descobrimento da India. Sem pertendermos decidir a duvida, para o que nos não achamos

[*] E' manifesto engano de Ozorio, o dizer que a 26 d'Abril de 1499 dobrárão na volta para Portugal o Cabo da Boa Esperança. Já vimos que foi dobrado a 20 de Março.

instruidos, não podemos deixar de inclinar-nos a interpretar em mal a abrupta terminação do Roteiro que, suppondo que o Auctor, queimado o navio S. Raphael, passou para o Berrio do commando de Nicoláo Coelho, parece lançar ainda mais mysterio sobre o caso. E' verdade que é a minoria de nossos historiadores que attribuem a Nicoláo Coelho sinistros motivos, e a maioria pelo contrario, ascrevendo sua separação do capitão-mor á occorrencia d'uma tempestade, dizem que quando elle chegara á barra de Lisboa e não achara noticias de D. Vasco da Gama quizera voltar em sua busca, no que fôra impedido pelas ordens de D. Manuel; mas occorre-nos em duvida que se a referida separação teve lugar antes da chegada das duas embarcações ás Ilhas do Cabo Verde; como aconteceu que Nicoláo Coelho não procurou tomar porto nellas, pois assim como forão ponto de reunião em casos taes na ida é mais que provavel que tambem o fossem na vinda?

Quanto á continuação da viagem, é sabido que Nicoláo Coelho chegou á barra de Lisboa em 10 de Julho de 1499; e que D. Vasco da Gama, tendo chegado á Ilha de S. Tiago, achando-se seu Irmão Paulo da Gama mui doente, entregou o commando do navio a seu Escrivão João de Sá, e fretando uma caravella que por mais velleira encurtasse a passagem até Portugal, arribou á Ilha Terceira onde deixou seu irmão fallescido; e foi sómente nos ultimos dias d'Agosto ou primeiros de Septembro de 1499 que entrou em Lisboa.

O Almirante foi recebido com grande solemnidade pela Côrte, e houve em celebração de sua chegada e descobertas mui pomposas festas e festejos populares. El-Rei D. Manuel escreveu a todas as Cidades e Villas notaveis de Portugal, notificando-lhes o Descobrimento da India, e encommendando-lhes que celebrassem tão grande favor de Deus com festas religiosas e procissões. Nem esqueceu ao Monarcha

premiar tão distinctos serviços como aquelles que lhe prestára D. Vasco, e cada um segundo seus merecimentos e estado recebeu mercê do Soberano. O galardão que por este feito tève D. Vasco da Gama ver-se-ha do documento subsequente, que, resultado de suas indagações na Torre do Tombo, devemos á bondade do Snr. Visconde de Jeromenha, pela obsequiosa intermediação do Snr. Theodoro Pichon, Consul de França nesta Cidade: —

= VASCO DA GAMA = Doação de 230$000 rs. em parte dos tresentos mil reas que lhe forom dados por galardão do serviço que fez no descobrimento da India, e mais titolo de Almirante da dita India, e que possa mandar na viagem de cada hum anno duzentos cruzados que lhe serão trasidos nas mercadorias que lhe prouver, e se possa chamar de Dom e certos Irmãos seus nomeados na dita Carta.

DOM MANUEL &.ª A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que sendo por o Yfante D. Anrique meu Tyo começado o descubrimento da terra de Guiné na era de mil quatrocentos e trinta e tres com entençom e desejo de pella Costa da dita terra de Guiné de se aver de descubrir e achar a India a qual atee os tempos dagora nunca per elle foi sabida, nom somente com preposito de a estes regnos se seguir grande fama e proveyto das muitas riquezas que nella ha, as quaes sempre pellos Mouros forom possuidas, mas porque a fé de nosso Senhor por mais partes fosse espalhada e seu nome conhecido: E depois elle foi Dom Affonso meu Tyo e ElRei Dom João meu Primo que querendo com os mesmos desejos proseguir a dita obra com assaz mortes e despezas ate o ryo

do Yfante (*) *foi descuberto no anno de quatrocentos e outenta e dous* que sam mil outocentos e outenta e ciuque legoas donde primeiro se começou a descobrir: E nós com o mesmo desejo querendo conseguir a obra que o dito Infante e Rex nossos antecessores tinhão começada, confiando que Vasco da Gama era tal que por o que cumpre a nosso serviço e em cumprimento de nosso mandado porporia todo o perigo de sua pessoa e riscamento de sua vida, o enviamos com nossa armada por Capitão mor della enviando com elle Paulo da Gama e Nicolau Coelho ysso mesmo fidalgo da nossa caza a buscar a dita India: Na qual viagem nos elle asi servio que honde em tantos annos que avia que o dito descubrimento era começado e a elle muitos capitães enviados e se descubrirão as ditas mil outocentas e outenta e cinquo legoas honde yso mesmo descubrio huma grande mina d'ouro e muitas Villas e Cidades mui ricas e de grandes tractos, e em fim de seu descubrimento achou e descubrio a India que por todolos escriptores que do mundo escrepverão sobre todalas provincias delle esta de rica poserão: A qual todolos emperadores e grandes Rex que no mundo forom sobre todas esta desejarom, sobre a qual tantas despezas deste regno forom fectas e nom menos mortes de capitães e outras gentes e nom somente de todolos Rex desejada de possuir mas de se ver: O qual descubrimento e obra de tamtos tempos começada elle acabou nam com menos mas com maes mortes de homens despeza e perigo de sua pessoa de que pelos outros foy começada e continuada, morrendo na dicta viagem Paulo da Gama seu Irmão e asy a metade da gente que em toda a dicta armada enviamos, passando nella muitos perigos asy pela viagem ser muy longa que passou de dous annos como tambem por nos fazer maes verdadeira enformaçom da terra e couzas della: E vendo

---

* **Esta data que imprimimos em Italico parece-nos uma interlineação de copista, tanto pela concordancia grammatical da phrase como pela falsidade de tal chronologia que vae de rojo com toda a historia dos nossos Descobrimentos Maritimos. Combine-se tambem a passagem em *Italico* a pag. 181, com a data final da Carta de Doação.**

(Os Publicadores.)

nós o muito serviço que a nossos regnos na dita viagem e descubrimento fez e grande proveito que nom somente a elles ditos nossos regnos mas a toda a Christandade se pode seguir e damnificamento que aos infieis se espera, por atee o tempo de agora terem o logramento da dita India, e maes principalmente pelo muito serviço que a nosso Senhor esperamos que se sigua por todalas gentes da dicta India parecer que ligeiramente se puderam trazer a verdadeiro conhecimento da sua Santa fé pelo muito que ja della tem alguns delles serem e estarem nella affirmados: E querendo-lhe em alguma parte agalardoar o muyto que nisto nos teem servido como todo o principe aquelles que asy grandemente e bem o servem, e por lhe fazermos graça e merce, de nosso proprio motu, livre vontade, certa sciencia, poder real e absoluto, sem nolo elle pedir nem outro por elle lhe fazemos pura, livre, e irrevogavel doaçam deste dia para todo o sempre entre vivos valedoiro, de trezentos mil reaes de renda em cada hum anno de juro e de herdade para elle e todos os seus descendentes, e em parte de pago dellas lhe damos a dizima nova do pescado da Villa de Sines e de Villa Nova de Mil Fontes asy pela maneira que ella a nos e á coroa de regno pertence e ao diante pertencer pode, em preço e conthia de sessenta mil reaes que achamos que val cada anno: E posto que ao diante mais cresca será para elle e seus herdeiros e se menos valer nós não seremos obrigados a lho compor. A qual dizima de nós tinha Dom Martinho de Castellobranco Vedor de nossa fazenda e nolo leixou pera a darmos ao dicto Vasquo da Gama e a elle demos satisfaçam em outra parte. E asy lhe damos e queremos que aja per as nossas sysas da dicta Villa de Sines cento e trinta mil reis em cada hum anno que he o preço que razoadamente as ditas Sysas ora valem, das quaes Sysas queremos e mandamos que se nom faça nenhuua despeza que seja asy pera nos como pera nosso assentamento nem pera outra nenhuua couza por especial que seja atee elle ser acabado de pagar da Copia dos ditos cento e trinta mil reas e o que mais crescer o nosso almoxarife o recadara pera nós e se menos render o que fallecer avera per as nossas sysas de Santiago de Cacem. E elle poera de sua mão Recebedor na dita Villa de Sines, que receba e re-

cade os dictos cento e trinta mil rs. E acontecendo de os rendeiros que forem das Sysas della perderem ou não quererem pagar como sam obrigados entam nos praz que elle dito Vasquo da Gama ou seus herdeiros ou seu recebedor possa constranger e executar os dictos rendeiros per o que asy deverem atee elles perencham sem quebra pagos da copia asy como o fazia o nosso almoxarife arrecadando para nós as dictas sysas o qual lhe entregara pera isso suas fianças e elles poderam apellar ou agravar pera nosso contador ou pera nossa fazenda se nisso sentirem ser agravados. E pera esta paga ser mais certa e segura nós nom faremos nehuma quita aos rendeiros das ditas sysas em caso que percam nellas. Outro sy lhe damos e queremos que aja elle e assy seus descendentes per as nossas sysas da dicta Villa de Santiago quarenta mil rs. em cada huum anno os quaes averam e lhe seram paguos pelo nosso recebedor dellas aos quartees do anno por incheo sem nelles haver quebra pagando-lhe primeiro seu quartell que outra nenhuma despeza que faça e asy de quartell em quartell tee fim do anno. E asy mesmo lhe pagará aos quartees sem quebra pela dicta maneira qualquer dinheiro que lhe falecer em a dita Villa de Sines para cumprimento dos cento e trinta mil rs. levando Certidão do nosso Contador de Beja da conthia que quebrou nas dictas sysas de Sines. Ao qual mandamos que tanto que ellas forem arracadadas e souber o que asy nellas ha de quebras lhe dê logo a dita Certidão e o dicto recebedor cobra seus conhecimentos e os dará em conta ao nosso almoxarife ou recebedor da dita villa de Beja ao qual mandamos por esta que lho receba. E quanto he aos setenta mil reis que fallecem para cumprimento dos ditos tresentos mil rs. lhe mandamos logo dar e assemtar asy de juro e de herdade em a caza do paço da madeira desta cidade de Lixboa e houve dello nossa carta patente. E por esta mandamos aos ditos nosso almoxarife ou contador de Beja que ho metam logo em posse da dita dizima do pescado de Sines e lha leixem teer lograr e possuir arrendar e arrecadar como lhe prouver. E asy lhe leixem aver e receber e arrecadar para si em cada hum anno a elle e a todos os seus herdeiros descendentes *deste Janeiro que ora passou da era de mil quinhentos em diante* pelas ditas sysas de Sines os ditos

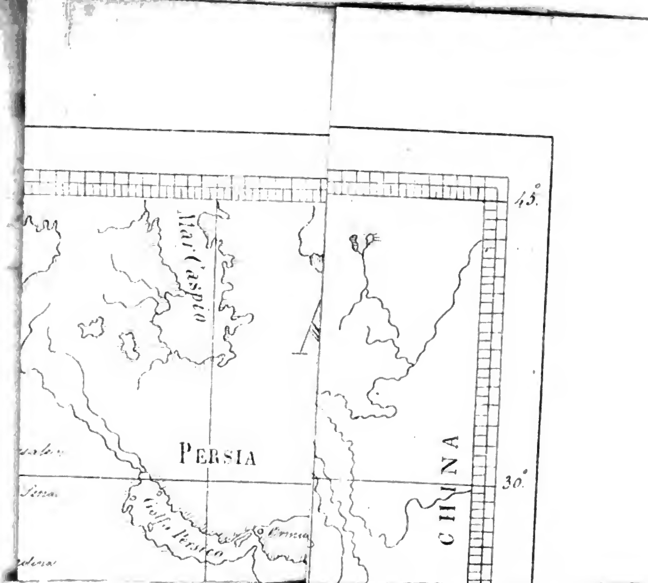
cento e trinta mil rs. na maneira que dito he por esta só carta sem mais tirar outra de nóssa fazenda. E per o treslado della que ficara registada no livro do dito almoxarifado lhe seram levados em despeza os ditos cento e trinta mil reis de Sines e asy corenta mil reis que ha daver em Santiago. Outrosy o fezemos Almirante da dicta India com todolas honras preeminencias liberdades puder jurisdição rendas foros e direitos que com o dito almirantado per direito deve aver e as tem o nosso almirante destes regnos, segundo mais cumpridamente se contem em seu regimento, as quaes rendas e dyreitos se entenderam dos lugares e terras que a Nosso Senhor aprouver delle aver, e estar a nossa obediencia. Outrosy nos praz e lhe outorgamos e lhe fazemos doaçam e mercê, de juro e de erdade deste dia para todo o sempre que nunca em tempo algum possa ser revogado que o dicto Vasquo da Gama e todos os seus descendentes que herdarem, e ouverem os dictos tresentos mil reis de renda em cada viagem que enviarmos navios a dicta India, entendendo-se cada hum anno huma vez, possa mandar nelles duzentos cruzados e trazelos nas mercadorias que lhe aprouver sem delles nos pagar outro direyto nem tributo algum, salvo pagará a vintena á ordem de Christo, e mandamos aos nossos capitães e féitores que lá forem, que lhe levem os dictos duzentos cruzados e lhos tragão empregados nas ditas mercadorias. E bem asy o fazemos a elle Vasquo da Gama e por seu respeito yso mesmo queremos e nos praz que Ayres da Gama e Tereisa da Gama sejam de Dom e se possam em diante chamar de Dom e asy seus filhos e netos e todos aquelles que delles descenderem. A qual doaçam lha asy fazemos deste dia para todo o sempre como dicto he sem embargo de quaesquer leis, ordenaçoens, direytos canonicos e civis, glosas, foros, costumes, opinioens de doctores, e capitulos de cortes e couzas que contra isto forem ou ao diante possam seer feitas, as quaes todas e cada huma dellas aqui avemos por expressas e declaradas e de nenhum vigor e effeito. E queremos e mandamos que esta nossa carta de doaçam tenha e valha asy como nella he contheudo. E prometemos por nos e por nossos sobcessores que a poz nos ham de vir de nunqua hirmos contra ella em parte ou em todo antes a faremos sempre cumprir como nella he con-

theudo. E asy rogamos e encomendamos a nossos sobcessores por nossa bençam que nunqua contra ella vaão em parte nem em todo antes a façam asy cumprir e manter como nella he declarado por quanto asy he nossa mercê. Outro sy queremos e mandamos que hos herdeiros do dito Vasquo da Gama que esta mercê ouverem de herdar se chamem da Gama por lembrança e memoria do dicto Vasquo da Gama. E em testemunho e firmeza de tudo lhe mandamos dar esta nossa Carta por nos assinada e seelada do nosso seelo pendente. Dada em a nossa cidade de Lixboa a dez dias do mez de Janeiro. Gaspar Rodriguez a fez anno de nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e dous annos.

Vasco da Gama teve muitas mais tenças e pensões, de sorte que é falso o encarecimento daquelles que dizem que ElRei Dom Manuel pagara com tres letras, isto é com o titulo de Dom, os serviços de Vasco da Gama. Foi subsequentemente feito Conde da Vidigueira, terra que obteve por escambo com o Duque de Bragança; Almirante das Indias com ordenado; e em pouco tempo prosperou tanto em fortuna que ElRei lhe escrevia pedindo-lhe dinheiro para o armamento de uma esquadra que mandava á India. — Houve quem o accusasse de falta de desinteresse — nós não queremos pensar que tanta gloria fosse de tal sorte assombrada. Nicoláo Coelho foi tambem distincto nas mercês que recebeu da mão d'el-Rei, e por alviçaras da nova do Descobrimento da India e em remuneração de seus serviços, houve uma tença de 50$000 reis paga no Paço da Madeira.

Desta feita se concluiu o Descobrimento da India. Em poucos annos se achou El-Rei D. Manuel Senhor d'um vasto imperio no Oriente, do qual hoje apenas restão aos Monarchas de Portugal o titulo de Senhores da CONQUISTA, NAVEGAÇÃO e COMMERCIO DE ETHIOPIA, ARABIA, PERSIA, E DA INDIA &.ª

F I M.



Mar Caspio
PERSIA
Golfo Persico
Ormuz
CHINA
45°
30°

LISTA DOS SNR.es ASSIGNANTES.

NB. Quando não se acha marcada a Residencia entende-se ser esta *no Porto.*

A

	Papel da impressão geral.	Papel de superior qualidade.
D. Anna Adelaide Amsinck..................	1	—
D. Anna Felicissima Carlota da Cunha e Souza, Bellem..............................	1	—
Affonso Botelho de Sampaio, Paços.......	—	1
Agostinho Pacheco Telles de Figueredo...	—	1
Aires Botelho Pimentel Sarmento, Celleiroz.	1	—
Alberto Teixeira Pinto Basto.................	1	—
Alexandre Miller................................	—	1
Alvaro Lopes Pereira, Vianna................	—	1
Anacleto José de Oliveira....................	—	1
Anonymo..	1	—
Antonio Alfredo Pinto de Souza............	1	—
Dr. Antonio Alves de Carvalho, Villarinho de S. Romão..............................	—	1
Antonio Augusto Alvares Pereira, Vianna.	—	1
= Bernardo Brito e Cunha...........	—	1
= Bernardo Ferreira....................	1	1
= Bernardo Ferreira, Chaves.........	1	—
= de Castro Corrêa de Lacerda, Alijó.	1	—
= da Cunha e Vasconcellos............	—	1
= Ferreira de Carvalho, Villa-Real..	1	—
= Ferreira Novaes.......................	1	—
= Ferreira Velho........................	—	1
= de Figueredo Villas-boas, Celleiroz	1	—

=	Fortunato Martins da Cruz........	1	—
=	Ignacio Botelho Pimentel, Celleiroz.	—	1
=	Joaquim de Barros Pereira, Sapardos, (V. N. da Cerveira) ...	—	1
=	Joaquim Oliveira Faria Lobo......	—	1
=	Jorge d'Oliveira Lima, Lisboa.....	—	1
=	José d'Almeida Vasconcellos Castel-Branco, Vianna.................	—	1
=	José Alvares da Rocha Lima, Viann.	—	1
=	José Corrêa..........................	—	1
=	José Dias Guimarães..................	—	1
=	José Francisco Guimarães.........	—	1
=	José Patricio..........................	1	—
=	José Pires Pereira Vera, Lisboa...	1	—
=	José da Silva..........................	—	1
=	José da Silva Roza, Vianna......	—	1
=	José Soares Martins................	1	—
=	José Vieira Santa Rita, Vianna.....	—	1
=	de Lemos Teixeira d'Aguilar......	—	1
=	Luiz Nogueira e Freitas	—	1
=	Luiz Soares..........................	1	—
=	Lopes Pereira........................	—	1
=	Manoel da Costa Guerreiro........	1	—
=	Maria de Magalhães..................	—	1
=	Maria de Souza Lobo...............	—	1
=	Marques Nogueira Lima.............	—	1
=	do Nascimento Rozendo, Lisboa....	—	1
=	Pedro de Carvalho, Lisboa..........	—	1
=	Pereira Ramos, Maranhão...........	—	1
=	Pimenta da Gama Barreto, Vianna.	—	1
=	Pinheiro de Azevedo, Provezende.	—	1
=	Pinto Machado Torres...............	1	—
=	Ribeiro Neves Junior, Lisboa.......	—	2
=	da Rocha Martins Furtado.........	—	1
=	Rodrigues Sampaio, Bragança.....	—	1
=	Rogerio Gromicho Couceiro.........	1	—
=	Silverio Vieira de Souza, Celleiroz.	1	—
=	de Souza, Paradelinha...............	1	1

= de Souza Ferraz, Gondarem.......	—	1
= Teixeira de Magalhães, Alijó......	1	—
= Teixeira de Moraes, Villarinho de Cotas..................................	—	1
= Thomas de Carvalho..................	1	—
= Thomas Dias e Souza, Negrellos..	1	—
= da Veiga e Souza, Castedo.........	1	—
A. R. Sealy....................................	—	1
A. T. Glama....................................	—	1
Arnaldo Vanzeller............................	—	1
Arthur Archer..................................	—	1
A. B. R..	2	—

B.

Barão do Casal, Lisboa......................	—	1
= de Lordêllo....................................	—	1
= da Ribeira de Sabroza, Lisboa......	—	1
= de Tilheiras, Lisboa...................	—	1
= de Vallado.....................................	1	—
= de Villar..	1	1
= de Villar-Torpim...........................	—	1
Benjamin S. Oddy.............................	1	—
Bento Antonio d'Oliveira, Guimarães.......	1	—
O Cons.º Bento Pereira do Carmo, Alenquer.	—	1
Bento Pinheiro Caldas........................	1	—
Bernardino Antonio Gomes, Lisboa.........	—	1
Bernardo d'Azevedo Pinto, Sabroza.........	—	1
= de Lemos Teixeira d'Aguilar, Villarinho de S. Romão..................	—	1
= Pereira Magalhães, S. Martinho de Anta..	1	—
Boaventura da Costa Dourado.................	—	1
B. W. Tozer, Figueira..........................	—	1

C.

Dr. Caetano Joaquim de Oliveira	1	—

Dr. Camillo da Silva Ferraz..................	—	1
Carlos Duarte de Magalhães...............	—	1
= da Silva Maya..........................	—	1
= Valeriano Leitão Bandeira, Bragança..	1	—
Charles Aviolat, Lisboa.......................	—	1
= Butler..................................	1	1
= R. Page.................................	1	—
Christovão da Cunha Lima Sampayo.......	1	—
Conde de Lumiares, Lisboa.................	—	1
Cockburn, Greig, & Dunlop................	—	2
Cornelis Steur................................	1	—
Custodio Teixeira Pinto Basto, Junior......	—	1
Cypriano de Souza Canavarro, Sabroza....	—	1

D.

Daniel Cezar da Silva Ferraz..............	—	1
Cons.º Dietz, Paço das Necessidades, Lisboa..	—	2
Domingos d'Almeida Ribeiro................	1	—
= de Carvalho e Silva, Guimarães..........	1	—
= José Alves de Souza...........	—	1
= José Gonçalves Pereira..........	1	—
= José Rebello, Vianna...........	1	—
= Pereira Lopes.....................	—	1
Duarte Joyce Junior...........................	—	1
D. Mac Nicoll...................................	—	1

E.

Edward A. Cox..................................	—	1
Edward Wild.....................................	—	1
Edwin J. Johnston..............................	1	2
Egidio Tallone....................................	1	—
Eugenio Ferreira Pinto Basto................	—	1

F.

Felippe José d'Almeida........................	—	1
Felis Fernandes Pereira, Granja d'Alijó.	1	—
D. Felix F. de Torres........................	1	—
Fernando Teixeira Moutinho, S. Fins......	1	—
Dr. Francisco Antonio Alves Corrêa e Silva, Chaves..................................	1	—
Padre Francisco Antonio Pinto, Villarinho de S. Romão..............................	1	—
Francisco de Castro Corrêa de Lacerda, Alijó..................................	1	—
= Ferreira de Carvalho Junior, Villa-Real........................	1	—
= Ignacio Pereira Rubião..........	—	1
= Infante de Lacerda...............	—	1
= Joaquim Maya...........	—	1
= José de Carvalho Faria, Vianna.	—	1
= Lopes d'Aguiar, Val de Mendix.	—	1
= Marques de Oliveira..............	—	1
= de Paula Barros e Quadros......	—	1
= da Rocha Soares...................	2	—
= Rodrigues de Faria..............	—	1
= Van-Zeller...........................	—	1
= Velloso da Cruz..................	—	1
= Vizeu Pinheiro......................	—	1
Frederico C. Cox..............................	—	1
= José Barreira Lima, Favaios.....	—	1

G.

Gabriel Francisco Ribeiro....................	—	1
G. C. Lima..	1	—
George Gerslacher..............................	—	1
= A. Redpath..............................	—	1
= Reid..	1	—
= M. Rocher...............................	—	1
= Warre.......................................	1	—

Gervasio Leite Rebello da Gama, Vianna.	—	1
Gonçalo Lobo Pereira Caldas, Sabroza...	—	1
Guilherme Frederico da Fonseca, Vianna..	—	2

H.

Henrique de Bessa Leite....................	1	—
= José Ferreira de Lima, Bragança.	1	—
= de Oliveira Maya..................	—	1
= D' Wenck..........................	1	—
Henry Smithies................................	—	1
Hugh Dunlop..................................	—	2

I.

Jacintho Alves de Carvalho, Villarinho de S. Romão....................	—	1
= da Cunha, Paços..................	1	—
= Hermano de Freitas, Figueira....	—	1
= José de Sá Lima, Bragança......	—	1
= de Lemos Ferrão, Goivães........	—	1
= da Silva Pereira.....................	—	2
James Bold......................................	1	1
Jeronymo Ferreira Pinto......................	—	1
= José de Faria.........................	1	—
Ignacio Fernandes Coelho, Figueira.......	—	1
João Allen..............	1	1
= Anselmo da Silva Soares, Figueira..	—	1
= Archer......................................	—	1
= Baptista de Almeida Garrett, Lisboa.	1	—
= Baptista Ribeiro..........................	—	1
= Christiano Kopke........................	—	1
= Corrêa de Faria, Lisboa.............	—	1
= da Costa Carvalho.......................	—	1
= da Cunha Pinto Junior................	—	1
= Ferreira dos Santos Silva Junior.....	1	—
= de Freitas, Cabedo.....................	1	—
= Ignacio da Cruz Forte, Figueira.....	—	1

João Kopke Junior..	—	1
= Mallen..	—	1
= Manoel de Moraes Pessanha, Paradella de Gucães.....................	—	1
= Manoel Pereira...........................	1	—
= Manoel Teixeira de Carvalho, Lisboa.	—	2
= Pedro Soares Luna, Lisboa...........	—	1
D. João de Portugal da Silveira...........	1	—
João Ribeiro Braga.........................	1	—
= dos Santos Fonseca..................	—	1
= da Silveira de Lacerda, Lisboa...	—	1
= de Souza.................................	1	—
= Teixeira de Mello.....................	—	5
= Teixeira de Souza Borges, Villarinho de S. Romão.............	1	—
= Thomaz de Carvalho e Silva......	—	1
= Wye......................................	—	1
Joaquim Alves de Souza Junior.............	—	1
= Augusto Kopke.....................	1	1
= Baptista Pereira Moutinho.........	—	1
= da Costa Lima Sampayo...........	—	1
= da Cunha Lima Oliveira Leal....	1	—
= José Ribeiro, Sagres..............	1	—
= Nogueira Gandra....................	1	—
= Pinto de Magalhães, Alijó.......	1	—
= Rodrigues Braga..........................	—	1
= de Santa Clara Souza Pinto.....	1	—
= da Silva Soares, Figueira........	—	1
= Velloso da Cruz.....................	—	1
John Atkinson...................................	—	1
= Fladgate.....................................	—	1
= Haire..	1	—
= Washington, Londres................	—	1
José Allen...	1	—
= Antonio Ramos, Bragança...........	—	1
= Antonio Pimentel, Bragança..........	1	—
= Antonio Soares, Villa Nova de Cerveira..	—	1

José Augusto Corrêa Leal, Lisboa.........	—	1
= Antonio da Veiga, Celleiróz..........	—	1
= d'Azevedo Gouvêa Mendanha..........	—	1
= Augusto Salgado..........................	1	—
= Bento Lopes dos Reis....................	1	—
= Borges Teixeira Lobo, Povoa de Favaios..................................	—	1
= Camillo Ferreira Botelho, Villa-Real.	—	1
= Carneiro Giraldes de Vasconcellos...	—	1
= Constantino Pereira, Donello..........	—	1
= Corrêa Rebello, Paradelinha..........	—	1
= da Costa Souza Pinto Basto, Oliveira de Azemeis..............................	—	1
= do Couto Guimarães.....................	1	—
= da Cruz Moreira..........................	—	1
= da Cunha Leite Pereira, Provezende.	—	1
= Egydio Villar, Celleiroz.................	1	—
= Eleutherio Barbosa de Lima..........	1	—
= Emiliano da Silva Magalhães, Paradelinha....................................	1	—
= Fernandes Ribeiro........................	—	1
= Ferreira Borges............................	—	1
= Ferreira dos Santos Silva..............	—	1
= Francisco Valorado, Lisboa............	—	1
= Gomes Monteiro...........................	2	—
= Ignacio de Barros Castro Souza, Paços	1	—
= Innocencio Botelho Pimentel, Celleiroz	1	—
J. J. Carneiro....................................	1	—
José Joaquim de Carvalho, Celleiroz......	1	—
= Joaquim de Freitas, Figueira..........	—	1
J. J. G. Basto Junior.............................	—	1
José Joaquim de Souza, Sanfins...........	1	—
= Liberato Freire de Carvalho, Lisboa..	1	—
= Lourenço Pinto.............................	1	—
= Malheiro Vaz, Sanfins..................	1	—
= Maria de Azevedo, Val de Mendix....	—	1
= Maria de Barros Teixeira Lobo, Sabroza......................................	1	—

José Maria da Costa, Sanfins..............	1	—
= Maria de Lorme Colaço, Lisboa....	—	1
= Maria Rebello Valente.................	1	—
= Maria Ribeiro Pereira....................	—	5
= Maria Ribeiro Vieira de Castro.......	—	1
= Maria de Souza (Dr.)..................	1	—
= Maria de Souza Lobo....................	—	1
= Maria da Veiga Cabral e Sampaio, Cazal de Loivos.....................	—	2
= Manoel Gomez, Barcellos...............	—	1
= Mendes Braga............................	—	1
= Moreira de Carvalho, Celleiróz........	1	—
= Narciso de Barbosa Pereira Pinto, V. N. da Cerveira........................	—	1
= Pedro Cardoso e Silva..................		
= Pereira de Barboza, Boa Morte.......	—	1
= da Silva Passos, Lisboa................	—	1
= da Silva Soares, Figueira..............	1	—
= da Silva Oliveira Sobrinho, Figueira..	—	1
= Teixeira d'Aguilar........................	—	1
= Teixeira Cabral de Carvalho, Villa-Real..................................	1	—
= Teixeira Pinto Basto.....................	1	—
= Thomaz de Souza Guimarães, Vianna	—	1
D. José de Urcullu...........................	—	1
José Velloso da Cruz Junior.................	—	1
= Victorino Damasio........................	1	—
= Zeferino Teixeira Rubião, Villa-Real.	—	1
Joseph James Forrester......................	—	8
= Jones..	—	1

L.

D. Leonor Carolina Allen......................	1	—
D. Luiza da Felicidade, Provezende.........	—	1
Leonel Tavares Cabral, Lisboa...............	1	—
Lourenço Antonio de Carvalho, Chancelleiros..	—	1

Luciano Simões de Carvalho	—	5
Luiz d'Almeida Chaves, Lisboa	1	—
= Antonio Pereira da Silva, Povoa de Varzim	1	—
= Francisco Ramires, Bragança	1	—
Cons.º Luiz José Ribeiro, Lisboa	—	1
Luiz Pinto de Souza Thovar, Villarinho de S. Romão	—	1
= de Sá Ozorio Mello e Albuquerque	—	1
= da Silva Maya	—	1
= Vital Monteverde	1	—

M.

Marqueza de Loulé, D. Maria	1	—
D. Maria Thomasia Rossi de Pinho e Souza	—	1
D. Mathilde Julia Kopke	—	1
Major Mac Crohan	—	1
Manoel Alves de Carvalho, Villarinho de S. Romão	—	1
= de Clamouse Browne	—	1
= Fernandes Coelho Mascarenhas Figueira	—	1
= Ferreira de Seabra da Motta e Silva	1	—
= Joaquim Pereira da Silva	1	1
= José de Souto Coelho, Guimarães	—	1
= José Vieira	—	1
= L. de Mattos	1	1
= Lopes de Barros	1	—
= Pereira Abrão, Povoa	—	1
= dos Santos Duarte, Bragança	1	—
= Teixeira Guedes da Veiga Cabral, Celleiróz	1	—
= Teixeira de Sampaio, Favaios	—	1
Marquêz de Loulé, Bellem	1	1
Miguel Joaquim Gomes Cardoso	1	—
M. J. Elles	—	1

N.

Nicolao de Clamouse Browne..................	—	1
= João Franzini, Lisboa..................	1	—
= Joaquim Pereira..........................	—	1

P.

Paulo Midosi, Lisboa..........................	—	1
= Rodrigues Barboza......................	1	—
Pedro Maria da Costa Almeida..................	—	1
Padre Pedro Pinto Furtado, Sanfins............	1	—
Pedro Teixeira de Mello.......................	1	—

R.

Reid (Miss)...................................	—	1
Ricardo Van-Zeller............................	1	—
Roque Joaquim Fernandes Thomaz, Lisboa.	—	1
R. H. Russell.................................	—	4
R. P. Dagge...................................	—	1

S.

Sebastião d'Almeida e Brito...................	1	—
= Tavares de França, S. Christovão.	—	1
= Teixeira Lobo, Sabroza...........	—	1
Simão da Cunha, Provezende................	—	1
Sociedade Real Geographica de Londres....	—	1
= Geographica de Pariz..............	—	1

T.

Theodore Pichon................................	1	1
Theodoro José Biancardi, Rio de Janeiro..	—	1
T. I. Smith....................................	—	1
Timotheo Antonio da Silva Menêzes, V. N. da Cerveira..................................	1	—

Thomas Bowden	—	1
= Glas Sandeman	—	1
= H. Whiteley	—	1
= Murdoch, F. R. S. Londres	—	1
= Norton	—	1
= Pinto da Silva	1	—

V.

Valentim Brandão Moreira de Sá Sotto Maior, Guimarães	—	1
Visconde das Antas	1	1
= Ervedosa, Bragança	—	1
= de Fonte Arcada, Lisboa	1	—
= de Sá da Bandeira, Lisboa	—	1
= de Semodães	1	—

W.

W. R. Harris	—	6

Z.

Zeferino José Pereira do Lago, Villarinho de S. Romão	—	1
